

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

CAMPUS DE MARÍLIA

VINICIUS DE JESUS SOARES

**CULTURA E DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAIS EM DISCIPLINAS DE
ITINERÁRIO FORMATIVO DO NOVO ENSINO MÉDIO**

MARÍLIA

2024

VINICIUS DE JESUS SOARES

**CULTURA E DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAIS EM DISCIPLINAS DE
ITINERÁRIO FORMATIVO DO NOVO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Campus de Marília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio). Área de concentração: Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio). Linha de pesquisa: Práticas de Ensino e Conteúdos Curriculares. **Orientador:** Prof.º. Dr.º Marcelo Augusto Totti.

MARÍLIA

2024

S676c	Soares, Vinícius de Jesus Cultura e Diversidade Étnico-raciais em disciplinas de itinerário formativo do Novo Ensino Médio. / Vinícius de Jesus Soares. -- Marília, 2024 160 p. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília Orientador: Marcelo Augusto Totti 1. Diversidade e Cultura. 2. Etnocentrismo, Raça e Etnia. 3. Respeito e Preconceito. 4. Racismo e Intolerância. 5. Poder e Crime. I. Título.
-------	--

VINICIUS DE JESUS SOARES

**CULTURA E DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAIS EM DISCIPLINAS DE
ITINERÁRIO FORMATIVO DO NOVO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, campus de Marília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio). Área de concentração: Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio).

Linha de pesquisa: Práticas de Ensino e Conteúdos Curriculares.

Orientador: Profº. Dr. Marcelo Augusto Totti.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Cauê Gomes Flor

Prof. Eva Aparecida da Silva

Prof. Marcelo Augusto Totti

SUPLENTE

Prof. Sueli Guadalupe de Lima Mendonça

Prof. Vitor Machado

Marília, 30 de agosto de 2024.

Dedico esta pesquisa e a busca pelo Mestrado Profissional de Sociologia a todos que, de alguma forma, contribuíram para a minha trajetória até o momento. Agradeço a todos os professores, familiares, amigos e colegas que estiveram ao meu lado, compartilhando conhecimento e experiências. Que este trabalho represente não apenas o meu esforço, mas também o reconhecimento da importância do apoio e da troca de aprendizado ao longo do caminho. Que as reflexões e expectativas aqui expressas possam inspirar outros em suas próprias jornadas acadêmicas e profissionais. Que as possíveis repercussões deste mestrado se estendam além da minha própria docência, impactando positivamente a Comunidade Acadêmica e Profissional. Que este seja um passo significativo rumo a uma contribuição cada vez mais relevante para a sociedade.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a todas as pessoas envolvidas diretamente e indiretamente nessa trajetória que de uma forma ou de outra, incentivaram afetiva e amorosamente esse percurso. Agradeço aos meus familiares por todo apoio e motivação, por sempre acreditarem na minha capacidade, principalmente à minha Pedra Preciosa Eliane, e aos meus lapidados três filhos Isaac, Benício e João Pedro, que nos momentos mais difíceis cuidaram do meu físico e mental, com palavras e gestos de incentivo, com um cafezinho e queijinho mineiro que dava forças para continuar a presença de corpo e alma nas aulas.

Agradeço aos meus amigos, principalmente aos companheiros "Os grevistas, rebeldes, insurgentes, persistentes e insubordinados que não desistem facilmente por uma educação equitativa" e que não soltaram a minha mão durante essa longa e difícil jornada. São eles: Patricia Aparecida Monteiro da Silva in memoriam, Antônio Alves de Freitas in memoriam, Mônica Gárcia Pontes, Miguel Pereira dos Santos, Jorge Guedes Chauã, Mayumi Yamamoto Pach, Angela Maria da Silva, Elizabeth Aparecida Pereira Tapias Martinez, Nivaldo Bonoro de F. Junior, Emerson Abud Marciel, Sueli Sant´Ana de Miranda, Bruno Ricardo Pacheco Lisboa, Leonardo de Oliveira Vianna, Eliane do Carmo Lima, Maristela de Cássia Nogueira, Etiene Egg, Kelsen André M. dos Santos, Roberto Adriano dos Santos, Edivânia de Jesus Silva, Sandra Lourdes de Macedo, Sandra A. P. do Carmo Silva, Wesley de Faria Leonel, Rodrigo H. Valú Rodrigues, Juscilaine Aparecida Dias, Juliana Thaís de Araújo, Veralice Gomes da Silva e Ieda Machado de Avelar e aos alunos Luca G. Campos Souza, Ryan Simão de Paula, Adler Dias e Wemerson Junior Faustino Vieira, entre outros que na loucura da burocracia não se deixam abater e buscam fazer a diferença no chão da escola juntamente com nossos estudantes, onde sempre ouvimos que: “a luta deve continuar”.

Aos estudantes do Ensino Médio, por participarem da pesquisa, possibilitando o desenvolvimento da atividade e aceitarem participar do desafio da pesquisa colaborando nas ações, leituras e debates, que tanto fundamentaram este trabalho.

Às Professoras e Professores do Mestrado em Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio), pelo ensino, leituras e conversas tão maravilhosas proporcionadas em suas aulas como as que tive com Prof^a. Ana Paula Cordeiro e Prof^a. Dr^a Maria Valéria. Agradeço também aos Professores que aceitaram o convite para participarem da banca de qualificação: Prof^a. Dr^a Sueli Guadalupe de Lima Mendonça, Cauê Gomes Flor e Eva Aparecida da Silva pela disponibilidade em contribuir para a realização desta pesquisa e apontamentos na qualificação e defesa.

Ao meu orientador, Professor Dr. Marcelo Augusto Totti pelo aprendizado, acolhimento, broncas, liberdade para escrita e esclarecimento tanto nas aulas do Mestrado como nas orientações. A todos eles, meus sinceros agradecimentos.

“Quando o homem decidir reformar a sua consciência o mundo tomará outro roteiro.” Carolina Maria de Jesus.

“O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes.” Cora Coralina.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo central o desenvolvimento de uma sequência didática que auxilie na aplicação dos conceitos fundamentais das Ciências Sociais nos itinerários formativos do Novo Ensino Médio. Com a implementação do Novo Ensino Médio, que tem como discurso a implementação da flexibilização do currículo escolar e oferecer uma formação mais integrada e conectada às realidades sociais e econômicas dos estudantes, esta proposta pedagógica visa explorar a cultura como elemento central na construção dos diversos modos de vida das sociedades humanas. Além disso, aborda a cultura como uma produção social que enfrenta o esvaziamento de conteúdos no contexto do novo currículo escolar, que prioriza Áreas Tecnológicas e de Ciências Exatas em detrimento das Ciências Humanas.

O estudo enfatiza a necessidade de uma compreensão crítica da hierarquização dos indivíduos e grupos sociais, bem como do Eurocentrismo, que frequentemente contrasta com as resistências e contribuições das heranças culturais indígenas, africanas e de outros povos imigrantes na construção da identidade brasileira. Além do debate dos conceitos, a sequência didática propõe uma introdução ao estudo que leva ao relativismo cultural e ao entendimento para conceituar a diversidade cultural, promovendo uma reflexão sobre a complexidade das identidades culturais. O objetivo é não apenas educar os estudantes sobre esses tópicos, mas também fomentar uma compreensão crítica e reflexiva que permita o reconhecimento e o respeito pelas diversas manifestações culturais presentes na sociedade. Assim, espera-se que os alunos, dentro da estrutura do Novo Ensino Médio, desenvolvam habilidades e competências que os capacitem a lidar de maneira ética e conhecedora das questões de diversidade cultural no Brasil. Essa abordagem, em oposição aos princípios do Novo Ensino Médio, busca oferecer uma educação mais holística e inclusiva, que valorize as Humanidades e contribua para a formação de indivíduos críticos e conscientes.

Palavras-Chave: Culturas, Conceitos e Sequência didática

ABSTRACT

This dissertation has as its central objective the development of a didactic sequence that helps in the application of the fundamental concepts of Social Sciences in the training itineraries of New High School. With the implementation of the New Secondary Education, which aims to make the school curriculum more flexible and offer more integrated training connected to students' social and economic realities, this pedagogical proposal aims to explore culture as a central element in the construction of different modes of education. life of human societies. Furthermore, it addresses culture as a social production that faces the emptying of content in the context of the new school curriculum, which prioritizes technological and exact science areas to the detriment of human sciences.

The study emphasizes the need for a critical understanding of the hierarchization of individuals and social groups, as well as Eurocentrism, which often contrasts with the resistance and contributions of indigenous, African and other immigrant peoples' cultural heritages in the construction of Brazilian identity. In addition to the debate on concepts, the didactic sequence proposes an introduction to the study that leads to cultural relativism and understanding to conceptualize cultural diversity, promoting reflection on the complexity of cultural identities. The objective is not only to educate students about these topics, but also to foster a critical and reflective understanding that allows recognition and respect for the diverse cultural manifestations present in society. Thus, it is expected that students, within the structure of the New High School, will develop skills and competencies that enable them to deal ethically and knowledgeably with issues of cultural diversity in Brazil. This approach, in opposition to the principles of New Secondary Education, seeks to offer a more holistic and inclusive education, which values the humanities and contributes to the formation of critical and conscious individuals.

Keywords: Cultures, Concepts, and following teaching.

RESUMEN

Esta disertación tiene como objetivo central el desarrollo de una secuencia didáctica que ayude en la aplicación de los conceptos fundamentales de las Ciencias Sociales en los itinerarios formativos de la Nueva Escuela Secundaria. Con la implementación de la Nueva Educación Secundaria, que pretende flexibilizar el currículum escolar y ofrecer una formación más integrada y conectada con las realidades sociales y económicas de los estudiantes, esta propuesta pedagógica pretende explorar la cultura como elemento central en la construcción de diferentes modos de educación. la educación. Además, aborda la cultura como una producción social que enfrenta el vaciamiento de contenidos en el contexto del nuevo currículum escolar, que prioriza áreas tecnológicas y de ciencias exactas en detrimento de las ciencias humanas.

El estudio enfatiza la necesidad de una comprensión crítica de la jerarquización de individuos y grupos sociales, así como del eurocentrismo, que a menudo contrasta con las resistencias y contribuciones de las herencias culturales indígenas, africanas y de otros pueblos inmigrantes en la construcción de la identidad brasileña. Además del debate sobre conceptos, la secuencia didáctica propone una introducción al estudio que conduce al relativismo cultural y a la comprensión para conceptualizar la diversidad cultural, promoviendo la reflexión sobre la complejidad de las identidades culturales. El objetivo no es sólo educar a los estudiantes sobre estos temas, sino también fomentar una comprensión crítica y reflexiva que permita el reconocimiento y respeto por las diversas manifestaciones culturales presentes en la sociedad. Así, se espera que los estudiantes, dentro de la estructura de la Nueva Escuela Secundaria, desarrollen habilidades y competencias que les permitan abordar con ética y conocimiento las cuestiones de la diversidad cultural en Brasil. Este enfoque, en oposición a los principios de la Nueva Educación Secundaria, busca ofrecer una educación más holística e inclusiva, que valore las humanidades y contribuya a la formación de individuos críticos y conscientes.

Palabras clave: Culturas, Conceptos e Siguiende Enseñanza.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico - 01 - Onde você reside?.....	115
Gráfico 02 - Moradia-.....	115
Gráfico 03 - Qual é a sua cor?.....	116
Gráfico 04: Você acha que sua Comunidade possui “Vida Social?.....	116
Gráfico 05 – Com que Frequência você participa dos eventos culturais em sua comunidade?.....	116
Gráfico 06 -Existem instalações culturais em sua localidade e cidade?.....	117
Gráfico 07 - Teatro.....	117
Gráfico 08 – Cinema.....	117
Gráfico 09 - Café Cultural.....	118
Gráfico 10 – Biblioteca Comunitária.....	118
Gráfico 11 – Museu.....	118
Gráfico 12 – Casa de Cultura.....	119
Gráfico 13 – Diversidade Cultural.....	119
Gráfico 14 - Você está satisfeito com a promoção da cultura em sua localidade.....	120
Gráfico 15 - Ao se autovaliar você se sente intolerante?.....	120
Gráfico 16 – Você conhece alguém intolerante?.....	121
Gráfico 17 - Quem organiza a maioria dos eventos culturais em sua localidade?.....	122
Gráfico 18 – Concertos Musicais são organizados com frequência em sua localidade?.....	122
Gráfico 19 – Existem muitos restaurantes em sua localidade?.....	122
Gráfico 20 – Existem opções para a prática de esportes em sua localidade?.....	123
Gráfico 21 – Existem praças, caminhos e trilhas bem conservadas em sua localidade?.....	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Competência específica 5.....	55
Quadro 02 - Organizador curricular da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.....	56
Quadro 03 – Problematização.....	58
Quadro 04 - Diversidade e Cultura.....	58
Quadro 05 - Etnocentrismo.....	59
Quadro 06 - Raça e Etnia.....	59
Quadro 07 - Respeito.....	60
Quadro 08 – Preconceito.....	60
Quadro 09 - Racismo.....	61
Quadro 10 - Intolerância.....	61
Quadro 11 - Poder e crime.....	62
Quadro 12 - Produção e Exibição Audiovisual.....	62
Quadro 13 - Divulgação nas redes sociais e comunidade.....	63
Quadro 14 - Primeira Roda de Conversa.....	63
Quadro 15 – Segunda Roda de Conversa.....	64
Quadro 16 – Terceira Roda de Conversa.....	64
Quadro 17– Avaliação e Feedback de todos os envolvidos	65
Quadro 18– Revisão.....	65

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Reunião de alinhamento das atividades e Roda de Conversa entre Professores e Apoio Escolar.....	70
Figura 2 - Reunião dos docentes e as lideranças indígenas.....	70
Figura 3 - Exibição do documentário “Falas Negras” Rede Globo.....	94
Figura 4 - Exibição do documentário “Falas da Terra” e Ailton Krenak.....	94
Figura 5 - Análise “Autoimagem Intuição Sintética”.....	96
Figura 6 - Sessão pipoca no auditório com filme “Pantera Negra 2”	96
Figura 7 - Exibição do documentário “Human flow” e Taiko.....	97
Figura 8 - Documentário “Ubuntu” produzido pelos alunos.....	97
Figura 9 - Significação/símbolos “Flecha Pataxó” produzida pelos alunos.....	98
Figura 10 - Oficina de idiomas e jogos “Japão em Minas” produzida pelos alunos.....	99
Figura 11 - Slides “Qual é minha cor?” Power Point.....	99
Figura 12 - Slides “Qual é minha cor?” Power Point.....	100
Figura 13 - Leituras poéticas e Batalha de rimas produzida pelos alunos.....	100
Figura 14 - Oficina e debate “Capoeira dança ou luta?” produzida pelos alunos.....	100
Figura 15 - Análise e debate “Movimento Racionais?” produzida pelos alunos e mediado pelo professor.....	101
Figura 16 - Foto: Oficina de caricaturas “Auto Retrato” produzida pelos alunos.....	101
Figura 17 - Foto: Júri simulado “Cotas” produzido pelos alunos.....	102
Figura 18 - Foto: Júri simulado “Cotas” produzido pelos alunos.....	102
Figura 19 - Exposição de Arte dos Povos indígenas.....	103
Figura 20 - Folder do Festival das Estrelas “Tanabata Matsuri” AMCNB.....	104
Figura 21 - Foto: Ensaio Fotográfico para o Mural.....	105
Figura 22 - Mural de fotografias no hall da escola.....	105
Figura 23 - Mural de fotografias no hall da escola.....	106
Figura 24 - Mural de fotografias no hall da escola.....	106
Figura 25 - Mural de fotografias no hall da escola.....	106
Figura 26 - Mural de fotografias no hall da escola.....	107
Figura 27 - Convite para a Primeira Roda de Conversa.....	108
Figura 28 - Primeira Roda de Conversa.....	108

Figura 29 - Primeira Roda de Conversa.....	109
Figura 30 - Primeira Roda de Conversa.....	109
Figura 31 - Foto: Convite para a Segunda Roda de Conversa.....	110
Figura 32 - Foto: Segunda Roda de Conversa.....	110
Figura 33 - Foto: Convite para a Terceira Roda de Conversa.....	111
Figura 34 - Foto: Convite para a Terceira Roda de Conversa.....	112
Figura 35 - Montagem de fotos: Terceira Roda de Conversa.....	112
Figura 36 - Produção Textual no caderno.....	113
Figura 37 - Foto: Produção Textual no caderno.....	114
Figura 38 - Fotografia: Vini Soares, História e Imagem.....	119
Figura 39 – Fotografia: Vini Soares, História e Imagem.....	121

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SD – Sequência Didática

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CMG - Currículo Minas Gerais etapa Ensino Médio

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação
Nacional

PROFSOCIO - Mestrado Profissional de Sociologia em Rede
Nacional

UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

AMCNB - Associação Mineira de Cultura Nipo-brasileira

FUNEC - Fundação de Ensino de Contagem

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	18
2. Introdução	21
3. “Cultura, Diversidade Étnico-raciais em Disciplinas de Itinerário Formativo do Novo Ensino Médio” e Contextualização da Sociologia no Brasil.....	23
4. Abordagens teóricas relativas à diversidade cultural nas Ciências Sociais no Ensino Médio.....	31
4.1 Conceitos e definições.....	35
4.2 Diversidade.....	40
4.3 Cultura.....	40
4.4 Etnocentrismo.....	42
4.5 Raça.....	44
4.6 Etnia.....	45
4.7 Respeito.....	46
4.8 Preconceito.....	47
4.9 Racismo.....	48
4.10 Intolerância.....	49
4.11 Poder e Crime.....	50
5. Caminhos da Sequência Didática.....	53
5.1 Público Alvo e Sondagem.....	66
5.2 Desenvolvimento.....	68
6 Sequência Didática.....	69
6.1 Primeira aula – Diversidade e Cultura.....	71
6.2 Segunda aula: Etnocentrismo.....	74
6.3 Terceira Aula: Discussão sobre identidade racial.....	76
6.4 Quarta aula: Respeito.....	79
6.5 Quinta aula: Preconceito.....	83

6.6 Sexta aula: Racismo.....	88
6.7 Sétima aula: Intolerância.....	90
6.8 Oitava aula: Poder e Crime.....	92
6.9 Nona aula: Produção e Exibições Audiovisuais.....	94
6.10 Décima aula: Divulgação nas redes sociais e na Comunidade.....	103
6.11 Décima Primeira aula: Primeira Roda de Conversa.....	107
6.12 Décima Segunda aula: Segunda Roda de Conversa.....	110
6.13 Décima Terceira aula: Terceira Roda de Conversa.....	111
6.14 Décima Quarta e Quinta aula: Avaliação e Feedbacks de todos envolvidos.....	113
7. Formas de análise e Resultados.....	114
8. Considerações Finais.....	140
9. Referências Bibliográficas.....	143
10. Anexo I.....	149

1. APRESENTAÇÃO

Sou graduado em Ciências Sociais e em História, professor da Educação Básica há 17 anos e venho trilhando um caminho que, de modo cotidiano, faz com que eu reflita e sinta na pele questões sociais entrelaçadas à desigualdades. Meu lar, meu trabalho, minhas principais experiências de vida têm como principal cenário a periferia e tudo que ela traz de vida, de luta pela sobrevivência, de fome, de retrato do Racismo Estrutural desse país.

Dentre as experimentações que me marcam, cito minha docência voluntária na Associação de Moradores do bairro Sol Nascente, na periferia de Ibitiré, município da região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) de índice de Desenvolvimento Humano (IDH) médio (0,7). Trata-se de um território de convívio diverso e nele atuei junto a pessoas estigmatizadas por condições de raça/cor, gênero e classe. Muitas daquelas pessoas existem em mim também.

Fui Coordenador e Professor da Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes MG- EDUCAFRO - e Educador Social no Processo Estratégico Poupança Jovem na Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social, SEDESE, além de atuar em várias escolas públicas periféricas de outros municípios. Essas experiências se entrelaçam de modo que vou me tornando um educador emaranhado aos Mundos dos Educandos. Nesses processos, aprendemos juntos, choramos e rimos juntos e, especialmente, problematizamos as produções culturais que modificam mundos mesmos que em microterritórios tais como lares, ruas, pontos de encontro.

Nesse movimento, encontro-me “comigo mesmo”. Com o que fui e com o que vou me tornando. Lembro-me, com alegria e interrogações, que concluí a Educação Básica aos 17 anos e, na época, tinha o desejo de trabalhar em uma empresa de renome, ter o meu próprio dinheiro e ajudar em casa. Não tinha perspectiva de fazer um curso de graduação, de produzir conhecimento na academia. Lancei-me cedo no mercado de trabalho. Fui Repositor de Mercadorias no Hipermercado Carrefour em um shopping elitizado. Sobrava pouco tempo para estudar e muito tempo para servir pessoas que, muitas vezes, me desconsideravam como ser humano capaz de desejar como eles. O cansaço e os horários não me favoreciam. Fiz diversos cursos profissionalizantes de pouca duração, mas fiquei longe da possibilidade de tentar um vestibular por cinco anos. Contudo, no dia a dia do trabalho, fui produzindo o desejo de ir para a faculdade. Lembro-me que, na época, meu intuito era exclusivamente de ascensão social.

Em 2005, iniciei o curso de História. Nele vi deslanchar um mundo novo, com possibilidades de reflexão e de intervenção nos territórios. Senti inicialmente medo,

empolgação, receio por uma questão, especialmente, financeira. Pensava que esse mundo não tivesse sido construído e preparado para mim, para meus antepassados e descendentes. Contudo, fui constantemente desafiado a prosseguir.

No âmbito privado, vivenciei a doença da minha mãe que resultou em sua morte no dia 07 de julho de 2005. No mesmo ano, fiquei desempregado. Não parei de estudar, mas arrastei todo o terceiro período mergulhado em uma tristeza profunda. Logo depois com um resultado obtido pelo Programa Universidade para Todos, PROUNI, cheguei ao ponto máximo da frustração, pois havia uma nova possibilidade de mudança, mas como, mesmo com a bolsa, o curso ficaria caro, não pude desfrutar da oportunidade apresentada de fazer outra graduação.

Comecei a lecionar Geografia em 2006 para juntar dinheiro, tranquei o curso de História por um semestre e, nesse tempo, refleti sobre a “importância” de concluir o curso de História para minha trajetória enquanto negro e morador de uma periferia. Lecionar em uma escola que se localiza num bairro com características mistas de periferia e ambiente rural foi, para mim, o gatilho para entender o meu papel enquanto Professor. Eu me vi por diversas vezes nos rostos daqueles alunos e isso foi primordial para que eu prosseguisse. Formei em 2008. Logo depois surgiu uma oportunidade de lecionar Sociologia e, então, me encontrei profissionalmente. A paixão pelas Ciências Sociais fez com que eu buscasse minha segunda graduação. Em 2015, eu me formei em Ciências Sociais.

Para complementar minha renda, já atuante como professor, fiz um curso de fotografia e utilizo essa ferramenta tecnológica e outros saberes na minha prática pedagógica. Recentemente, fiz um concurso e trabalhei como motorista da Secretária de Assistência Social e Habitação no Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS) da cidade de Ponte Nova - MG. Neste ambiente de trabalho convivi com pessoas em situação de rua, em uso abusivo de drogas. A escuta dessas pessoas me trouxe um novo olhar e fui percebendo que preciso ir adiante nos meus estudos. Trazer contribuições para as Ciências Sociais. Aprender. Tornar-me um Professor de Sociologia que construa, de mãos dadas com os estudantes, uma rede de resistência à naturalização da desigualdade.

Sobre a situação acima mencionada, o Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional⁴ — (ProfSocio) na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) — representou a via escolhida para investigar e ponderar sobre as questões que envolvem minha existência, a problemática do racismo, as relações étnico-raciais no ambiente escolar e elaborar uma Sequência Didática a partir das relações étnico-raciais estabelecidas no cotidiano, visando contribuir para o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes.

A admissão no ProfSocio me permitiu integrar o Grupo de Pesquisa Laboratório de

Ensino e Pesquisa Educação e Sociedade (LEePES), sob a coordenação de Maria Valéria Barbosa. Essa oportunidade contribuiu para a construção de uma visão mais crítica e analítica dos autores da teoria Histórico-Cultural, bem como dos autores clássicos da sociologia, visando pensar em como elaborar uma sequência didática envolvente a partir dos referenciais teóricos que fundamentam as relações étnico-raciais.

¹ O ProfSocio é um mestrado profissional oferecido gratuitamente, em nível de pós-graduação stricto sensu, reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação (MEC). Tem o objetivo de propiciar um espaço de formação continuada para os professores de Sociologia que atuam na Educação Básica, ou àqueles que desejam atuar nesta área, inseridos em uma rede nacional de produção de metodologias de ensino e de pesquisa acerca das Ciências Sociais e Educação. <https://ProfSocio.ufc.br/pt/proposta/>
Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

2. INTRODUÇÃO

Em um contexto de intensas transformações na Educação Básica, o Novo Ensino Médio aparece como um dispositivo com potencial de produção de modos hegemônicos de ministrar aulas e abordar temáticas ligadas à Sociologia. Trata-se de uma oportunidade de produção de conteúdos curriculares que, produzidos articulados à pesquisa, ampliam possibilidades de permanência de conceitos básicos da Ciências Sociais, criação, análise e divulgação de novas tecnologias educacionais com atenção de não haver um esvaziamento de conteúdos.

Em 2021, participei de discussões acerca da criação de disciplinas inseridas em dois itinerários formativos em uma escola de Ensino Médio em Contagem. Trata-se de escolas com comunidades heterogêneas quanto às condições de vida, naturalidade, moradia, raça/cor. Tais características pressupõem um acolhimento dos estudantes, familiares e profissionais com um olhar sensível a múltiplas realidades e experiências de vida.

De acordo com a pesquisa de campo realizada uma das formas encontradas pela equipe gestora e pedagógica para propiciar este acolhimento é pelo respeito a diferentes manifestações sociais, culturais, bem como de credo religioso. Projetos que estimulam reflexões acerca concepções e práticas de discriminação são considerados essenciais nesse processo. Vale ressaltar que em Minas Gerais a concepção e debate de um Novo Ensino Médio em 2013 tinha no cenário a PL 6840/2013 encabeçada por Reginaldo Lopes como um dos seus defensores e posteriormente a incorporação de setores privados a exemplo disso o Instituto Ayrton Senna, Instituto Unibanco, Fundação Lemann e grupo Todos pela Educação e organizações civis e sociais do terceiro setor e também setores privados da educação de Minas Gerais.

A constatação que o Novo Ensino Médio não é para a juventude fazer frente a precarização e as agruras históricas da educação, mas sim ser alvo de um propósito de desmonte com as diferentes realidades, uma vez que em Minas Gerais tem de acordo com os dados da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais são 3.366 escolas em seu total, sendo 605 em toda sua região metropolitana de Belo Horizonte em áreas urbanas e rurais, com mais e menos investimento financeiro.

A não atenção para essas diferentes realidades dos alunos é uma elaboração que visa a preparação para atender as demandas do mercado que quer se conceber num processo de suprimir os direitos e desregulamentação do trabalho que vão de encontro com a reforma trabalhista e a uberização. As escolas estaduais de Minas Gerais com o Novo Ensino Médio são 363 em seu total e tem diretrizes específicas que padronizam os itinerários de tal forma que

levam o desmonte de seus conteúdos que encontram se fora de uma sistematização dos conteúdos das matérias da base comum.

A sequência didática proposta inclui a análise e discussão de uma série de conceitos-chave, como diversidade, cultura, raça, etnia, respeito, preconceito, racismo, intolerância, crime e etnocentrismo. Entretanto, o primeiro capítulo teve por objetivo uma breve contextualização da Sociologia no Brasil que é ressaltada como essencial para compreender as dinâmicas sociais e culturais da sociedade, contribuindo para uma análise crítica das relações humanas e das estruturas sociais. No decorrer do segundo capítulo, são apresentadas abordagens teóricas sobre a diversidade cultural nas Ciências Sociais, evidenciando que a diversidade cultural é um fenômeno complexo que envolve diversos aspectos críticos e reflexivos sobre as diferentes manifestações culturais na sociedade. O terceiro capítulo é o caminho da sequência didática que surge como um recurso pedagógico relevante para o planejamento e desenvolvimento de atividades educacionais que abordem a diversidade étnico-raciais e cultural, contribuindo não apenas para a construção de conhecimento, mas também para a formação de sujeitos críticos e conscientes de sua atuação na sociedade. Na abordagem do quarto capítulo os textos que foram trabalhados juntamente com as questões levaram os alunos a reflexão de cada conceito pretendido. Por fim, a análise dos resultados obtidos no quinto capítulo trás as formas e os resultados obtidos a partir da aplicação da sequência didática que destaca a importância dessas atividades no processo de ensino e aprendizagem, e na promoção da conscientização e valorização da diversidade entre os estudantes.

No contexto de produção dos itinerários formativos do Novo Ensino Médio nas escolas municipais de Contagem, foi aprovada a disciplina “Introdução à Pesquisa em Ciências Humanas em um eixo de ensino aprendizagem denominado “investigação científica” e a disciplina “Desenvolvendo Temáticas em Sociologia” no eixo de ensino-aprendizagem denominado “mediação e intervenção sociocultural”. As escolhas por esses itinerários foram fundamentadas nos projetos desenvolvidos pela escola nos últimos anos e inspiradas na possibilidade de partilhar ideias que valorizem as mais diversas manifestações e culturas. Nesse percurso, é possível visualizar aplicação dos conceitos das Ciências Sociais nos itinerários formativos no Novo Ensino Médio. Um dos pensadores que escreve a respeito de trocas culturais no mundo globalizado que vivemos é o argentino Néstor Garcia Canclini no seu livro “Culturas híbridas” (1998). Ele lança um olhar sobre a história e como os processos de mudanças faz a construção de uma própria cultura e a respeito de novos enfrentamentos ao Novo Ensino Médio.

Contudo, na sequência didática a utilização do conteúdo do livro “Os usos da Fotografia

no ensino de Sociologia” Cristiano Bodart apresenta diversas abordagens sobre como a fotografia pode ser utilizada como recurso educacional, fortalecendo os possíveis passos para sua aplicação em sala de aula. A obra destaca a importância da utilização da imagem como ferramenta didática, fortalecendo o processo de ensino e aprendizagem.

3. “CULTURA, DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAIS EM DISCIPLINAS DE ITINERÁRIO FORMATIVO DO NOVO ENSINO MÉDIO” E CONTEXTUALIZAÇÃO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL.

A pretensão de produzir uma sequência didática sobre “Práticas de ensino e conteúdos curriculares” com o tema “Cultura, Interatividade, Diversidade Étnico-raciais em Disciplinas de Itinerário Formativo do Novo Ensino Médio”. A produção de uma prática dialógica, que traz a vida para a sala de aula e que discute as diferentes estruturas sociais, os mecanismos de subordinação, às determinações sociais, dentre outros assuntos pertinentes são necessárias. Nesse sentido Machado e Totti afirmam:

A experiência do PIBID/Ciências Sociais", da Unesp/Marília vinculada a uma escola periférica da zona oeste, na mesma cidade, possibilitou-nos articular um movimento dialético de intervenção através do instrumento metodológico denominado espiral, que mapeou o conhecimento sociológico dos alunos.

A experiência acima, destaca a importância de estratégias pedagógicas inovadoras no ensino de Ciências Sociais. Nesse contexto, podemos traçar um paralelo com a produção de uma sequência didática de Sociologia, considerando a relevância de metodologias que promovam a reflexão crítica e a contextualização dos conteúdos para os estudantes.

No projeto do PIBID, a utilização do método da espiral se mostrou eficaz ao permitir uma compreensão gradual e cumulativa dos conhecimentos sociológicos. Esse método possibilita revisar conceitos e temas ao longo do processo educativo, aprofundando o entendimento dos alunos de acordo com o seu desenvolvimento intelectual e a complexidade dos assuntos abordados. Da mesma forma, ao elaborar uma sequência didática em Sociologia, é crucial implementar uma abordagem que permita revisar e expandir os tópicos de estudo, construindo sobre o conhecimento prévio dos alunos.

Por exemplo, ao tratar de temas como diversidade, cultura, etnocentrismo, raça, etnia, respeito, preconceito, racismo, intolerância, poder e crime em uma sequência didática pode

iniciar com conceitos básicos e exemplos cotidianos, progredindo para discussões mais complexas e críticas sobre como essas questões são refletidas e perpetuadas na sociedade. A prática pedagógica deve ser orientada por uma perspectiva dialética, onde os alunos são incentivados a questionar e analisar as estruturas sociais e as dinâmicas de poder.

A experiência do PIBID também revela a importância de adaptar o ensino às realidades locais e às experiências dos estudantes. Ao trabalhar em uma escola periférica, os bolsistas do PIBID puderam desenvolver atividades e discussões que eram relevantes e ressonantes para a comunidade escolar. Na criação de uma sequência didática de Sociologia, é igualmente essencial considerar o contexto socioeconômico e cultural dos alunos, utilizando exemplos e estudos de caso que reflitam suas realidades e interesses.

Além disso, a interação constante entre teoria e prática é fundamental. No caso do PIBID, a aplicação do método espiral envolvia uma integração contínua entre a teoria sociológica e a observação e análise da realidade vivida pelos alunos. Na sequência didática, essa integração pode ser promovida através de atividades práticas, como projetos de pesquisa, entrevistas, ou debates, que incentivem os alunos a aplicar teorias sociológicas para entender e explicar fenômenos sociais reais.

Tanto a experiência do PIBID/Ciências Sociais quanto a produção de uma sequência didática de Sociologia destacam a importância de metodologias que promovam um aprendizado ativo e reflexivo. A utilização de métodos como o espiral e a adaptação dos conteúdos ao contexto dos alunos são estratégias eficazes para fomentar uma compreensão crítica das Ciências Sociais e capacitar os estudantes a analisar e agir sobre a realidade social de maneira informada e consciente.

Nesse contexto, a aplicação de práticas pedagógicas que sejam semelhantes e que busquem a promoção de conceitos como, cultura, etnocentrismo e relativismo cultural são fundamentais para a produção de novos currículos no Ensino Médio que lancem um olhar diferenciado para as relações culturais em suas mais diversas manifestações. Há uma aposta de que abordagens como essas no Ensino Médio auxiliem em uma formação que respeite mais as vidas em suas singularidades. Dessa forma, a escola cumpre com o papel de uma escola que seja significativa. Nesse sentido Gramsci nos elucidam:

O professor busca tomar consciência do que os meninos têm necessidade de aprender e começa depois a falar sobre aquele determinado assunto, buscando despertar a curiosidade e o interesse deles; tão logo o consiga, deixa que prossigam por sua conta, limitando-se a responder às suas perguntas e a guiá-los em suas investigações. Esta

escola, que representa uma reação contra todas as fórmulas, contra o ensino dogmático, contra a tendência a tornar mecânica a instrução, “ deu resultados surpreendentes” ; os meninos se apaixonam de tal modo pelas lições que, por vezes, permanecem na escola até tarde da noite, afeiçoam-se a seus professores, que são para eles companheiros e não autocratas pedagogos, e sofrem sua influência moral; mesmo intelectualmente, o progresso deles é bastante superior ao dos alunos das escolas comuns. (GRAMSCI, 2001,p.p. 175-176).

Importante destacar que, assuntos como o proposto neste trabalho contribuem para repensar outros conteúdos presentes, inclusive na Base Curricular Comum (BNCC). Aproximar as discussões de currículos às práticas cotidianas na sala de aula considerando as culturas nas quais todos os sujeitos da escola estão envolvidos é alçar voo para um Ensino Médio que realmente participa da construção de um mundo diferente do que está posto. Interessa, portanto, debruçar na linha de pesquisa proposta e buscar conteúdos que dialoguem com a formação de sujeitos críticos, que respeitem as diferenças e são capazes de atitudes concretas para promover mudanças. São autores importantes para refletir sobre essa produção Florestan Fernandes, Terry Eagleton, Nestor Garcia Canclini, Gilberto Freyre, Max Weber e outras leituras complementares. A escolha por essa linha de pesquisa dialoga, portanto, de modo muito estreito com algumas expectativas e frustrações dos professores de sociologia do Ensino Médio na atual conjuntura das práticas do currículo do Novo Ensino Médio, sendo uso dos materiais propostos para movimentar estruturas desiguais há muito instituídas.

O papel da cultura e da diversidade étnico-raciais no contexto das disciplinas de itinerário formativo do Novo Ensino Médio tem sido objeto de discussão e reflexão no campo da educação com a implementação do Novo Ensino Médio. Nesse sentido, o capítulo I do presente estudo aborda justamente essa temática dentro das Ciências Sociais, buscando compreender como tais aspectos podem ser integrados como resistência no currículo escolar, tendo em vista a promoção da igualdade, do respeito à diversidade e da valorização das diferenças. A contextualização da Sociologia no Brasil se mostra como um elemento fundamental para o entendimento das dinâmicas sociais e culturais que permeiam a nossa sociedade. A Sociologia, enquanto disciplina acadêmica contribuí significativamente para a análise crítica das relações humanas e das estruturas sociais, possibilitando uma reflexão mais aprofundada sobre as desigualdades e injustiças presentes em nosso contexto sociocultural.

A Sociologia no Brasil possui uma história relevante e complexa, moldada por uma variedade de influências e contextos ao longo dos anos. Seu surgimento no país remonta ao final do século XIX, quando começaram a emergir os primeiros estudos e reflexões sobre a

sociedade. Essa disciplina foi fortemente influenciada por correntes de pensamento europeias, como o marxismo de Karl Marx, que trouxeram novas perspectivas para a compreensão da realidade social brasileira.

Além das influências externas, a Sociologia no Brasil também foi moldada por correntes locais que contribuíram para sua consolidação. Destaca-se a Escola Sociológica Paulista, liderada por nomes como Florestan Fernandes, que trouxe um olhar crítico sobre as desigualdades sociais e as estruturas de poder presentes na sociedade brasileira. Essa abordagem sociológica contribuiu para a formação de uma consciência social mais ampla e para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a transformação social.

Ao longo do tempo, a Sociologia no Brasil tem enfrentado desafios e transformações. A diversidade cultural e as desigualdades sociais presentes no país exigem constantes reflexões e estudos para compreender as dinâmicas sociais em diferentes contextos. A pesquisa sociológica no Brasil abrange temas como raça, gênero, classe social, política e cultura, buscando entender as relações sociais e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A Sociologia continua desempenhando um papel fundamental na análise e transformação da realidade brasileira, promovendo a conscientização e a busca por soluções para os desafios sociais enfrentados pelo país.

Os primórdios da Sociologia no Brasil estão associados a um período de mudanças políticas, sociais e econômicas. Intelectuais e acadêmicos dedicaram-se à compreensão dos desafios sociais do país, promovendo debates e discussões que deram os primeiros passos para a consolidação da disciplina.

A Sociologia no Brasil se expandiu e se desenvolveu, ganhando terreno em instituições acadêmicas e universidades. Várias correntes de pensamento foram exploradas e adaptadas à realidade brasileira, ampliando o escopo de estudos sociológicos. Essas correntes variam desde perspectivas mais estruturais até abordagens mais voltadas para a compreensão da realidade social brasileira em sua diversidade.

Diversos pensadores, intelectuais e acadêmicos contribuíram significativamente para a transformação da Sociologia no país. Suas análises e pesquisas influenciaram não apenas o campo acadêmico, mas também a compreensão dos problemas sociais e a formulação de políticas públicas que está interligada a história da Sociologia no Brasil que enfrentou desafios e transformações ao longo do tempo, refletindo mudanças na sociedade, adaptações e inovações foram necessárias para lidar com novos cenários sociais, políticos e culturais.

A consolidação da Sociologia como disciplina acadêmica no Brasil passou por diversas

fases, sendo uma delas a criação de instituições acadêmicas voltadas para o estudo e pesquisa sociológica. No início do século XX, surgiram os primeiros departamentos de Sociologia em universidades brasileiras, como a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Essas instituições foram fundamentais para o desenvolvimento da Sociologia como campo de estudo reconhecido e respeitado.

A inserção da Sociologia nos currículos educacionais também desempenhou um papel importante na sua consolidação. A partir da década de 1930, a disciplina passou a ser introduzida nas escolas secundárias, proporcionando aos estudantes uma formação mais ampla sobre as questões sociais. A inclusão da Sociologia no currículo escolar contribuiu para disseminar o conhecimento sociológico entre as novas gerações e para despertar o interesse pela compreensão das relações sociais.

A Sociologia desempenhou um papel fundamental durante a Reforma Benjamin Constant, um movimento político e educacional ocorrido no Brasil no final do século XIX. Através da análise sociológica, os intelectuais da época buscaram compreender as transformações sociais e políticas que estavam ocorrendo no país.

Um dos principais objetivos da Sociologia na Reforma Benjamin Constant era promover uma educação mais voltada para a formação cidadã e para a compreensão dos problemas sociais. Através do estudo da sociedade e das relações entre os indivíduos, os sociólogos buscaram fornecer aos estudantes as ferramentas necessárias para entender e transformar a realidade em que viviam.

A Sociologia também teve um papel importante na análise das desigualdades sociais presentes na época. Os sociólogos da Reforma Benjamin Constant investigaram as condições de vida da população mais pobre e buscaram propor medidas para diminuir as disparidades sociais. Através do estudo das estruturas sociais e das relações de poder, eles contribuíram para a construção de um pensamento crítico sobre as desigualdades.

A Sociologia na Reforma Benjamin Constant também teve um papel fundamental na análise das transformações urbanas e industriais que estavam ocorrendo no Brasil. Os sociólogos estudaram as mudanças nas relações de trabalho, o surgimento de novas formas de organização social e as consequências dessas transformações para a vida das pessoas. Essa análise permitiu uma compreensão mais profunda dos desafios e oportunidades trazidos pela industrialização.

Por fim, a Sociologia na Reforma Benjamin Constant contribuiu para a formação de uma consciência crítica na sociedade brasileira. Através do estudo das estruturas sociais, das relações de poder e das transformações sociais, os sociólogos da época estimularam a reflexão sobre as

questões sociais e políticas do país.

A Reforma Rocha Vaz, implantada na Faculdade Nacional de Filosofia da antiga Universidade do Brasil (hoje UFRJ) no final da década de 1950, foi um marco na história da Sociologia no país. Essa reforma foi liderada pelo sociólogo e educador Florestan Fernandes, que buscava uma renovação radical nos métodos e conteúdos de ensino da disciplina. Uma das principais propostas da Reforma Rocha Vaz era romper com uma abordagem tradicional da Sociologia, marcada por um viés mais conservador e teórico, para uma visão mais crítica e socialmente engajada.

A reforma visava atualizar os métodos de ensino e os conteúdos abordados na Sociologia, buscando uma aproximação maior com a realidade social brasileira. A ideia central era promover uma abordagem mais dinâmica e contextualizada da disciplina, aplicando-a na compreensão dos problemas sociais do Brasil naquele período. Isso implicava em uma sociologia mais comprometida com a análise das desigualdades sociais, questões de classe, raciais e estruturais do país.

A Reforma Rocha Vaz também buscava expandir o acesso ao ensino superior e, conseqüentemente, à Sociologia. Pretendia-se tornar a disciplina mais acessível a estudantes de diferentes camadas sociais, formando profissionais críticos e engajados na transformação da realidade social brasileira. Essa abordagem, pioneira para a época, promovia a visão de uma Sociologia comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A reforma teve um impacto significativo na formação de sociólogos e na própria estrutura do ensino da Sociologia no Brasil. Contribuiu para a consolidação de uma abordagem mais crítica e reflexiva, que buscava compreender a sociedade brasileira em suas múltiplas dimensões, desafiando visões hegemônicas e propondo uma análise mais plural e inclusiva. A Reforma Rocha Vaz deixou um legado importante para a Sociologia brasileira, influenciando não apenas o ensino da disciplina, mas também os rumos da pesquisa e atuação dos sociólogos no país.

A Reforma Francisco Campos, também conhecida como Reforma Capanema, foi uma intervenção significativa na educação brasileira promovida pelo governo de Getúlio Vargas, em 1942. A reforma teve impacto direto no ensino de Sociologia e demais disciplinas, visando uma reorganização dos currículos do ensino secundário e superior. Francisco Campos, então Ministro da Educação e Saúde Pública, liderou essa transformação, que teve uma perspectiva nacionalista, buscando integrar o currículo escolar com a realidade política, social e econômica do país.

No contexto da Reforma Francisco Campos, a Sociologia foi incorporada aos currículos

do ensino médio, visando fornecer aos estudantes uma compreensão teórica das relações sociais e políticas, alinhada com a ideologia do Estado Novo. Nesse sentido, a disciplina foi adaptada para atender aos interesses do governo, fortalecendo uma visão conservadora e nacionalista, alinhada aos ideais de ordem e estabilidade preconizados pelo governo vigente.

A inclusão da Sociologia nos currículos do ensino médio na Reforma Francisco Campos teve como intuito disseminar valores cívicos e políticos considerados essenciais para a formação dos jovens brasileiros. A disciplina, nesse contexto, foi utilizada como ferramenta para difundir uma ideologia de consenso e de manutenção da ordem social, adaptando os conteúdos para alinhar-se aos propósitos governamentais da época.

Apesar de ter inserido a Sociologia nos currículos educacionais, a abordagem da disciplina na Reforma Francisco Campos foi alvo de críticas por restringir-se a uma visão oficial e normativa, desconsiderando uma análise mais crítica e plural da realidade social brasileira. Essa abordagem limitada restringia o potencial da Sociologia como disciplina capaz de promover a reflexão e a compreensão mais ampla das dinâmicas sociais, deixando de lado questões mais profundas e conflitivas da sociedade.

A Reforma Francisco Campos teve um impacto profundo no ensino da Sociologia no Brasil, embora sua abordagem tenha sido alinhada aos interesses do governo de então. A disciplina foi moldada para atender às demandas políticas e ideológicas do período, refletindo uma visão oficial da realidade social, porém limitando a capacidade da Sociologia de desempenhar um papel crítico e reflexivo na compreensão das questões sociais.

Com o passar dos anos, a Sociologia foi ganhando espaço nas universidades e se tornou uma área de estudo cada vez mais consolidada. Novas instituições acadêmicas foram criadas em diferentes regiões do país, ampliando o acesso à formação em Sociologia e estimulando a produção científica nessa área. Além disso, a criação de cursos de pós-graduação em Sociologia fortaleceu ainda mais a pesquisa sociológica no país.

A consolidação da Sociologia também foi impulsionada pela atuação de importantes intelectuais e pesquisadores brasileiros, que contribuíram para o desenvolvimento teórico e metodológico da disciplina. Atualmente, a Sociologia está presente em diversos níveis de ensino, desde o ensino básico até a pós-graduação. A disciplina continua evoluindo e se adaptando aos desafios contemporâneos, buscando compreender as transformações sociais e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A consolidação da Sociologia no Brasil reflete o reconhecimento da importância do estudo das relações sociais e da busca por um conhecimento crítico sobre a realidade em que vivemos.

Atualmente, a Sociologia no Brasil continua a desempenhar um papel fundamental na

análise e compreensão das dinâmicas sociais. Seu impacto se estende para além do meio acadêmico, influenciando a compreensão dos desafios contemporâneos e contribuindo para a busca de soluções para questões sociais relevantes.

Este percurso histórico da Sociologia no Brasil reflete não apenas uma evolução acadêmica, mas também uma ferramenta crítica e analítica fundamental para a compreensão e o desenvolvimento da sociedade brasileira. Seu papel é crucial na identificação de problemas sociais e na proposição de caminhos para uma sociedade mais justa e equitativa.

Em Minas Gerais, em um contexto de intensas transformações na Educação Básica, o Novo Ensino Médio aparece como um dispositivo com potencial de produção de modos hegemônicos de ministrar aulas e abordar temáticas ligadas à Sociologia. Trata-se de uma oportunidade de produção de conteúdos curriculares que, produzidos articulados à pesquisa, ampliam possibilidades de permanência de conceitos básicos da Ciências Sociais, criação, análise e divulgação de novas tecnologias educacionais com atenção de não haver um esvaziamento.

Como mencionei na introdução desta pesquisa, reforço que a instituição que lecionei tem suas especificidades, porém reitero que trata-se de escolas com comunidades heterogêneas quanto às condições de vida, naturalidade, moradia, raça/cor. Tais características pressupõem um acolhimento dos estudantes, familiares e profissionais com um olhar sensível a múltiplas realidades e experiências de vida. Há uma valorização da participação coletiva na tomada de decisões. Uma das formas encontradas pela equipe gestora e pedagógica para propiciar este acolhimento é pelo respeito às diferentes manifestações sociais, culturais, bem como de credo religioso. Projetos que estimulam reflexões acerca concepções e práticas de discriminação são considerados essenciais nesse processo. É importante reafirmar que em Minas Gerais a concepção e debate de um Novo Ensino Médio em 2013 tinha no cenário o Projeto de Lei 6840/2013 proposto por Reginaldo Lopes como um dos seus defensores e posteriormente a incorporação de setores privados a exemplo disso o Instituto Ayrton Senna; Instituto Unibanco; Fundação Lemann; grupo Todos pela Educação; organizações civis e sociais do Terceiro Setor e também setores privados da Educação de Minas Gerais.

Volto a reflexão que há um debate de constatação que o Novo Ensino Médio não é para a juventude fazer frente a precarização e as percalços históricas da educação, mas sim ser alvo de um propósito de desmonte com as diferentes realidades, uma vez que em Minas Gerais tem de acordo com os dados da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais são 3.366 escolas em seu total, sendo 605 em toda sua região metropolitana de Belo Horizonte em áreas urbanas e rurais, com mais e menos investimento financeiro. A não atenção para essas diferentes

realidades dos alunos é uma elaboração que visa a preparação para atender as demandas do mercado que quer se conceber num processo de suprimir os direitos e desregulamentação do trabalho que vão de encontro com a Reforma Trabalhista e a Uberização.

As Escolas Estaduais de Minas Gerais com o Novo Ensino Médio são 363 em seu total e tem diretrizes específicas que padronizam os itinerários de tal forma que levam o desmonte de seus conteúdos que se encontram fora de uma sistematização dos conteúdos das matérias da Base Nacional Comum Curricular, BNCC.

Enfim, na minha pesquisa retornei a contextualização das mudanças e lutas pela permanência da Sociologia para entender o contexto de produção dos itinerários formativos do Novo Ensino Médio nas Escolas Municipais de Contagem, pois foi aprovada a disciplina “Introdução à Pesquisa em Ciências Humanas em um eixo de ensino aprendizagem denominado “Investigação Científica” e a disciplina “Desenvolvendo Temáticas em Sociologia” no eixo de ensino-aprendizagem denominado “Mediação e Intervenção Sociocultural” e foi perceptível algumas dificuldades dos docentes em colocar em prática o respeito pela disciplina. Por mais que escolhas por esses itinerários foram fundamentadas nos projetos desenvolvidos pela escola nos últimos anos e inspiradas na possibilidade de partilhar ideias que valorizem as mais diversas manifestações e culturais não tirou o desafio de se ter um currículo realmente significativo.

4. ABORDAGENS TEÓRICAS RELATIVAS À DIVERSIDADE CULTURAL NAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO

A análise dos conteúdos relacionados à diversidade cultural inseridos nessas disciplinas, bem como uma análise do cotidiano da sala de aula, considerando interação entre estudantes, destes com o professor, interesses dos estudantes pelas disciplinas, especialmente, quando são abordadas diferentes culturas. Após essa análise e uma revisão bibliográfica sobre abordagens relativas à diversidade cultural nas Ciências Sociais no Ensino Médio no Brasil, pretendo realizar uma discussão crítica sobre o tema. Uma análise que possa possibilitar o entendimento da formação do Povo Brasileiro como o que se encontra na obra “A Integração do Negro na Sociedade de Classes” do autor Florestan Fernandes. A sequência didática perpassa previamente por analisar e utilizar o material didático para debater com a gestão, os professores e alunos teorias que desconstruem a visão de convívio harmonioso entre as raças. Foi pelos estudos de Florestan Fernandes que participou das pesquisas financiadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, UNESCO, com Roger Bastide, que redundaram no livro “A Integração do Negro na Sociedade de Classes”. Nessa obra, publicada em 1965, o autor analisa as particularidades do Caso Brasileiro e afirma ser a democracia racial

um mito, uma imagem idealizada, que serve para garantir a manutenção da posição inferior do negro na Sociedade Brasileira. Como principal argumento, Florestan defende que os negros libertos no período pós-abolição não ameaçavam política e socialmente a posição de poder (e os privilégios) dos brancos, sendo desnecessárias medidas formais para promover o distanciamento entre negros e brancos.

Ao longo dos anos 1960 e 1970, inspirado pelos estudos de Florestan Fernandes, o Movimento Negro Brasileiro assumiu como bandeira política a luta contra a teoria da democracia racial. Ressalte-se ainda que esse movimento sofreu influência da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos nos anos 1950 e 1960. Os pretos e pardos constituem metade da população total, mas representam a grande maioria da população pobre. Some-se a isso o fato de que essa desvantagem econômica ocorre em quase todas as esferas da vida social, como no acesso às oportunidades culturais e educacionais, e no que se refere à participação política. Embora a população negra desempenhe papel importante na vida cultural e na produção de riquezas no Brasil, seu acesso a bens e serviços continua a ser mínimo se comparado ao da população branca.

No caso brasileiro, as Populações Indígenas, Afrodescendentes e Mestiças continuam a ser tratadas de maneira preconceituosa e desigual, confirmando as críticas de Florestan Fernandes ao tratamento dado à questão racial brasileira, bem como as limitações da tese da Democracia Racial. Contudo, esta última também tem seu valor. Se por um lado a tese de uma miscigenação pacífica e isenta de conflitos pode e deve ser criticada, já que não se confirma na realidade, por outro ela teve e ainda tem papel essencial na crítica às teses eugênicas e de superioridade racial. Nesse contexto Nunes afirma:

“A mudança de ‘estado social’ não trouxera consigo a ‘redenção da raça negra’ e os negros e mulatos custaram a perceber isso. Eles haviam sido expropriados de sua condição de dependentes e, submissos, recebido o peso de seu destino, mas não os meios para lidar com essa realidade. Sua única direção foi à marginalização, diante do desamparo real. Incorporar-se à escória do operariado urbano ou procurar no ‘ócio dissimulado’, na ‘vagabundagem sistemática’ ou na ‘criminalidade fortuita’ meios para salvar as aparências e a dignidade de ‘homem livre’”. NUNES, Gilcerlândia Pinheiro de Almeida. “A Integração do Negro na Sociedade de Classes”. Revista Cronos, NatalRN, v. 9, n. 1, p. 247-254, jun/jul. 2023.

Além de Canclini, considero importante me aprofundar em discussões de autores como Terry Eagleton que conceitua o termo cultura com base e definição etimológica, Florestan Fernandes, Nestor Garcia Canclini, Gilberto Freire, Max Weber e outras leituras complementares como do Allan G. Johnson que no “Dicionário de Sociologia: Guia Prático da Linguagem Sociológica” (1997) conceituou a interação como o processo que ocorre quando

peessoas agem em relação recíproca em um contexto social. Embora esse fato possa parecer óbvio, o conceito de interação repousa sobre uma distinção importante entre ação e comportamento. O mesmo autor afirma que comportamento inclui tudo que o indivíduo faz, de se coçar a escrever um romance ou jogar futebol. Ação, contudo, é um comportamento intencional baseado na ideia de como outras pessoas o interpretarão e a ele reagirão.

Na interação social, percebemos outras pessoas e situações sociais e, baseando-nos nelas, elaboramos ideias sobre o que é esperado e os valores, crenças e atitudes que a ela se aplicam. Nesse contexto, resolvemos agir de maneiras que terão os significados que queremos transmitir. Quando entramos em uma loja, por exemplo, grande parte do que fazemos baseia-se no reconhecimento de que estamos em uma situação de comércio e no conhecimento de que se espera dos vários atores que participam dessas situações. Quando apontamos para artigos que queremos comprar, perguntamos o preço, dizemos como vamos pagar etc., fundamentamos nossas ações no que pensamos que participam da situação. E é esse processo mental radicado em significado que distingue ação de comportamento e que ocupa lugar central na interação como processo social. O método geral para compreender o que fazemos em termos do significado que atribuímos ao nosso comportamento e ao do nosso semelhante é conhecido como teoria da ação. O desenvolvimento dessa teoria está ligado principalmente a Karl Max Weber e ao conceito que propôs de *verstehen* (“compreensão”, em alemão). Argumentava Weber que não podemos compreender o que as pessoas fazem sem ter alguma ideia de como elas, de forma subjetiva, interpretam seu próprio comportamento. Esse insight básico pede aos sociólogos que incluam a empatia no método que usam para compreender a vida social, juntamente com outros métodos científicos mais objetivos. Essas ideias, conceitos e exemplificações podem ser embriões para aprofundar discussões nas disciplinas do itinerário, bem como são fontes ricas para uma análise dessas disciplinas no contexto das realidades sociais.

Segundo o material didático dessas escolas pesquisadas, no livro “Sociologia em Movimento”, a palavra cultura tem diversas origens e usos. Entretanto, para a Sociologia, ela é a base sobre a qual as sociedades humanas constroem seus diferentes modos de vida. É por meio da cultura que buscamos soluções para nossos problemas cotidianos, interpretamos a realidade que nos cerca e produzimos novas formas de interação social. A maneira pela qual estruturamos a economia, nossas formas de organização política, as normas e os valores que orientam nossas ações, todos esses elementos estão presentes na cultura. Por sua vez, a cultura é resultado das nossas ações sociais. As práticas, os saberes e sua aplicação pela coletividade resultam num conjunto de conhecimentos que orientam nossa ação no mundo e nos permitem

reconhecer, explicar e construir a realidade social. Porém, a construção da cultura não ocorre de maneira harmônica e igualitária. Ela é marcada por conflitos e relações desiguais entre os diversos grupos humanos. Por exemplo, quando exaltamos a Diversidade Cultural Brasileira, não podemos nos esquecer de que boa parte da cultura popular sofre preconceito e que os processos históricos que geraram essas expressões culturais foram e são marcados por conflitos nos quais negros, mulheres, nordestinos, indígenas, quilombolas, comunidades ribeirinhas e outras minorias sociais são geralmente considerados cidadãos de segunda classe e suas contribuições para a formação da cultura são relegadas a plano inferior. Entretanto, a história nos mostra que, diante de interesses políticos e comerciais, as classes dominantes incorporaram essas práticas, saberes e costumes ao padrão cultural estabelecido.

Uma forma de perceber como esse processo de construção da cultura ocorre no cotidiano é pensar sua realidade como estudante. Os conhecimentos, as normas, os valores e as ações pedagógicas com que você interage no espaço escolar são produzidos em contextos históricos específicos e por grupos que têm interesse em sua formação. Por vezes, os saberes que você traz para a escola ou sua experiência de vida e sua realidade social são ignorados no Processo Educativo. Assim, sua formação e a maneira como você constrói suas opiniões e como age em seu dia a dia, os comportamentos com os quais se identifica, entre tantas outras coisas, podem não representar o modo como os grupos dos quais você faz parte representam a realidade. Isso se relaciona, entre outros aspectos, às ideologias dominantes em nossa sociedade. Cada grupo ou coletividade constrói sua visão de mundo com base em contextos históricos e práticas sociais específicas. Desse processo surgem interpretações e propostas de ação que são difundidas socialmente com a pretensão de se tornarem o padrão geral a ser seguido. Quando isso ocorre, estamos diante do que chamamos ideologia. Nesse sentido, a ideologia pode ser compreendida como o conjunto de visões de mundo produzidas por determinados grupos sociais, propostas como modelos destinados a orientar as práticas de outros grupos sociais ou da sociedade na qual se inserem. Nesse viés Canclini explica:

Hoje as relações intensas e assíduas dos povoados de artesãos com a cultura nacional e internacional tornam "normal" que seus membros se vinculem com a cultura visual moderna, mesmo que ainda sejam minoria aqueles que conseguem nexos fluidos.(CANCLINI, 2001, Pág.)

A escola tradicional é um veículo para a difusão da ideologia dominante, e, por isso, há uma desvalorização da cultura popular, que propõe outras formas de pensar e de agir no mundo. Por essa razão, várias práticas e vários saberes que não pertencem ou não interessam às classes

dominantes foram historicamente desconsiderados pela escola. Cultura e ideologia são conceitos que explicam a relação intrínseca entre pensamento e ação. Diferentes contextos modelam nossas escolhas pessoais. Na atualidade, a expansão das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) é mais um elemento a interferir em nossas opções de vida. Produzidas com base em uma dinâmica social que envolve diversos interesses econômicos, sociais e políticos, essas tecnologias provocam transformações no modo pelo qual os diferentes atores sociais agem e se percebem no mundo. Por outro lado, o modo como indivíduos e coletividades se apropriam dessas tecnologias pode gerar novas interpretações da realidade, capazes de alterar o sentido e a utilização original planejada por aqueles que incentivaram sua difusão.

4.1 - Conceitos e definições

Em linhas gerais os conceitos de raça e etnia são frequentemente discutidos no contexto das relações sociais e da construção da identidade. Enquanto raça refere-se a categorias sociais baseadas em características biológicas percebidas, como cor da pele e traços faciais, etnia está associada a uma identidade cultural compartilhada, incluindo língua, religião, costumes e tradições. Observado Kabengele Munanga, raça é uma categoria social, não biológica, que se fundamenta numa suposta diferença dos seres humanos com base em critérios físicos, como cor da pele, cabelo, olhos, etc. (Munanga, 2014). Esta distinção entre raça e etnia ressalta a natureza eminentemente social e cultural desses conceitos, contrapondo-se às visões que os interpretam de forma determinista e biológica.

O respeito, por sua vez, é um princípio fundamental nas interações humanas, baseado no reconhecimento da dignidade e valor de cada indivíduo, independentemente de sua origem étnica ou racial. O respeito mútuo é talvez o mais importante dos valores humanos (Freire, 1987). Nesse sentido, percebemos a importância do respeito como base para relações saudáveis e igualitárias.

O preconceito e o racismo representam desafios significativos para a promoção do respeito e da igualdade. O preconceito é uma atitude negativa e preconcebida em relação a determinados grupos, enquanto o racismo envolve a crença na superioridade de uma raça sobre as outras e a prática de discriminação com base nessa crença. Segundo o sociólogo Florestan Fernandes, o racismo é uma forma específica de preconceito, um conjunto de atitudes e práticas discriminatórias dirigidas a indivíduos e grupos que são identificados em função de suas

características físicas (Fernandes, 1965). Essa definição destaca a natureza discriminatória e prejudicial do racismo, que perpetua desigualdades e injustiças sociais.

A intolerância, por sua vez, é a falta de aceitação ou respeito pelas diferenças de pensamento, crença ou identidade. Ela pode manifestar-se de diferentes formas, desde a recusa em reconhecer direitos e liberdades de determinados grupos até a prática de violência física ou simbólica, nesse sentido, a intolerância é a forma mais crua de racismo, pois nega a humanidade do outro.

Por fim, o etnocentrismo pode levar à discriminação e à desvalorização das práticas e tradições culturais de grupos considerados diferentes. O etnocentrismo é o mais imenso obstáculo ao reconhecimento e aceitação da diferença humana (Ribeiro, 1970). Isso ressalta a necessidade premente de superar essa postura centrada na própria cultura como padrão de referência, a fim de fomentar um diálogo diverso, genuíno e promover uma apreciação mais profunda e respeitosa das diferentes formas de vida e pensamento presentes em nossa sociedade.

É fundamental abordar os temas acima pois essas questões permeiam as relações sociais e influenciam diretamente a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao compreender e debater esses conceitos, é possível promover a conscientização sobre as formas de discriminação e injustiça presentes em nossa sociedade, além de estimular a reflexão crítica sobre nossos próprios preconceitos e privilégios. Gilberto Freyre, como homem do seu tempo, afirma em sua obra “Casa Grande & Senzala” que a formação da identidade nacional brasileira está intrinsecamente ligada às relações raciais e étnicas, sendo essencial abordar esses temas para entendermos a complexidade da nossa sociedade. Essa observação ressalta a importância de confrontar o legado histórico do racismo e da intolerância no Brasil e buscar caminhos para promover a inclusão e a igualdade entre todos os cidadãos.

A discussão dessas temáticas contribui para a promoção do respeito à diversidade e para o fortalecimento dos valores democráticos e dos direitos humanos. Ao reconhecer e valorizar as diferentes identidades culturais e étnicas presentes em nossa sociedade, podemos construir relações mais solidárias e empáticas, pautadas no diálogo e na cooperação mútua. A educação é um ato político e ético, que deve promover o respeito à dignidade humana e à pluralidade cultural (Freire, 1997). Essa reflexão enfatiza o papel da educação na formação de indivíduos críticos e conscientes, capazes de contribuir para a construção social.

Compreender a história dos povos indígenas, afro-brasileiros e de imigrantes seja origem nipônica ou outra é um pilar fundamental para a compreensão da diversidade cultural e

étnica do Brasil. Os povos indígenas, como povos originários desta terra, possuem uma história milenar de ocupação e interação com o meio ambiente, contribuindo significativamente para a formação da identidade nacional. Os povos indígenas são os verdadeiros donos da história do Brasil, detentores de uma riqueza cultural e ancestralidade que merecem ser reconhecidas e valorizadas (Ribeiro, 1995). Ao reconhecermos a contribuição e a ancestralidade dos povos indígenas, valorizamos não apenas sua herança cultural, mas também fortalecemos os laços de pertencimento e respeito mútuo que são essenciais para a construção da sociedade brasileira.

Da mesma forma, a história dos afro-brasileiros é marcada pela trajetória de resistência e luta contra a escravidão e a opressão racial. Ao longo dos séculos, os africanos e seus descendentes contribuíram de maneira significativa para a construção da cultura e da identidade brasileira, deixando um legado que permeia diversos aspectos da sociedade. Nesse contexto Abdias Nascimento afirma que “a história dos afro-brasileiros é uma história de resistência e resiliência, marcada pela luta pela liberdade e pela igualdade racial” (Nascimento, 1978).

A história dos diversos povos imigrantes, sobretudo a dos imigrantes japoneses também desempenha um papel importante na formação da sociedade brasileira. A partir do final do século XIX, a chegada dos primeiros imigrantes japoneses contribuiu para o desenvolvimento de setores como a agricultura e a indústria, além de enriquecer a cultura brasileira com novas tradições e costumes.

Segundo Kuniyoshi Shibuya, a história dos japoneses no Brasil é uma história de perseverança e adaptação, marcada pelo desejo de construir uma vida melhor em um novo país (Shibuya, 2006). Portanto, compreender e reconhecer a história e as realizações dos imigrantes japoneses é essencial para uma apreciação mais profunda da herança multicultural brasileira, destacando a importância da integração e da colaboração entre diferentes grupos étnicos e culturais.

Compreender a história e a contribuição desses povos é essencial para promover uma sociedade mais inclusiva e justa, que valorize a diversidade étnica e cultural presente no Brasil. Ao levarmos em conta o destaque de divergências em linhas de pesquisas que contemplem o estudo de Gilberto Freyre, a miscigenação étnica e cultural é uma das principais características da identidade brasileira, refletindo a riqueza e a complexidade de nossa história (Freyre, 1933). A valorização da história e da contribuição dos diferentes grupos étnicos que compõem a sociedade brasileira promove o respeito mútuo e a compreensão intercultural. Ao analisarmos o legado dos povos indígenas, afro-brasileiros, imigrantes japoneses, estamos construindo

pontes de diálogo e cooperação entre os diversos segmentos da sociedade.

A escolha de trabalhar com pesquisas sobre imigrantes de origem nipônica em vez de outros grupos étnicos se justifica pela disponibilidade e acesso que se tem a esses indivíduos em comparação com outros grupos próximos às Escolas da região pesquisada. É importante reconhecer que a pesquisa acadêmica por diversas vezes depende da acessibilidade aos participantes e às comunidades que se deseja estudar. No caso dos imigrantes nipônicos e descendentes, existe uma presença significativa desses grupos em determinadas regiões geográficas ou comunidades específicas, proporcionando uma oportunidade única de interação e estudo direto com esses indivíduos. Por outro lado, a dificuldade de acesso a outros grupos étnicos pode ser um obstáculo significativo, seja devido à dispersão geográfica, à falta de contato com essas comunidades ou à relutância dos próprios grupos em participar de pesquisas. Portanto, a escolha de focar na pesquisa sobre imigrantes nipônicos pode ser uma decisão pragmática e viável, dada a disponibilidade e a acessibilidade desses grupos em comparação com outros.

As interferências e adversidades enfrentadas pelos povos indígenas, povos advindos da África e Ásia são reflexo de um longo histórico de injustiças e opressões, que deixaram marcas profundas nas sociedades brasileiras. A história dos povos indígenas é marcada pela resistência frente à colonização e à expropriação de suas terras ancestrais (Ribeiro, 1982), desde a chegada dos colonizadores europeus, os Povos Indígenas do Brasil têm sido submetidos a processos de deslocamento forçado, violência e marginalização social, resultando em sérias consequências para suas culturas e modos de vida tradicionais. Esses impactos se estendem também aos povos africanos e asiáticos que, ao longo da história brasileira, enfrentaram desafios similares, incluindo a escravidão, discriminação e exclusão social. Como podemos observar, o Decreto nº 1331, de 17 de fevereiro de 1854, já estabelecia que nas escolas públicas do país não seriam admitidos escravos, e que a instrução pública para adultos negros dependia da disponibilidade de professores. O Decreto nº 7031, de 6 de setembro de 1878, estabelecia que os negros somente poderiam estudar no período noturno.

Os povos advindos da África enfrentaram adversidades monumentais ao longo da história do Brasil, especialmente durante o período da escravidão, que deixou um legado profundo de sofrimento e marginalização para os afro-brasileiros. A escravidão foi uma das maiores tragédias humanas da História do Brasil, afetando profundamente a vida e a identidade dos povos africanos e seus descendentes (Nascimento, 1989). A exploração e a desumanização sofridas pelos escravizados deixaram cicatrizes que perduram até os dias atuais, impactando as

estruturas sociais e a dinâmica cultural do Brasil. A luta por reconhecimento, igualdade e justiça social continua sendo uma batalha constante para os afro-brasileiros, que buscam superar as heranças de um passado de opressão e construir um futuro mais equitativo.

Os povos de origem asiática também enfrentaram desafios significativos ao se estabelecerem no Brasil, trazendo consigo novas tradições e costumes que enriqueceram a diversidade étnica e cultural do país. Os imigrantes asiáticos contribuíram para a diversidade étnica e cultural do Brasil, mas também enfrentaram preconceito e discriminação por parte da sociedade brasileira (Santos, 1993). A chegada dos imigrantes japoneses, chineses e de outras nacionalidades asiáticas representou uma contribuição valiosa para a sociedade brasileira, no entanto, muitas vezes, foram alvo de xenofobia.

O Decreto-Lei nº 406, promulgado em 4 de maio de 1938, marcou a implementação da política linguística durante o Estado Novo, liderado por Getúlio Vargas. Esta medida tinha como objetivo principal proibir o uso de línguas estrangeiras em espaços públicos, especialmente aquelas associadas aos países do Eixo na Segunda Guerra Mundial, como Alemanha, Japão e Itália. No âmbito dessa política, foi lançada a Campanha de Nacionalização, um conjunto de medidas destinadas a reduzir a influência das comunidades de imigrantes estrangeiros no Brasil e promover sua integração com a população nativa. Essa campanha, em particular, direcionou-se aos moradores estrangeiros e seus descendentes, com foco especial nos imigrantes e seus filhos, sobretudo os de origem alemã. A proibição do uso de línguas estrangeiras em ambientes públicos teve um impacto significativo na vida dos imigrantes alemães. Os descendentes desses imigrantes foram especialmente afetados, sendo frequentemente acusados de resistir à integração nacional devido à sua dificuldade com o idioma português, à manutenção de práticas como o ensino, cultos religiosos e missas em língua alemã, bem como ao hábito de contraírem matrimônio entre si.

Diante dessas adversidades, é crucial reconhecer e valorizar as significativas contribuições culturais, sociais e econômicas dos povos indígenas, africanos e asiáticos para a construção da identidade nacional brasileira. A diversidade de influências étnicas e culturais presentes na formação do Brasil é fundamental para compreender a complexidade e a riqueza de sua história. A miscigenação étnica e cultural é uma das principais características da identidade brasileira, refletindo a riqueza e a complexidade de nossa história (Freyre, 1936). Essa miscigenação é um elemento central na formação da identidade nacional, evidenciando a importância de reconhecer e celebrar as múltiplas origens que moldaram a sociedade brasileira.

4.2 Diversidade

Na perspectiva de Dayrell (2003), a diversidade na escola é muito mais do que uma simples coexistência de diferentes etnias, culturas ou origens socioeconômicas. Ela representa um rico caldeirão de experiências, saberes e vivências que enriquecem o ambiente educacional de forma significativa. Quando a escola abraça a diversidade, ela se transforma em um espaço de aprendizado mútuo, onde alunos e professores têm a oportunidade de ampliar seus horizontes, desafiando preconceitos e construindo uma compreensão mais profunda sobre o mundo que os cerca. Nesse contexto, a diversidade na escola não é apenas uma questão de inclusão, mas também de reconhecimento e valorização das diferentes formas de ser e de aprender. É um convite para a promoção do respeito, da empatia e da colaboração, fundamentais para a formação de cidadãos críticos e conscientes de sua própria identidade e do papel que desempenham na sociedade. Portanto, ao adotar uma abordagem que celebra a diversidade, a escola não apenas cumpre seu papel de transmitir conhecimento, mas também contribui para a construção de uma comunidade mais justa, plural e solidária. Nessa linha de pensamento Dayrell nos elucida:

Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturas (etnias, identidades religiosas e valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos. Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social (DAYRELL, 2003).

Nesse sentido, ao considerar a diversidade como um elemento central na construção da noção de juventude, é fundamental reconhecer que essa variedade de condições sociais, culturais, de gênero e geográficas molda as experiências individuais e coletivas dos jovens em sua jornada de crescimento e desenvolvimento. Ao invés de limitar a juventude a critérios estereotipados, é preciso compreendê-la como um processo dinâmico e multifacetado, onde cada jovem é influenciado por sua própria realidade e contexto social. Portanto, promover uma educação que valorize e respeite essa diversidade não apenas enriquece o ambiente escolar, mas também contribui para a formação de jovens críticos e preparados para enfrentar os desafios de uma sociedade plural.

4.3 Cultura

De acordo com Terry Eagleton (2005), cultura pode ser definida como um conjunto

complexo de práticas, crenças, valores, artefatos e formas de expressão que caracterizam uma determinada sociedade ou grupo social. Essas manifestações culturais não apenas refletem as características distintivas de uma comunidade, mas também desempenham um papel fundamental na construção de identidades individuais e coletivas, influenciando comportamentos, pensamentos e interações sociais. A cultura é dinâmica e está em constante transformação, sendo moldada e recriada por meio das interações entre indivíduos e seu contexto histórico, social e político. Nesse sentido Eagleton afirma:

«Cultura», diz-se geralmente, é uma das duas ou três palavras mais complexas da língua inglesa, e ao termo que é, por vezes, considerado seu antónimo — natureza — é frequentemente atribuído o título da mais complexa. Todavia, e embora seja actualmente moda encarar a natureza como um derivado da cultura, de um ponto de vista etimológico cultura é um conceito que deriva da natureza. Um dos seus significados originários é «lavoura», ou ocupação com o crescimento natural. O mesmo pode igualmente afirmar-se das palavras que utilizamos na linguagem jurídica, bem como de termos como «capital», «acção», «pecuniário» e «esterlina». A palavra *coulter*, que é cognata de «cultura», significa a lâmina do arado. Derivámos, assim, a palavra que utilizamos para descrever as mais elevadas actividades humanas, do trabalho e da agricultura, das colheitas e do cultivo. (EAGLETON, 2005).

A reflexão de Eagleton (2005) sobre o conceito de cultura nos leva a considerar sua complexidade e suas raízes profundas na relação entre os seres humanos e a natureza. Embora muitas vezes se enxergue a cultura como algo distinto e até oposto à natureza, é essencial compreender que, etimologicamente, cultura tem suas origens na ideia de cultivar, de cultivar a terra. Esse vínculo entre cultura e natureza nos lembra que a própria essência da cultura está enraizada na interação humana com o mundo natural. Portanto, ao refletirmos sobre a diversidade e a riqueza das expressões culturais, devemos também reconhecer a importância de respeitar e preservar o ambiente natural que as inspira e sustenta.

A análise de Eagleton suscita uma reflexão profunda acerca da estrutura hierárquica cultural que frequentemente permeia o ambiente escolar, intensificada no Novo Ensino Médio, caracterizado por uma orientação eurocêntrica e mercadológica dos saberes, que tende a privilegiar determinadas disciplinas em detrimento de outras. Tal predisposição frequentemente resulta na subestimação de áreas do conhecimento que não se alinham com essa visão dominante, promovendo uma valorização desproporcional de conteúdos vinculados à matriz cultural euro-americana em detrimento de outras perspectivas. Diante desse panorama, a associação proposta por Eagleton entre a palavra "cultura" e suas raízes agrícolas não apenas remete à origem etimológica do termo, mas também suscita um questionamento relevante no

contexto do Novo Ensino Médio. Este, de maneira incisiva, sutilmente propaga uma desvalorização crescente de áreas do saber que não se alinham com paradigmas historicamente estabelecidos como centrais, conferindo primazia, muitas vezes implícita, a disciplinas associadas às ciências exatas e à tradição eurocêntrica, em detrimento de outras formas de conhecimento e saberes.

Ao contrário da cultura que é composta por uma variedade de atividades humanas, o Novo Ensino Médio não promove uma formação mais holística, que reconheça e valorize os diferentes talentos, interesses e potenciais dos estudantes. Nesse sentido, ao adotar uma perspectiva que desconhece a contribuição igualitária de todas as áreas do conhecimento para a construção da sociedade, o Novo Ensino Médio deveria refletir os princípios de uma cultura equitativa, inclusiva e diversificada, na qual todas as formas de atividade humana são reconhecidas como relevantes.

4.4 Etnocentrismo

No seu primeiro sentido, etnocentrismo é uma cegueira para diferenças culturais, a tendência de pensar e agir como se elas não existissem. No segundo sentido, refere-se aos julgamentos negativos que membros de uma cultura tendem a fazer sobre todas as demais. (JOHNSON, Allan. 2008)

O estudo das sociedades e culturas humanas, é fundamental reconhecer diversas expressões culturais e as formas de organização social. As expressões culturais, que abrangem uma ampla gama de práticas e manifestações, como religião, arte, alimentação e vestimentas, são intrínsecas à identidade e ao modo de vida de um grupo ou sociedade. Ao mesmo tempo, a organização social de uma comunidade, que inclui suas estruturas políticas, econômicas, institucionais e sociais, molda e é moldada por essas expressões culturais.

Uma abordagem crucial para compreender esses fenômenos é considerar os sentidos atribuídos a eles pelos próprios praticantes. Cada expressão cultural dentro de uma sociedade é carregada de significado para aqueles que a praticam, refletindo valores, crenças e tradições profundamente enraizadas. Por exemplo, rituais religiosos podem ter significados espirituais profundos, enquanto práticas alimentares podem estar ligadas a tradições familiares e identidade cultural.

Paralelamente, a organização social de uma sociedade é moldada pelos valores e normas compartilhados por seus membros. Sistemas políticos refletem ideologias dominantes, enquanto estruturas econômicas são influenciadas por fatores históricos e culturais. Nesse sentido, compreender a relação entre expressões culturais e organização social exige uma

análise sensível aos contextos culturais específicos em que ocorrem.

No entanto, essa compreensão pode ser obscurecida pelo fenômeno do etnocentrismo, uma tendência humana de avaliar outras culturas com base nos padrões da própria cultura, considerando-a como superior. Ao pesquisarmos Malinowski em sua obra “Argonautas do Pacífico Ocidental”, podemos perceber que não devemos ter interpretações distorcidas das práticas culturais e formas de organização social de outros grupos. Ao aplicar seus próprios valores e normas para julgar e entender culturas diferentes, as pessoas podem perder de vista a complexidade e riqueza dessas sociedades.

Portanto, para uma compreensão mais completa e respeitosa da diversidade cultural, é essencial superar o etnocentrismo e adotar uma abordagem que valorize os sentidos atribuídos pelas próprias comunidades às suas expressões culturais e formas de organização social. Somente assim podemos verdadeiramente apreciar a vasta gama de experiências humanas e reconhecer a igualdade de valor entre todas as culturas.

Assim, podemos considerar que o etnocentrismo, em sua essência, revela-se como uma barreira à apreciação e compreensão das diversidades culturais existentes no mundo. Ao discorrer sobre o assunto, podemos destacar sua dupla faceta: por um lado, trata-se de uma cegueira que impede o reconhecimento das diferenças culturais, como se estas não tivessem relevância; por outro, manifesta-se na propensão a emitir julgamentos depreciativos em relação a outras culturas. Essa tendência, presente em muitos indivíduos e sociedades, reflete não apenas uma falta de entendimento, mas também um desejo de estabelecer a superioridade da própria cultura.

No contexto brasileiro, o debate sobre cotas raciais traz à tona questões relacionadas ao etnocentrismo. Ao instituir políticas de ação afirmativa, o país busca enfrentar séculos de exclusão e discriminação sofridos por grupos étnico-raciais marginalizados. No entanto, o embate em torno das cotas revela resistências arraigadas, muitas vezes fundamentadas em visões etnocêntricas que minimizam as desigualdades históricas enfrentadas por esses grupos. Como pondera Kabengele Munanga, as cotas raciais são uma resposta necessária ao etnocentrismo que relegou determinados grupos à margem da sociedade brasileira (Munanga, 2014). Essa reflexão ressalta a importância de reconhecer e confrontar as visões distorcidas que subjazem ao etnocentrismo, a fim de promover políticas mais inclusivas.

A questão das cotas raciais no Brasil também se entrelaça com o debate sobre o Novo Ensino Médio. À medida que o país busca reformular o currículo escolar para atender às demandas contemporâneas, é essencial considerar como o etnocentrismo pode influenciar a seleção e apresentação dos conteúdos. O currículo escolar deve ser pensado de forma a

promover uma educação libertadora, que valorize a diversidade e combata o etnocentrismo(Freire, 1970).

Em síntese, o etnocentrismo representa um desafio para a construção, ampliação de um senso de coletividade. Ao compreender sua influência e confrontar suas manifestações, torna-se possível avançar na promoção do respeito às diferenças e na luta contra a discriminação. Nas políticas públicas, como as cotas raciais, e na educação, como o Novo Ensino Médio, é fundamental adotar uma abordagem que reconheça a diversidade como um valor a ser cultivado e protegido, contribuindo assim para um país mais democrático.

4.5 Raça

Segundo a perspectiva de Kabengele Munanga, estudioso das questões raciais, o conceito de raça é socialmente construído e carrega consigo uma carga histórica de hierarquização e dominação. Para Munanga, as diferenças biológicas entre os grupos humanos são mínimas e insuficientes para justificar as desigualdades sociais observadas. Assim, Munanga conceitua que,

Etmologicamente, o conceito de raça veio do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie. Na história das ciências naturais, o conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. Foi neste sentido que o naturalista sueco, Carl Von Linné conhecido em Português como Lineu (1707-1778), o usou para classificar as plantas em 24 raças ou classes, classificação hoje inteiramente abandonada.(MUNANGA, 2000).

As categorias raciais são produzidas e mantidas por sistemas de poder que perpetuam a marginalização e a discriminação de determinados grupos étnicos. Nesse sentido, Munanga enfatiza a importância de compreender a raça como um fenômeno social e histórico, marcado por relações de poder e privilégio, e não como uma realidade biológica ou científica. Sua abordagem desafia noções preconceituosas e essencialistas sobre raça, promovendo uma visão mais ampla e crítica que reconhece a diversidade e a dignidade de todas as identidades étnico-raciais. Sendo assim, Munanga afirma que,

Como a maioria dos conceitos, o de raça tem seu campo semântico e uma dimensão temporal e especial. No latim medieval, o conceito de raça passou a designar a descendência, a linhagem, ou seja, um grupo de pessoa que têm um ancestral comum e que, ipso facto, possuem algumas características físicas em comum. Em 1684, o francês François Bernier emprega o termo no sentido moderno da palavra, para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças. Nos séculos XVI-XVII, o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época, pois utilizado pela nobreza local que si identificava com os Francos, de origem germânica em oposição ao Gauleses, população local identificada com a Plebe. Não apenas os Francos se considerava como uma raça distinta dos Gauleses, mais do que isso, eles se consideravam dotados de sangue “puro”, insinuando suas habilidades especiais e aptidões naturais para dirigir,

administrar e dominar os Gauleses, que segundo pensavam, podiam até ser escravizados. Percebe-se como o conceito de raças “puras” foi transportado da Botânica e da Zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre classes sociais (Nobreza e Plebe), sem que houvessem diferenças morfo-biológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes.(MUNANGA, 2000)

A análise do conceito de raça, conforme apresentado, ressalta sua natureza fluida e historicamente contextualizada, revelando sua evolução semântica ao longo do tempo. Ao compreendermos a origem e a transformação desse conceito, torna-se evidente seu uso como instrumento de dominação e justificação de desigualdades sociais, ao invés de refletir diferenças biológicas significativas entre os grupos humanos. Essa compreensão crítica é particularmente relevante no contexto do Novo Ensino Médio, que desmonta a educação mais inclusiva e plural. Diante dos desafios de uma sociedade marcada por injustiças históricas e estruturais, é fundamental que o Ensino Médio adote uma abordagem que desconstrua estereótipos e preconceitos relacionados à raça, promovendo o entendimento da diversidade étnico-racial como uma construção social complexa. Ao oferecer uma educação que valorize o diálogo intercultural e o respeito à dignidade de todas as pessoas, o Novo Ensino Médio deveria contribuir para a formação de sujeitos críticos capazes de combater e desnaturalizar o racismo.

4.6 Etnia

O termo etnia refere-se a um conjunto de características culturais, históricas, linguísticas e sociais compartilhadas por um grupo de pessoas que se percebem e são percebidas como distintas de outros grupos. A etnia não é determinada por diferenças biológicas, mas sim construída socialmente a partir de processos históricos e culturais. Esses processos incluem a formação de identidades coletivas, baseadas em experiências compartilhadas de origem, história, tradições e língua, que distinguem um grupo étnico de outros. Dessa forma,

O conteúdo da raça é morfo-biológico e o da etnia é sócio-cultural, histórico e psicológico. Um conjunto populacional dito raça “branca”, “negra” e “amarela”, pode conter em seu seio diversas etnias. Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território.(MUNANGA, 2000)

As fronteiras étnicas são permeáveis, sujeitas a mudanças e negociações constantes, e podem ser redefinidas de acordo com as dinâmicas sociais e políticas de cada contexto. Assim, as diferentes etnias representam uma riqueza de experiências e perspectivas culturais que contribuem para a diversidade e a pluralidade da sociedade humana.

Algumas etnias constituíram sozinhas nações. Assim o caso de várias sociedades indígenas brasileiras, africanas, asiáticas, australianas, etc.. que são ou foram etnias

nações. Os territórios geográficos da quase totalidade das etnias nações africanas foram desfeitos e redistribuídos entre territórios coloniais durante a conferência de Berlim (1884-1885). É por isso que o mapa geo-político da África atual difere totalmente do mapa geo-político pré-colonial. Os antigos territórios étnicos, no sentido dos estados nações são hoje divididos entre diversos países africanos herdados da colonização. (MUNANGA, 2000)

Ao considerarmos as definições de etnia e raça, percebemos que ambos os conceitos estão intrinsecamente ligados às identidades culturais e sociais dos grupos humanos. Enquanto a etnia se refere principalmente ao aspecto cultural, abrangendo afinidades linguísticas, culturais e históricas compartilhadas por uma comunidade, a raça, por sua vez, é associada a características físicas e biológicas.

A cor da pele não determina sequer a ancestralidade. Isso é especialmente verídico nas populações brasileiras, pelo seu alto grau de miscigenação. Estudo sobre a genética da população brasileira revelou que 27% dos negros de uma pequena cidade mineira apresentavam uma ancestralidade genética predominantemente não africana. Enquanto isso, 87% dos brancos brasileiros apresentam pelo menos 10% de ancestralidade africana. (SANTOS, D. J. S. *et al.*, 2010)

No entanto, ambas as noções são socialmente construídas e podem ser utilizadas para reivindicar estruturas sociais, políticas e territórios específicos. É importante ressaltar que, embora tenham sido historicamente utilizadas para legitimar hierarquias e injustiças sociais, as noções de etnia e raça também podem ser ferramentas poderosas para promover a valorização da diversidade e a luta por justiça social. Ao reconhecermos a complexidade desses conceitos, podemos trabalhar em direção a uma sociedade inclusiva, onde todas comunidades, independentemente de sua etnia ou raça, sejam respeitadas e tenham seus direitos reconhecidos.

4.7 Respeito

O respeito, conforme definido no Dicionário Sociológico, abrange um complexo conjunto de atitudes, valores e comportamentos que refletem o reconhecimento da dignidade e valor intrínsecos de outros indivíduos ou grupos na sociedade. Esta definição transcende o mero acatamento de normas ou autoridades, englobando também a consideração e a valorização das diferenças e diversidades culturais, étnicas e sociais. O respeito, nesse sentido, não se limita à aceitação passiva, mas implica em uma atitude ativa de reconhecimento e valorização do outro como sujeito digno de consideração e respeito mútuo. É uma dimensão fundamental das relações humanas e sociais, essencial para a convivência pacífica e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Respeito “refere-se à consideração, deferência e sentimentos positivos de estima”. (JOHNSON, Allan. 2008)

Bourdieu, em sua obra "Violência Simbólica", aborda questões relacionadas à hierarquia social, poder simbólico e dominação cultural, as quais estão intrinsecamente vinculadas ao respeito. O autor investiga como as diversas formas de capital cultural, econômico e social influenciam a percepção e a avaliação das pessoas na sociedade. Nesse contexto, o respeito pode ser compreendido como uma forma de reconhecimento social sujeita às hierarquias e estruturas de poder presentes em um determinado contexto cultural. A violência simbólica, que muitas vezes é aceita pela vítima sem que esta a perceba como tal, perpetua as relações de dominação tidas como naturais e inevitáveis. Esse mecanismo reproduz e legitima socialmente a dominação, sendo que o próprio sistema educacional, ao estabelecer um aprendizado hierárquico, configura-se como um ato simbólico. Pessoas com elevado *status* são tratadas com distinção, consolidando ainda mais as disparidades sociais. Nesse viés Bourdieu afirma:

basta pensar na acção do sistema escolar em matéria de língua para ver que a vontade política pode desfazer o que a história tinha feito . Assim, a ciência que pretende propor os critérios mais bem alicerçados na realidade não deve esquecer que se limita a registar um estado da luta das classificações, quer dizer, um estado da relação de forças materiais ou simbólicas entre os que têm interesse num ou noutro modo de classificação e que, como ela, invocam frequentemente a autoridade científica para fundamentarem na realidade e na razão a divisão arbitrária que querem impor. (Bourdieu, 1989, Pág. 115)

O respeito na escola é essencial para promover um ambiente inclusivo e diverso, onde todas as crenças e tradições culturais são valorizadas. A exemplos disso são as religiões de matrizes africanas, como o Candomblé, a Umbanda e o Batuque, desempenham um papel fundamental na cultura e na história do Brasil, sendo imprescindível que esses conhecimentos sejam reconhecidos e respeitados no ambiente escolar. A educação deve incentivar o respeito pela diversidade religiosa, garantindo que alunos de todas as origens possam expressar suas crenças sem medo de discriminação.

4.8 Preconceito

Os preconceitos são, inegavelmente, um fenômeno complexo e multifacetado que permeia as interações sociais em diversas sociedades ao redor do mundo. Essas atitudes de prejulgamento direcionadas a pessoas, grupos, povos ou culturas diferentes daqueles que as manifestam têm raízes profundas em estereótipos negativos. Estes, por sua vez, consistem em

generalizações superficiais e depreciativas do "outro", criando uma base para julgamentos prévios e frequentemente injustos. O preconceito pode se manifestar em diversas formas, como por exemplo no campo do trabalho, Bourdieu afirma:

Os preconceitos de vocação profissional e que se adquirem em certas condições (a hereditariedade profissional, por exemplo), encontram as condições da sua actualização em certas características do próprio trabalho, como uma certa liberdade de jogar com a organização das tarefas ou certas formas de concorrência no espaço do trabalho (prêmios ou simples privilégios simbólicos, tais como os que são atribuídos aos operários mais velhos nas pequenas empresas familiares. (Bourdieu, 1989, Pág. 98)

Independentemente de sua forma ou manifestação, o preconceito é um obstáculo significativo para a construção de sociedades verdadeiramente inclusivas e igualitárias. É fundamental reconhecer e confrontar os preconceitos em todas as suas formas, promovendo o respeito mútuo, a compreensão intercultural e a valorização da diversidade. O Novo Ensino Médio ao concentrar-se demasiadamente em áreas específicas de conhecimento relacionadas à determinadas profissões, corre-se o risco de perpetuar estereótipos e preconceitos sobre as capacidades e aptidões dos estudantes. Além disso, ao priorizar competências técnicas em detrimento de uma formação mais ampla e humanística, o Novo Ensino Médio pode contribuir para a consolidação de desigualdades sociais ao invés de combatê-las. Isso ocorre porque as características do próprio trabalho, como a competição por prêmios ou privilégios simbólicos, são reproduzidas no ambiente escolar, que vai de encontro com as concepções da reforma trabalhista e da desregulamentação do trabalho.

4.9 Racismo

O racismo, conforme definido por Johnson, engloba não apenas o preconceito, mas também a discriminação decorrente de percepções sociais fundamentadas em diferenças biológicas, como a cor da pele e outras características físicas. Essa definição ressalta a natureza profundamente arraigada do racismo na sociedade contemporânea, revelando sua presença tanto em atitudes individuais quanto em estruturas sociais mais amplas. (JOHNSON, 2008)

Para compreender o fenômeno do racismo no contexto brasileiro, é essencial considerar obras que abordam a questão da integração social. No livro "O Povo Brasileiro", Darcy Ribeiro oferece *insights* valiosos sobre a formação da identidade nacional e os desafios enfrentados na construção de uma sociedade inclusiva. Segundo Ribeiro, a integração do povo brasileiro requer o reconhecimento e a valorização das diversas matrizes étnicas e culturais que compõem o país, superando assim as barreiras impostas pelo Racismo Estrutural. Portanto, para combater efetivamente o racismo e promover uma sociedade mais justa e inclusiva, é

fundamental reconhecer e confrontar suas raízes estruturais, ao mesmo tempo em que se promove a valorização da diversidade e a construção de espaços de diálogo e respeito mútuo.

Como destaca Almeida, a luta antirracista é uma luta por justiça social e igualdade, que requer o engajamento de toda a sociedade na desconstrução das estruturas que perpetuam a discriminação racial (Almeida, 2018). Essa reflexão ressalta a importância de ações coletivas e políticas públicas voltadas para a promoção da igualdade racial e a superação do racismo em todas as suas formas. Darcy Ribeiro, em sua obra "O povo Brasileiro", corrobora essa visão ao afirmar que a construção de uma identidade nacional verdadeiramente integrada e inclusiva depende do reconhecimento e valorização das diversas matrizes étnicas e culturais que compõem o Brasil .

A noção de racismo estrutural, conforme explorada por autores contemporâneos como Silvio Almeida em sua obra, lança luz sobre as dinâmicas sociais e institucionais que perpetuam a desigualdade racial. Almeida argumenta que o racismo não se limita a atitudes individuais, mas está enraizado nas estruturas políticas, econômicas e sociais da sociedade brasileira, moldando assim as oportunidades e experiências de vida de diferentes grupos raciais.

Ao considerar essas perspectivas, torna-se evidente que o racismo no Brasil é um fenômeno complexo e multifacetado, que demanda uma abordagem holística para ser combatido efetivamente. Como ressalta Johnson, "a luta contra o racismo requer não apenas a mudança de atitudes individuais, mas também a transformação das estruturas sociais que perpetuam a desigualdade racial" (Johnson, 2008).

4.10 Intolerância

A intolerância, conforme definido por Allan Johnson, é falta de habilidade ou vontade de reconhecer e respeitar diferenças. (JOHNSON. 2008)

Já Canclini aborda a intolerância dentro da diversidade cultural e social, destacando a importância de promover o respeito e a convivência entre diferentes grupos, evitando atitudes discriminatórias e preconceituosas.

Canclini explora o conceito de culturas híbridas como uma forma de compreender as dinâmicas culturais contemporâneas. Ele argumenta que, na era da globalização e das diversas culturas, as identidades e práticas culturais não são estáticas, mas sim fluidas e em constante transformação. Para ele, as culturas contemporâneas são marcadas por processos de hibridização, nos quais elementos culturais diversos se mesclam, se entrelaçam e se reinventam.

De acordo com Canclini a influência das tecnologias de comunicação, das migrações e do consumo na formação de identidades híbridas, que incorporam elementos de diferentes

origens e contextos. Ao discutir as culturas híbridas, ele também aborda questões de poder, desigualdade e resistência, observando como essas dinâmicas influenciam a produção cultural e as negociações identitárias.

A tradição etnográfica, que se diferencia pela hipótese de que "as culturas populares são culturas em si mesmas, são culturas diferentes, resiste a pensá-las como subculturas, partes de um sistema de dominação. Mesmo para esse autor, que inclui a dominação em sua análise, e reconhece entre as causas que originam as culturas populares a distribuição desigual do patrimônio global da sociedade, a especificidade do trabalho antropológico consiste em estudar as diferenças. (Canclini, 2001, Pág. 250)

Assim, para Canclini, a diversidade é uma riqueza que enriquece as sociedades, contribuindo para um convívio mais harmonioso e inclusivo. As culturas híbridas representam um modo de compreender a interação complexa entre diferentes referências culturais e sociais na contemporaneidade, oferecendo uma perspectiva apropriada para pensar a diversidade cultural e as transformações da modernidade.

4.11 Poder e Crime

O crime, conforme definido no Dicionário Sociológico, significa conduta grave e legalmente vedada. Foucault, aborda a questão do crime e do sistema penal em "Vigiar e Punir", no entanto, não fornece uma definição precisa de crime, como um código legal faria, mas examina o conceito de crime dentro do contexto mais amplo do poder, controle social e do sistema prisional. Para Foucault, o crime não é apenas uma transgressão de normas legais, mas também uma construção social influenciada pelo poder e pela estrutura da sociedade. Ele argumenta que o sistema penal não existe apenas para punir crimes, mas para exercer controle sobre a população, mantendo ordem e reforçando normas sociais.

O autor destaca como as instituições de poder, como prisões e sistemas judiciais, moldam e perpetuam certas formas de comportamento rotuladas como criminosas. Além disso, ele discute o papel do poder disciplinar e a vigilância constante como meios de controlar a sociedade. Em resumo, a definição de crime está intrinsecamente ligada ao exercício do poder, controle social e construção de normas dentro de uma sociedade específica. Ele desafia as abordagens tradicionais que tratam o crime como uma simples violação de leis, enfocando a relação entre poder, conhecimento e práticas sociais.

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam.

Lentamente, no decorrer da época clássica, são construídos esses “observatórios” da multiplicidade humana para as quais a história das ciências guardou tão poucos elogios. Ao lado da grande tecnologia dos óculos, das lentes, dos feixes luminosos, unida à fundação da física e da cosmologia novas, houve as pequenas técnicas das vigilâncias múltiplas e entrecruzadas, dos olhares que devem ver sem ser vistos; uma arte obscura da luz e do visível preparou em surdina um saber novo sobre o homem, através de técnicas para sujeitá-lo e processos para utilizá-lo. (Foucault, 1989, Pág. 196)

Michel Foucault destaca a interseção entre o exercício do poder e a vigilância, evidenciando a manifestação desses fenômenos por meio de dispositivos e técnicas que permitem a observação e controle das pessoas. Ao longo da época clássica, houve o desenvolvimento desses "observatórios" da multiplicidade humana, nos quais as tecnologias de visão e vigilância se tornaram progressivamente mais sofisticadas. Estes dispositivos não apenas viabilizaram a visualização dos indivíduos, mas também os submeteram a formas de poder e controle, resultando na criação de um novo saber sobre o homem.

Foucault argumenta que as práticas de vigilância não se limitam apenas à observação visual, mas incluem também a normalização e regulação dos comportamentos individuais mediante a disseminação de conhecimento sobre as pessoas vigiadas. Nesse sentido, as tecnologias de vigilância não apenas fornecem informações visuais, mas também contribuem para a construção de um saber que permite a classificação, hierarquização e controle das condutas humanas. Ademais, Foucault ressalta que essas práticas de vigilância e controle não são exclusivas de uma estrutura centralizada, mas permeiam diversas instituições sociais, estabelecendo assim uma rede complexa de poder e saber que molda as relações sociais e individuais. Sua análise nos convida a refletir sobre as dinâmicas de poder e vigilância presentes na sociedade, destacando a importância de compreender como esses mecanismos influenciam as relações de poder e as formas de controle social. Essa reflexão nos alerta para a necessidade de questionar e problematizar as práticas de vigilância e controle, a fim de promover espaços de maior liberdade e autonomia individuais.

As reflexões de Michel Foucault sobre as dinâmicas de poder e vigilância também podem ser relacionadas aos debates contemporâneos sobre políticas de cotas raciais. Assim como os dispositivos de vigilância na época clássica buscavam controlar e classificar as pessoas, as cotas raciais representam uma tentativa de lidar com as desigualdades históricas e estruturais enfrentadas por grupos étnico-raciais marginalizados. Ao instituir cotas para o

acesso à educação e ao mercado de trabalho, por exemplo, busca-se não apenas corrigir injustiças do passado, mas também criar mecanismos de inclusão e promoção da diversidade. No entanto, assim como Foucault alerta para os efeitos de poder embutidos nos dispositivos de vigilância, é necessário também considerar os impactos das políticas de cotas raciais na sociedade, especialmente em relação à reprodução de estigmas e à possibilidade de reforçar hierarquias raciais. Portanto, a Análise Foucaultiana nos convida não apenas a compreender os mecanismos de poder e controle presentes nas políticas de cotas raciais, mas também a questionar suas implicações éticas e sociais, visando a coletividade.

A relação entre a perspectiva de Michel Foucault sobre o crime e o sistema penal, e a política de cotas também pode ser vista através da lente do poder, controle social e construção de normas na sociedade. No âmbito da análise de poder e controle social, Michel Foucault sustenta que as estruturas institucionais de poder, como o sistema penal, desempenham um papel fundamental na regulação e disciplinamento da sociedade, visando à manutenção da ordem social estabelecida. Paralelamente, a política de cotas é concebida como uma manifestação contemporânea desse exercício de poder institucional, com o propósito de enfrentar as disparidades históricas e estruturais enfrentadas por grupos historicamente marginalizados, tais como minorias étnicas, raciais ou de gênero. Nessa perspectiva, as cotas se apresentam como uma estratégia governamental que visa corrigir desequilíbrios sociais preexistentes, buscando fomentar a inclusão e a equidade de oportunidades para esses grupos vulneráveis, ao mesmo tempo em que provocam reflexões críticas sobre os mecanismos de poder subjacentes e suas implicações.

No contexto da análise acerca da construção de normas, Michel Foucault destaca o papel exercido pelo sistema penal não apenas como um instrumento de repreensão das transgressões legais, mas também como um agente ativo na modelagem das normas sociais e dos comportamentos. Nesse sentido, a política de cotas emerge como uma resposta crítica ao *status quo*, desafiando e almejando reconfigurar as normas sociais estabelecidas que perpetuam a exclusão e a desigualdade. Ao promover a diversidade e a igualdade de oportunidades, as cotas visam não somente corrigir distorções históricas, mas também desestabilizar e reconstruir as normativas sociais vigentes.

Dentro do contexto das relações de poder e vigilância, Foucault investiga minuciosamente a função do poder disciplinar e da vigilância constante como mecanismos

cruciais para a perpetuação do controle social. Nesse sentido, a política de cotas emerge como um mecanismo de monitoramento das práticas voltadas à inclusão e diversidade em ambientes como instituições acadêmicas, corporativas e governamentais. Sua finalidade primordial é garantir que as metas preconizadas para a inclusão sejam não apenas atingidas, mas também mantidas ao longo do tempo, com vistas a fomentar uma sociedade mais equânime e plural. Essa abordagem, ancorada nos Postulados Foucaultianos, ressalta a importância da vigilância como um componente central na promoção de mudanças efetivas e duradouras rumo a uma realidade social controlada.

Adestrar corpos vigorosos, imperativo de saúde; obter oficiais competentes, imperativo de qualificação; formar militares obedientes, imperativo político; prevenir a devassidão e a homossexualidade, imperativo de moralidade. Quádrupla razão para estabelecer separações estanques entre os indivíduos, mas também aberturas para observação contínua. O próprio edifício da Escola devia ser um aparelho de vigiar; (Foucault, 1989, Pág. 197)

Em resumo, tanto a perspectiva de Foucault sobre o crime e o sistema penal quanto a política de cotas abordam questões relacionadas ao poder, controle social e construção de normas na sociedade, embora em contextos diferentes. Ambos os conceitos destacam a importância de compreender e questionar as estruturas de poder e as práticas sociais que moldam as relações sociais e as oportunidades para diferentes grupos na sociedade.

5 - CAMINHOS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

De acordo com Antoni Zabala, no livro “A Prática Educativa: Como ensinar”, faz uma abordagem sobre a sequência didática onde defende que ela deve ser planejada de forma a proporcionar uma aprendizagem significativa, articulando os conteúdos a serem ensinados com as experiências e o contexto dos alunos. A sequência didática, segundo Zabala, é uma organização lógica e intencional de atividades que visam a construção do conhecimento, levando em consideração os conhecimentos prévios dos estudantes e os objetivos de aprendizagem definidos. Ele enfatiza a importância de que a sequência seja flexível, permitindo ajustes conforme o processo de aprendizagem se desenvolve, e que envolva uma avaliação contínua para garantir que os alunos estejam progredindo adequadamente. A ideia central é garantir que o ensino seja eficaz e respeite o ritmo e as necessidades de cada aluno, promovendo a construção de competências e habilidades de forma gradual e reflexiva.

A sequência didática pode ser acompanhada com uma possível intervenção pedagógica, pois a mesma consiste de um conjunto organizado de atividades destinadas a ensinar e permitir

a aprendizagem do discente em relação a determinado conteúdo disciplinar e/ou interdisciplinar, podendo assumir perspectivas de intervenção pedagógica. Neste contexto, escolheu-se pela interdisciplinaridade entre as disciplinas de sociologia, filosofia, geografia e história, uma vez que o tema perfaz abrangência de tempo, espaço geográfico e das relações sociais mantidas neste espaço.

O tema centralizador desta sequência didática circunda a cultura, a identidade e a diversidade étnico-raciais, cujo objetivo geral foi demonstrar as dificuldades defrontadas pelos indígenas, negros e povos advindos do Japão e o seu convívio social em razão das suas culturas, fenótipos, e, enquanto objetivos específicos, consistiram do estudo de parte da história da formação do povo brasileiro relacionada aos impasses dicotômicos entre os conceitos de raça e etnia, a luta e resistência dos povos indígenas e negros, o processo de chegada dos japoneses na formação da sociedade nacional, bem como à promoção do combate à intolerância, etnocentrismo ao preconceito e ao racismo estrutural, visando uma formação cultural e humana do discente, em conformidade com a Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003; BRASIL, 1996).

Portanto, propõe-se uma organização da sequência didática com os objetivos supramencionados, conteúdo delimitado, atividades e avaliações somativas, cujos fins serão destinados a verificar as competências e habilidades adquiridas pelos discentes ao final das práticas educacionais.

Nos dois primeiros quadros abaixo, os temas diversidade e relações étnico-raciais são brevemente analisados. Tanto a competência específica 5 quanto a habilidade EM13CHS502 tratam de maneira superficial o preconceito, a concepção de democracia racial e o racismo. Contudo, esses recursos não oferecem diretrizes explícitas para os educadores lidarem com tais questões no ambiente escolar, como demonstrado nos exemplos apresentados.

Seria fundamental que os materiais pedagógicos fornecessem orientações mais claras e abrangentes para os professores, a fim de capacitá-los a abordar de forma eficaz as complexas questões relacionadas ao preconceito e ao racismo em sala de aula. Além disso, é importante que tais recursos incorporem perspectivas e experiências diversas, promovendo uma compreensão mais ampla e inclusiva das relações étnico-raciais na sociedade brasileira. Essa abordagem contribuiria significativamente para a construção de um ambiente educacional mais sensível.

Quadro 01 - Competência específica 5

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5
Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
O exercício de reflexão, que preside a construção do pensamento filosófico, permite aos jovens compreender os fundamentos da ética em diferentes culturas, estimulando o respeito às diferenças (linguísticas, culturais, religiosas, étnico-raciais etc.), à cidadania e aos Direitos Humanos. Ao realizar esse exercício na abordagem de circunstâncias da vida cotidiana, os estudantes podem desnaturalizar condutas, relativizar costumes e perceber a desigualdade, o preconceito e a discriminação presentes em atitudes, gestos e silenciamentos, avaliando as ambiguidades e contradições presentes em políticas públicas tanto de âmbito nacional como internacional.
HABILIDADES
(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.
(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.
(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 577)

Quadro 02 - Organizador curricular da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Organizador curricular da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas			
<i>Competências</i>	<i>Habilidades</i>	<i>Unidade Temática</i>	<i>Objetos de conhecimento</i>
COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 4 Analisar as relações de produção, capital e Trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.	(EM13CHS502). Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais.	Indivíduo, natureza, sociedade, cultura e ética	● Identificar formas de preconceito, discriminação, intolerância e estigma; ● Compreender os conceitos de raça, racismo, etnia e etnicidade e suas interrelações; ● Identificar as desigualdades sociais decorrente das relações raciais; ● Compreender os conceitos de sexo, gênero e sexualidade, suas interrelações e interseccionalidades

Fonte: Novo Currículo Minas Gerais etapa Ensino Médio (2024, p.p. 253 e 254)

Diante dos quadros apresentados, torna-se evidente o esvaziamento e empobrecimento dos conceitos e conteúdos, uma vez que a aprendizagem de conceitos científicos e o desenvolvimento do pensamento teórico dos estudantes não são priorizados. Essa ausência limita a ação do professor, relegando-o a um papel de mero "transmissor" de habilidades e competências, incapaz de atuar como sujeito em sua própria prática educativa. Nesse contexto, o currículo assume um papel crucial tanto para os estudantes, que veem sua formação comprometida pela superficialidade dos conteúdos, quanto para o professor, que se vê aprisionado em um modelo pedagógico que não valoriza sua autonomia e criatividade no processo de ensino-aprendizagem.

Com base na leitura Elizabeth Martinez o esvaziamento e empobrecimento dos conceitos e conteúdos sendo que a aprendizagem de conceitos científicos e do desenvolvimento do pensamento teórico dos estudantes não são priorizados. Este esvaziamento limita a ação do professor, que não se faz sujeito quando é “obrigado” a meramente reproduzir os conteúdos — “transmissor” de habilidades e competências — pois o currículo tem papel importante tanto para os estudantes como para o professor, que ao mesmo tempo se constitui como sujeito em sua própria prática.

Essa não priorização da aprendizagem, do próprio desenvolvimento do estudante, e o controle da prática do professor interferem de maneira prejudicial e perversa principalmente nas diversas juventudes da classe trabalhadora, privadas de desenvolver um modo de pensar capaz de desenredar os diferentes fenômenos sociais presentes em nossa sociedade e que também interfere na constituição de suas próprias vidas, como também as questões que envolvem as relações étnico raciais e seu espaço na escola.

A permanência e continuidade da Sociologia no ensino médio é de suma importância, pois ela dispõe de elementos que podem contribuir para além do ensino da disciplina, para pensar os caminhos que levarão a esse nefasto processo de esvaziamento, não apenas por ser a Ciência capaz de realizar o debate das diversas interfaces sociais, mas por reunir as condições necessárias para apreender a instituição escolar em suas diversas dimensões sociais, ou seja, sua relação com as políticas educacionais, com a comunidade local, com seus trabalhadores, seus estudantes, etc.

Quanto a essas valorosas contribuições, Mendonça nos orienta que:

A Sociologia, como um conteúdo a ser trabalhado no interior da escola, precisa ter essa preocupação de selecionar os conteúdos culturais que são próprios de sua área, pelos quais os estudantes possam agir, assimilando conhecimentos e desenvolvendo capacidades que lhes permitam compreender o mundo em que vivem e nele se inserir ativamente. O que faz o método sociológico? Permite analisar as contradições existentes nos diversos planos de atividade humana, com diferentes olhares e, com isso, desvendar o que se passa na realidade social. O ensino de Sociologia poderia contribuir nessa perspectiva, como, por exemplo, pela análise da própria instituição escolar e de seu entorno, para dar início à construção de sentidos individuais, dirigidos à sua verdadeira função social: produzir e socializar conhecimentos. Desnaturalizar as relações sociais do cotidiano escolar pode se transformar em conteúdo concreto para estudantes e ferramenta estratégica para o professor de Sociologia, já que a análise do conteúdo material da disciplina, posto em atividade, propiciaria a construção de sentidos individuais para estes agentes sociais da escola (estudantes/professor), a sua consciência da realidade circundante e a possibilidade de transformação daí decorrente. (MENDONÇA, 2011, p. 348-349).

O ensino de Sociologia é crucial para desvendar a função social de produzir e compartilhar conhecimentos, além de desnaturalizar as relações sociais que permeiam o cotidiano escolar. Compreender a trajetória histórica dessa disciplina oferece elementos essenciais para a ressignificação da luta pela sua permanência no currículo de todo o ensino médio. A sequência didática proposta, que segue os quadros com o passo a passo detalhado, busca consolidar essa compreensão, garantindo que os estudantes não apenas aprendam sobre a sociedade em que vivem, mas também questionem e reinterpretem as dinâmicas sociais que moldam suas realidades.

Quadro 03 - Problemática

Duração prevista 09 aulas (módulo-aula)

Quadro 3 - QUADRO DA SEQUÊNCIA
1ª ETAPA - Problemática Em um contexto de intensas transformações na educação básica, o Novo Ensino Médio aparece como um dispositivo com potencial de produção de modos hegemônicos de ministrar aulas e abordar temáticas ligadas à sociologia. Trata-se de uma oportunidade de produção de conteúdos curriculares que, produzidos articulados à pesquisa, ampliam possibilidades de permanência de conceitos básicos da Ciências Sociais, criação, análise e divulgação de novas tecnologias educacionais com atenção de não haver um esvaziamento.
2ª ETAPA - Proposta A sequência didática proposta inclui a análise e discussão de uma série de conceitos-chave, como diversidade, cultura, raça, etnia, respeito, preconceito, racismo, intolerância, crime, poder e etnocentrismo. A Sociologia como essencial para compreender as dinâmicas sociais e culturais da sociedade, contribuindo para uma análise crítica das relações humanas e das estruturas sociais.
3ª ETAPA - Planejamento Neste contexto, pode escolher pela interdisciplinaridade entre as disciplinas de sociologia, filosofia, geografia e história, uma vez que o tema perfaz abrangência de tempo, espaço geográfico e das relações sociais mantidas neste espaço. Vale lembrar que antes de iniciar qualquer sequência didática é essencial definir quais serão as estratégias de ensino e como será feita a avaliação dos alunos. Entretanto, o(s) docente(s) responsável(is) trarão a problematização à discussão para os pares e possivelmente para outros funcionários da escola, assim posteriormente com os discentes, realizando a sondagem em relação aos conhecimentos prévios e percepções pré-existentes.
4ª ETAPA - Introdução Espera-se que o docente comece a sequência didática introduzindo o tema aos alunos e contextualizando-os em suas vidas. Logo propõe-se a realização de uma sequência didática com atividades de leituras textuais, produções, exibições audiovisuais, divulgação nas redes sociais e comunidade, três Rodas de Conversa, avaliação e feedbacks de todos envolvidos com os alunos, no intuito de averiguar múltiplas percepções em caráter integrativo e reflexivo, ou seja, propiciando que os alunos discutam entre si e, ao final, agreguem um senso e um conhecimento comum.
5ª ETAPA - Desenvolvimento Por meio de uma abordagem fundamentada teoricamente e embasada em experiências práticas, espera-se que os recursos desenvolvidos possam promover uma educação mais inclusiva, democrática e transformadora. O desenvolvimento de uma sequência didática que engloba atividades como leituras textuais, produções, exibições audiovisuais, divulgação nas redes sociais e comunidade, visa promover uma educação mais inclusiva, democrática e transformadora. Essa abordagem, fundamentada em teoria e experiências práticas, busca desnaturalizar conceitos e desafiar o senso comum, incentivando a reflexão crítica e a ação consciente. A integração desses elementos proporciona um ambiente educacional dinâmico, onde o processo de ensino-aprendizagem é constantemente avaliado e aprimorado para atender às necessidades de todos os envolvidos.

Fonte: Autoria própria

Quadro 04 - Diversidade e Cultura

PRIMEIRA AULA

Tema: CONCEITOS	Senso Comum	Desnaturalização	Ações	Avaliação
1º Passo: DIVERSIDADE E CULTURA Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturas (etnias, identidades religiosas e valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos. (DAYRELL, 2003). De acordo com Terry Eagleton (2005), cultura pode ser definida como um conjunto complexo de práticas, crenças, valores, artefatos e formas de expressão que caracterizam uma determinada sociedade ou grupo social.	“E nossa identidade e orgulho, cadê? Nossa africanidade, onde esconderam?” Quais os problemas enfrentados pelos quilombos na atualidade? Qual a “dívida” do Estado com os afro-descendentes?	Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social (DAYRELL, 2003).	- Aplicação do texto: Consciência Negra e 300 anos de Minas Gerais OH! MINAS GERAIS, OH! MINAS GERAIS. SUAS LADEIRAS HISTÓRICAS TÊM SANGUE DEMAIS. OH! MINAS GERAIS! Autora: Melina Sousa da Rocha; - Aplicação e debate com correção de 08 questões relacionadas ao texto.	- Debate de Verificação; - Objetivo Geral alcançado; - Feedback individual ou coletivo de todos os envolvidos; - Feedback aos alunos, destacando seus pontos fortes de aprendizado e áreas que precisam aprimorar seus conhecimentos.

Fonte: Autoria Própria

Quadro 05 - Etnocentrismo

SEGUNDA AULA

Tema: CONCEITOS	Senso Comum	Desnaturalização	Ações	Avaliação
2º Passo: ETNOCENTRISMO No seu primeiro sentido, etnocentrismo é uma cegueira para diferenças culturais, a tendência de pensar e agir como se elas não existissem. No segundo sentido, refere-se aos julgamentos negativos que membros de uma cultura tendem a fazer sobre todas as demais. (JOHNSON, Allan. 2008)	O etnocentrismo foi uma arma para dominar os povos indígenas? Um negro ou japonês solitários em uma propaganda povoada de brancos representam o conjunto de suas coletividades. Afinal, negro e japonês são todos iguais, não é?	O etnocentrismo representa um desafio para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Ao compreender sua influência e confrontar suas manifestações, torna-se possível avançar na promoção do respeito às diferenças e na luta contra a discriminação.	- Aplicação do texto: O preconceito etnocêntrico Autor MOURA, M. O. - Aplicação e debate com correção de 15 questões relacionadas ao texto.	- Debate de Verificação; - Objetivo Geral alcançado; - Feedback individual ou coletivo de todos os envolvidos; - Feedback aos alunos, destacando seus pontos fortes de aprendizado e áreas que precisam aprimorar seus conhecimentos.

Fonte: Autoria própria

Quadro 06 - Raça e Etnia

TERCEIRA AULA

Tema: CONCEITOS	Senso Comum	Desnaturalização	Ações	Avaliação
3º Passo: RAÇA E ETNIA Etnologicamente, o conceito de raça veio do italiano razza, que por sua vez veio do latim ratio, que significa sorte, categoria, espécie. Na história das ciências naturais, o conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. Foi neste sentido que o naturalista sueco, Carl Von Linné conhecido em Português como Lineu (1707-1778), o uso para classificar as plantas em 24 raças ou classes, classificação hoje inteiramente abandonada.(MUNANGA, 2000). Algumas etnias constituíram sozinhas nações. Assim o caso de várias sociedades indígenas brasileiras, africanas, asiáticas, australianas, etc.. que são ou foram etnias nações. Os territórios geográficos da quase totalidade das etnias nações africanas foram desfeitos e redistribuídos entre territórios coloniais durante a conferência de Berlim (1884-1885). É por isso que o mapa geo-político da África atual difere totalmente do mapa geo-político pré-colonial. Os antigos territórios étnicos, no sentido dos estados nações são hoje divididos entre diversos países africanos herdados da colonização. (MUNANGA, 2000)	Em que medida a reflexão se relaciona com as ideias de branquitude presente no Brasil? É possível afirmar que independente da variação cromática todos são negros? A branquitude é diversa e multicromática? A presença de "negros de pele clara" entre os beneficiários das cotas suscita questionamentos importantes sobre como as políticas públicas devem considerar injustas?	É fundamental que o ensino médio adote uma abordagem que desconstrua estereótipos e preconceitos relacionados à raça, promovendo o entendimento da diversidade étnico-racial como uma construção social complexa. A cor da pele não determina sequer a ancestralidade. Isso é especialmente verdadeiro nas populações brasileiras, pelo seu alto grau de miscigenação. Estudo sobre a genética da população brasileira revelou que 27% dos negros de uma pequena cidade mineira apresentavam uma ancestralidade genética predominantemente não africana. Enquanto isso, 87% dos brancos brasileiros apresentam pelo menos 10% de ancestralidade africana.SANTOS, D. J. S. <i>et al.</i> , 2010	- Aplicação do texto: *Resenha do texto Negros de Pele Clara Autor Vinicius Soares *Negros de Pele Clara Autora Sueli Carneiro - Aplicação e debate com correção de 05 questões relacionadas aos textos.	- Debate de Verificação; - Objetivo Geral alcançado; - Feedback individual ou coletivo de todos os envolvidos; - Feedback aos alunos, destacando seus pontos fortes de aprendizado e áreas que precisam aprimorar seus conhecimentos.

Fonte: Autoria própria.

Quadro 07 - Respeito

QUARTA AULA

Tema: CONCEITOS	Senso Comum	Desnaturalização	Ações	Avaliação
4º Passo: RESPEITO O respeito , nesse sentido, não se limita à aceitação passiva, mas implica em uma atitude ativa de reconhecimento e valorização do outro como sujeito digno de consideração e respeito mútuo. É uma dimensão fundamental das relações humanas e sociais, essencial para a convivência pacífica e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Respeito “refere-se à consideração, deferência e sentimentos positivos de estima”. (JOHNSON, Allan. 2008)	As religiões de matrizes africanas, como o Candomblé, a Umbanda, o Batuque, entre outras, desempenham um papel fundamental na cultura e na história do Brasil e de diversos outros países ao redor do mundo. No entanto deixam de ser tão importantes, pois são minorias? Essas religiões são mal compreendidas, estigmatizadas ou até mesmo marginalizadas pela sociedade em geral?	O respeito pode ser compreendido como uma forma de reconhecimento social sujeita às hierarquias e estruturas de poder presentes em um determinado contexto cultural. A desnaturalização da conduta do indivíduo com base histórica de opressão deve ser combatida.	- Aplicação do texto: *Respeito Autor Vinícius Soares *Religiões de Matrizes africanas Autora Wéllia Santos *Desafios para mensurar os praticantes Autor Nações Unidas Brasil - Aplicação e debate com correção de 10 questões relacionadas ao texto.	- Debate de Verificação; - Objetivo Geral alcançado; - Feedback individual ou coletivo de todos os envolvidos; - Feedback aos alunos, destacando seus pontos fortes de aprendizado e áreas que precisam aprimorar seus conhecimentos.

Fonte: Autoria Própria

Quadro 08 - Preconceito

QUINTA AULA

Tema: CONCEITOS	Senso Comum	Desnaturalização	Ações	Avaliação
5º Passo: PRECONCEITO Os preconceitos de vocação profissional e que se adquirem em certas condições (a hereditariedade profissional, por exemplo), encontram as condições da sua actualização em certas características do próprio trabalho, como uma certa liberdade de jogar com a organização das tarefas ou certas formas de concorrência no espaço do trabalho (prêmios ou simples privilégios simbólicos, tais como os que são atribuídos aos operários mais velhos nas pequenas empresas familiares.(Bourdieu, 1989, Pág. 98)	O Novo Ensino Médio ao concentrar-se demasiadamente em áreas específicas de conhecimento relacionadas a determinadas profissões, corre-se o risco de perpetuar estereótipos e preconceitos sobre as capacidades e aptidões dos estudantes? Há discursos que tem como principal alvo a China, onde o coronavírus foi identificado pela primeira vez, mas a violência atinge toda a população de origem asiática? Quando fala-se de alimentação há o estereótipo de tipos de culinárias que beiram a perversão, pois muitas pratos são considerados nojentos?	Ao priorizar competências técnicas em detrimento de uma formação mais ampla e humanística, o novo ensino médio pode contribuir para a consolidação de desigualdades sociais ao invés de combatê-las. Desnaturalizar entender que os preconceitos são, inegavelmente, um fenômeno complexo e multifacetado que permeia as interações sociais em diversas sociedades ao redor do mundo. Essas atitudes negativas e desfavoráveis direcionadas a pessoas, grupos, povos ou culturas diferentes daqueles que as manifestam têm raízes profundas em estereótipos negativos.	- Aplicação do texto: <u>*IMIGRAÇÃO E REFUGIADOS</u> Autor ACNUR *População de origem asiática é vítima de violência e preconceito na pandemia Autor Jornal da USP *Estereótipo que generaliza diferentes etnias Autor Jornal da USP * Superar o preconceito Autor Jornal da USP Existe preconceito no Brasil? Xenofobia é crime tipificado na Lei 9.459, de 1997 Autor Carta Capital - Aplicação e debate com correção de 03 questões relacionadas ao texto.	- Debate de Verificação; - Objetivo Geral alcançado; -Feedback individual ou coletivo de todos os envolvidos; - Feedback aos alunos, destacando seus pontos fortes de aprendizado e áreas que precisam aprimorar seus conhecimentos.

Fonte: Arquivo próprio.

Quadro 09 - Racismo
SEXTA AULA

Tema: CONCEITOS	Senso Comum	Desnaturalização	Ações	Avaliação
6º Passo: RACISMO O racismo, conforme definido por Allan Johnson, engloba não apenas o preconceito, mas também a discriminação decorrente de percepções sociais fundamentadas em diferenças biológicas, como a cor da pele e outras características físicas. Essa definição ressalta a natureza profundamente arraigada do racismo na sociedade contemporânea, revelando sua presença tanto em atitudes individuais quanto em estruturas sociais mais amplas. (JOHNSON, Allan. 2008)	Atualmente falar de processo histórico esbarra no discurso do mérito e os negros sempre foram capazes de lutar igualmente? Após a abolição, os negros passaram a habitar guetos e comunidades, como forma de proteção, e em razão da falta de oportunidades. Entre as reivindicações do movimento hoje em dia está a compensação por todos os anos de trabalho forçado e à falta de inclusão social após esse período; a falta de políticas públicas destinadas a maior presença do negro no mercado de trabalho e nos campos educacionais. Também, a efetiva aplicabilidade das leis que buscam a criminalização do racismo e a plena aceitação e respeito à cultura e herança histórica. Entretanto é só esquecer o passado?	Para combater efetivamente o racismo e promover uma sociedade mais justa e inclusiva, é fundamental reconhecer e confrontar suas raízes estruturais, ao mesmo tempo em que se promove a valorização da diversidade e a construção de espaços de diálogo e respeito mútuo.	-Aplicação do texto: *História do movimento negro Autor Site Politize *O que o movimento negro busca hoje Autor Site Politize *O que diz a lei em relação à igualdade racial? Autor Site Politize - Aplicação e debate com correção de 09 questões relacionadas ao texto.	- Debate de Verificação; - Objetivo Geral alcançado; -Feedback individual ou coletivo de todos os envolvidos; - Feedback aos alunos, destacando seus pontos fortes de aprendizado e áreas que precisam aprimorar seus conhecimentos.

Fonte: Arquivo próprio.

Quadro 10 - Intolerância

SÉTIMA AULA

Tema: CONCEITOS	Senso Comum	Desnaturalização	Ações	Avaliação
7º Passo: INTOLERÂNCIA A intolerância, conforme definido por Allan Johnson, é falta de habilidade ou vontade de reconhecer e respeitar diferenças. (JOHNSON, Allan. 2008)	Por que alguns casos de intolerância religiosa no Brasil podem ser classificados como racismo religioso? Há indivíduos que tem medo novo ou são intolerantes? Estamos preparados para as mudanças culturais?	A tradição etnográfica, que se diferencia pela hipótese de que "as culturas populares são culturas em si mesmas, são culturas diferentes, resiste a pensá-las como subculturas, partes de um sistema de dominação. Mesmo para esse autor, que inclui a dominação em sua análise, e reconhece entre as causas que originam as culturas populares a distribuição desigual do patrimônio global da sociedade, a especificidade do trabalho antropológico consiste em estudar as diferenças. (Cancelini, 2001, Pág. 250)	-Aplicação do texto: Intolerância Religiosa Autor Site BBC - Aplicação e debate com correção de 07 questões relacionadas ao texto.	- Debate de Verificação; - Objetivo Geral alcançado; -Feedback individual ou coletivo de todos os envolvidos; - Feedback aos alunos, destacando seus pontos fortes de aprendizado e áreas que precisam aprimorar seus conhecimentos.

Fonte: Arquivo próprio.

Quadro 11 - Poder e crime

OITAVA AULA

Tema: CONCEITOS	Senso Comum	Desnaturalização	Ações	Avaliação
8º Passo: PODER E CRIME Para Foucault, o crime não é apenas uma transgressão de normas legais, mas também uma construção social influenciada pelo poder e pela estrutura da sociedade. Ele argumenta que o sistema penal não existe apenas para punir crimes, mas para exercer controle sobre a população, mantendo ordem e reforçando normas sociais. (Foucault, 1989, pág 196.)	As cotas são ilegais? Os espaços de poder não tem limitadores ou basta só querer ocupá-los através da meritocracia? Explique a afirmativa “as cotas não geram desigualdade, elas combatem a desigualdade”? Em que medidas a adoção de cotas raciais esta relacionada com as políticas afirmativas de acordo com a renda?	- No contexto da análise acerca da construção de normas, Michel Foucault destaca o papel exercido pelo sistema penal não apenas como um instrumento de repressão das transgressões legais, mas também como um agente ativo na modelagem das normas sociais e dos comportamentos. - Nesse sentido, a política de cotas emerge como uma resposta crítica ao status quo, desafiando e almejando reconfigurar as normas sociais estabelecidas que perpetuam a exclusão e a desigualdade. Ao promover a diversidade e a igualdade de oportunidades, as cotas visam não somente corrigir distorções históricas, mas também desestabilizar e reconstruir as normativas sociais vigentes.	-Aplicação do texto: *Sete mitos sobre as cotas raciais. As políticas afirmativas têm muitos opositores, mas será que eles têm razão em suas críticas? Autor UFPel *01 Cotas são inconstitucionais e ferem o princípio da igualdade Autor UFPel *02 Cotas subvertem o princípio da meritocracia Autor UFPel *03 Cotas maquiagem má qualidade do ensino básico Autor UFPel *04 Cotas rebaixam nível acadêmico das universidades Autor UFPel *05Cotas não garantem permanência dos alunos nas universidades Autor UFPel *06 Cotas raciais poderiam criar tensões étnicas no país Autor UFPel *07Cotas raciais são uma discriminação contra os brancos pobres Autor UFPel - Aplicação e debate com correção de 07 questões relacionadas ao texto	- Debate de Verificação; - Objetivo Geral alcançado; -Feedback individual ou coletivo de todos os envolvidos; - Feedback aos alunos, destacando seus pontos fortes de aprendizado e áreas que precisam aprimorar seus conhecimentos.

Fonte: Arquivo próprio.

Quadro 12 - Produção e Exibição Audiovisual

NONA AULA

Tema: CONCEITOS	Senso Comum	Desnaturalização	Ações	Avaliação
9º Passo: PRODUÇÃO E EXIBIÇÃO AUDIOVISUAL Neste nono momento, a aula será destinada ao conteúdo de contextualização e cultura brasileira. E imbuídos dos conceitos os alunos vão produzir vídeos, curtas ou documentários, Juri Simulado, Exposições, que possam publicizar e difundir os conhecimentos adquiridos no âmbito da escola.	Nos processos históricos do Brasil há uma importância da cultura indígena, afrodescendente e de imigrantes no Brasil na formação social brasileira em perspectivas sociais, políticas e econômicas? Existem registros fotográficos e documentários atuais e antigos que faz frente ao processo de apagamento da história desses povos?	O professor utilizará de recursos multimídia (<i>notebook</i> , projetor de imagem e de som) para reproduzir videoaulas, jogos interativos, oficinas e recursos didáticos diversos, imbuídos dos conhecimentos adquiridos nos parâmetros anteriores os discentes e docentes poderão assistir e produzir documentários que demonstrem a importância da cultura indígena, afrodescendente e imigrante nipônica na formação social brasileira em perspectivas sociais, políticas e econômicas.	Na nona aula poderá ser realizadas atividades que não fique no escopo do folclorizado, porém pode ser feitas ações de forma lúdica, como Juri Simulado, exposições, documentários, jogos pedagógicos, além de trabalhos de campo e visitas aos espaços que preservam a cultura do tema estudado.	- Debate de Verificação; - Objetivo Geral alcançado; -Feedback individual ou coletivo de todos os envolvidos; - Feedback aos alunos, destacando seus pontos fortes de aprendizado e áreas que precisam aprimorar seus conhecimentos.

Fonte: Arquivo próprio.

Quadro 13 - Divulgação nas redes sociais e comunidade

DÉCIMA AULA

Tema: CONCEITOS	Senso Comum	Desnaturalização	Ações	Avaliação
10º Passo: DIVULGAÇÃO NAS REDES SOCIAIS E NA COMUNIDADE - Produção de fotografias;; - Mural; - Folders; - Divulgação.	No cenário atual da educação, a divulgação de ações que promovam as potencialidades dos alunos se limitam aos recursos didáticos e financeiros da escola?	Com todas as dificuldades existentes a criatividade é um ponto forte para explorar diferentes canais de comunicação, como redes sociais, site da escola e murais. Vale ressaltar que a legislação de imagem deve ser respeitada.	Na décima aula será realizada produções de fotografias e murais, além da divulgação de folhetos impressos ou redes sociais, em diferentes dias, para toda a comunidade escolar. O material produzido terá como tema as três futuras Rodas de Conversa, uma em cada dia, com cada grupo com convidados que abordarão a diversidade e as resistências aos processos de apagamento enfrentados por povos indígenas, afro-brasileiros e povos imigrantes como de origem nipônica ou outros.	- Debate de Verificação; - Objetivo Geral alcançado; - Feedback individual ou coletivo de todos os envolvidos; - Feedback aos alunos, destacando seus pontos fortes de aprendizado e áreas que precisam aprimorar seus conhecimentos.

Fonte: Arquivo Pessoal

Quadro 14 - Primeira Roda de Conversa

DÉCIMA PRIMEIRA AULA

Tema: CONCEITOS	Senso Comum	Desnaturalização	Ações	Avaliação
11º Passo: PRIMEIRA RODA DE CONVERSA Povos originários e o debate das demarcações e a PEC 215	Os povos indígenas trabalhavam pesado? O que foi o escambo? Existe a aplicação do escambo na nossa sociedade atual? A economia dos índios pode ser comparada a nossa? O que simboliza a troca de objetos entre os povos indígenas? E na nossa sociedade capitalista? O que os europeus praticavam para enriquecer? Quem era mais civilizado indígena ou branco português? O que é etnocentrismo? Quais foram as ideias etnocêntricas absurdas? O etnocentrismo foi uma arma para dominar os povos indígenas? O que é a PEC 215? Qual é a sua opinião a respeito da polêmica das demarcações?	Os povos indígenas desempenhavam atividades intensas e variadas, como a caça, pesca e agricultura, essenciais para a sua sobrevivência e para o funcionamento das suas comunidades. Eles praticavam o escambo, um sistema de troca direta de bens, que consistia na permuta de objetos sem o uso de moeda. Embora o escambo não seja comum na nossa sociedade atual, ainda existem práticas semelhantes, como trocas diretas em comunidades locais ou através de plataformas digitais. A economia indígena, baseada na subsistência e na sustentabilidade, contrasta fortemente com a economia capitalista moderna, que é voltada para o lucro e o consumo. A troca de objetos entre os indígenas simbolizava não só a satisfação de necessidades materiais, mas também o fortalecimento de laços sociais, algo que na sociedade capitalista é muitas vezes reduzido a transações impessoais. Os europeus, por outro lado, praticavam o mercantilismo, acumulando riquezas através do comércio, exploração e colonização. Comparar quem era mais civilizado, os indígenas ou os portugueses, é uma questão complexa e marcada pelo etnocentrismo, que é a tendência de julgar outras culturas a partir dos valores e normas da própria cultura. No século XVI, isso se manifestava na visão dos europeus de que as suas práticas eram superiores, justificando a colonização e a exploração dos povos indígenas. Ideias etnocêntricas absurdas incluíam a noção de que os indígenas eram "selvagens" ou "primitivos". O etnocentrismo, de fato, foi utilizado como uma arma para justificar a dominação e exploração dos povos indígenas, desconsiderando suas culturas e conhecimentos. No contexto atual, a PEC 215 é uma proposta de emenda constitucional no Brasil que transfere para o Congresso Nacional a decisão sobre a demarcação de terras indígenas, o que gerou grande controvérsia e críticas de que poderia prejudicar os direitos dos povos indígenas. Na minha opinião, as demarcações de terras são fundamentais para garantir os direitos e a sobrevivência das culturas indígenas. Qualquer retrocesso nesse processo representa uma ameaça significativa para esses povos e para a preservação da sua herança cultural.	As Rodas de Conversa devem ser contextualizadas com interdisciplinaridades distintas e poderá ser aplicadas em conjunto ou não com outros níveis de ensino ou com alteração da temática de imigração, pois devemos levar em conta que outros povos imigrantes estiveram ou estão nas condições de subjugação cultural.	- Debate de Verificação; - Objetivo Geral alcançado; - Feedback de todos os envolvidos; - Feedback aos alunos, destacando seus pontos fortes de aprendizado e áreas que precisam aprimorar seus conhecimentos.

Fonte: Arquivo próprio.

Quadro 15 – Segunda Roda de Conversa

DÉCIMA SEGUNDA AULA

Tema: CONCEITOS	Senso Comum	Desnaturalização	Ações	Avaliação
12º Passo: SEGUNDA RODA DE CONVERSA Imigrantes, Imigração Japonesa e o Festival Cultural Tanabata Matsuri.	Todos os imigrantes japoneses vieram para trabalhar nas plantações de café? Os imigrantes japoneses mantêm todas as tradições do Japão? Os imigrantes japoneses falam apenas japonês? Os imigrantes japoneses só convivem entre si? Todos os imigrantes japoneses no Brasil são agricultores? Os imigrantes japoneses trouxeram somente a culinária japonesa ao Brasil? Todos os imigrantes japoneses no Brasil têm laços diretos com o Japão? Os imigrantes japoneses enfrentaram discriminação no Brasil? Os japoneses imigraram para o Brasil apenas após a Segunda Guerra Mundial? Os imigrantes japoneses não influenciaram a cultura brasileira?	O preconceito contra populações de origem asiática se intensificou, pós pandemia com povos asiáticos, com discursos que associam práticas culturais alimentares a estereótipos negativos e perversos. Além disso, dados de 2015 mostram que refugiados, como haitianos e pessoas de origem árabe ou muçulmana, são os principais alvos de discriminação. Participar de eventos como Rodas de Conversa e celebrações culturais, como o festival japonês Tanabata Matsuri, é fundamental para desnaturalizar esses preconceitos e promover a compreensão diversidade cultural.	As Rodas de Conversa devem ser contextualizadas com interdisciplinaridades distintas e poderá ser aplicadas em conjunto ou não com outros níveis de ensino ou com alteração da temática de imigração, pois devemos levar em conta que outros povos imigrantes estiveram ou estão nas condições de subjugação cultural.	- Debate de Verificação; - Objetivo Geral alcançado; -Feedback individual ou coletivo de todos os envolvidos; - Feedback aos alunos, destacando seus pontos fortes de aprendizado e áreas que precisam aprimorar seus conhecimentos.

Fonte: Arquivo Próprio

Quadro 16 – Terceira Roda de Conversa

DÉCIMA TERCEIRA AULA

Tema: CONCEITOS	Senso Comum	Desnaturalização	Ações	Avaliação
13º Passo: TERCEIRA RODA DE CONVERSA Consciência Negra	Tem movimentos negros nos Brasil? É necessário? Quais referências mundiais que influenciaram o movimento negro no Brasil. Qual é o papel das Rodas de Conversa na escola em relação ao combate ao racismo e à transformação social? Como as leis como a "Lei Afonso Arinos" e a "Lei Caó" se relacionam com as Rodas de Conversa no contexto educacional? De que maneira as Rodas de Conversa podem aumentar a eficácia das leis contra o racismo? Por que é importante desnaturalizar preconceitos por meio de discussões abertas nas escolas? De que forma as Rodas de Conversa e as políticas de cotas se complementam na promoção da inclusão do povo negro?	Uma Roda de Conversa na escola, assim como as leis que lutam contra o racismo no Brasil, desempenha um papel crucial na conscientização e transformação social. Enquanto as leis, como a "Lei Afonso Arinos", a "Lei Caó" e as políticas de cotas, estabelecem marcos jurídicos para combater a discriminação racial e promover a inclusão, as Rodas de Conversa atuam no campo educativo, permitindo que alunos e professores desnaturalizem preconceitos e discutam abertamente questões relacionadas ao racismo e à inclusão do povo negro. Através do diálogo, é possível questionar e entender as complexidades das relações raciais, contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária, onde as leis ganham maior eficácia e as práticas de discriminação são, de fato, combatidas e transformadas.	As Rodas de Conversa devem ser contextualizadas com interdisciplinaridades distintas e poderá ser aplicadas em conjunto ou não com outros níveis de ensino ou com alteração da temática de imigração, pois devemos levar em conta que outros povos imigrantes estiveram ou estão nas condições de subjugação cultural.	- Debate de Verificação; - Objetivo Geral alcançado; -Feedback individual ou coletivo de todos os envolvidos; - Feedback aos alunos, destacando seus pontos fortes de aprendizado e áreas que precisam aprimorar seus conhecimentos.

Fonte: arquivo Próprio

Quadro 17- Avaliação e Feedback de todos os envolvidos

DÉCIMA QUARTA E QUINTA AULA

Tema: CONCEITOS	Senso Comum	Desnaturalização	Ações	Avaliação
14º e 15º Passo: AVALIAÇÃO E FEEDBACKS DE TODOS ENVOLVIDOS Encerramento da sequência didática.	Como a leitura crítica do mundo contribui para a preparação dos alunos em processos seletivos como o ENEM e concursos públicos? De que forma a consciência de classe fortalece a capacidade dos alunos de resistirem a manipulações sociais e políticas? Por que é importante que a educação seja vista como um ato de resistência e emancipação? Qual é o impacto do conhecimento das questões legais, como a Lei 14.532 de 2023, na formação dos alunos? Como a Lei 14.532 de 2023 se relaciona com a luta contra o racismo e a injúria racial? De que maneira as abordagens reflexivas e integrativas em sala de aula podem ajudar os alunos a compreenderem melhor as mudanças na legislação? Por que é crucial que os alunos pensem criticamente sobre seu papel na sociedade ao aprenderem sobre mudanças na legislação? Como a educação pode ajudar os alunos a não serem vistos ou tratados como "massa de manobra"? De que forma o entendimento das dinâmicas sociais contribui para que os alunos compreendam os sentidos e significados das leis que os afetam? Como a combinação de preparação acadêmica e consciência social pode transformar os alunos em agentes de transformação social?	Os alunos, ao adquirirem uma leitura crítica do mundo e tomarem consciência de classe, não apenas se preparam para enfrentar processos seletivos como o ENEM e concursos públicos, mas também fortalecem sua capacidade de resistir a manipulações sociais e políticas. Essa consciência crítica permite que eles enxerguem além das aparências, compreendendo os sentidos e significados das dinâmicas sociais, o que é essencial para que não sejam vistos ou tratados como meras "massas de manobra". Dessa forma, a educação se torna um ato de resistência e emancipação, capacitando-os a questionar e transformar a realidade ao seu redor. O entendimento das questões legais, como a recente Lei 14.532 de 2023, que endurece as penas para crimes de racismo e injúria racial, também é crucial para os alunos. Esse conhecimento jurídico não apenas amplia sua consciência sobre as mudanças na legislação, mas também reforça a importância de lutar contra a discriminação e as desigualdades sociais. Ao discutir essas leis em um contexto educativo, com abordagens reflexivas e integrativas, os alunos são estimulados a pensar criticamente sobre seu papel na sociedade, preparando-se não apenas para os desafios acadêmicos, mas também para atuar como agentes de transformação social.	Para a finalização, os discentes serão orientados à realização de uma redação dissertativa argumentativa de no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, cujo tema será de livre escolha, desde que relacionado à sequência de atividades desenvolvidas no transcurso desta proposição. As redações serão avaliadas com caráter somativo e, por fim, conclui-se a sequência didática.	- Debate de Verificação; - Objetivo Geral alcançado; - Feedback individual ou coletivo de todos os envolvidos; - Feedback aos alunos, destacando seus pontos fortes de aprendizado e áreas que precisam aprimorar seus conhecimentos.

Fonte: Arquivo próprio

Quadro 18 - Revisão

6ª ETAPA - Revisão

A revisão, como última etapa de uma sequência didática, desempenha um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois oferece aos alunos a chance de consolidar os conhecimentos adquiridos ao longo da sequência. Nesse momento, os alunos podem revisar e reforçar os conceitos-chave, além de esclarecer eventuais dúvidas que possam ter surgido durante o percurso. Esse processo de consolidação é essencial para garantir que o aprendizado seja efetivo e duradouro, permitindo que os alunos avancem para novos conteúdos com uma base sólida e bem estabelecida.

A importância da revisão se alinha à necessidade de uma integração efetiva das Ciências Sociais no Novo Ensino Médio, ressaltando a relevância de um currículo que vá além da simples memorização de fatos. Um currículo significativo deve promover a reflexão crítica, o que é facilitado pela revisão, ao permitir que os alunos revisitem os conteúdos aprendidos e os analisem de forma mais profunda. Além disso, ao identificar áreas que necessitam de mais atenção, a revisão contribui para a criação de um ambiente educacional mais inclusivo e democrático, onde todos os alunos têm a oportunidade de alcançar o sucesso acadêmico.

A realização dessa sequência didática, com ênfase na revisão, reforça o compromisso com a construção de um sistema educacional que valorize tanto a ciência quanto a reflexão crítica. Isso é crucial para a formação de indivíduos capazes de contribuir para uma sociedade mais justa e equitativa. Ao promover uma interação cultural válida e diversificada, a sequência didática não só prepara os alunos para o futuro, mas também os capacita a desempenhar um papel ativo na transformação social. Dessa forma, a revisão e a sequência didática como um todo representam um compromisso com a educação como um meio de promover a justiça social e a equidade, assegurando que todos os indivíduos tenham as ferramentas necessárias para se tornarem indivíduos críticos.

Fonte: Arquivo Próprio

5.1 Público-alvo e sondagem

A sequência pedagógica destina-se aos alunos do Ensino Médio, possivelmente extensível a outros níveis, e demanda uma fase inicial de sondagem. Nessa etapa, o professor realiza arguições abrangentes sobre os temas propostos, visando verificar o conhecimento prévio dos docentes e discentes em relação ao assunto. Tal procedimento possibilita tanto a familiarização com o conteúdo, especialmente em casos de temas novos, quanto a avaliação dos possíveis níveis de dificuldades enfrentadas pelos alunos, o que é crucial para planejar sequências didáticas eficazes.

No âmbito da sequência didática, a sondagem desempenha um papel fundamental como ponto de partida para o desenvolvimento das atividades. Conforme aponta Antônio Carlos Libâneo, a sondagem inicial permite ao professor conhecer o universo de saberes prévios dos alunos, subsidiando assim o planejamento de suas ações pedagógicas. Nesse contexto Libâneo afirma:

Para que se realize na escola o processo de assimilação ativa de novos conhecimentos e, por meio dele, desenvolvimento das forças cognoscitivas dos alunos, é preciso a ação externa do professor, isto é, o ensino e seus componentes: objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas.

Em síntese, temos nas situações didáticas fatores externos e internos, mutuamente relacionados. O professor propõe objetivos e conteúdos, tendo em conta características dos alunos e da sua prática de vida. Os alunos, por sua vez, dispõem em seu organismo físico-psicológico de meios internos de assimilação ativa, meios esses que constituem o conjunto de suas capacidades cognoscitivas, tais como: percepção, motivação, compreensão, memória, atenção, atitudes, conhecimentos já disponíveis. (Libâneo, 1990, p. 84).

Essa visão destaca a importância de compreender o contexto educacional dos estudantes para promover uma aprendizagem significativa.

Durante a sondagem, são abordados conceitos-chave que servirão de base para as atividades subsequentes. Segundo Paulo Freire, os conceitos-chave são elementos essenciais para a construção do conhecimento, pois permitem aos alunos estabelecer conexões significativas entre os diferentes conteúdos (Freire, 1970). Assim, ao introduzir tais conceitos, o professor visa não apenas diagnosticar o conhecimento prévio dos alunos, mas também criar uma base sólida para o desenvolvimento das competências e habilidades desejadas.

No contexto da educação no Ensino Médio, é essencial adotar estratégias que promovam a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem. Conforme sugere Vygotsky, a interação entre pares é um elemento-chave para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, permitindo a construção conjunta de conhecimento.

O ensino tem a sua própria sequência e a sua própria organização, segue um currículo e um horário e não se pode esperar que as suas leis coincidam com as leis internas dos processos de desenvolvimento que solicita e mobiliza. Com base nos estudos que levamos a cabo, tentamos traçar curvas que representassem a evolução do ensino e das funções psicológicas que nele participavam; estas curvas não eram coincidentes, muito pelo contrário, evidenciavam uma relação complexa a mais não poder ser. (Vygotsky, 1978, p. 101)

Nesse sentido, a sondagem inicial pode ser conduzida de maneira colaborativa, envolvendo os alunos na identificação de conceitos relevantes e na formulação de questões para exploração.

A realização da sondagem não se restringe apenas à verificação do conhecimento prévio dos alunos, mas também à identificação de suas necessidades e interesses. Conforme destaca José Carlos Libâneo, a escuta ativa por parte do professor permite detectar as demandas individuais dos estudantes, orientando assim a seleção de conteúdos e estratégias pedagógicas adequadas. Dessa forma, a sondagem não apenas informa o planejamento das atividades, mas também promove uma abordagem mais personalizada e centrada no aluno.

Além de verificar o conhecimento prévio dos alunos, a sondagem também pode ser utilizada para avaliar suas habilidades de pensamento crítico e resolução de problemas. O desenvolvimento cognitivo dos estudantes é favorecido quando são desafiados a resolver problemas complexos e a pensar de maneira autônoma (Piaget, 1972). Nesse sentido, as questões propostas durante a sondagem podem estimular os alunos a refletirem criticamente sobre os temas abordados, preparando-os para enfrentar desafios cognitivos mais elaborados ao longo da sequência didática.

A sondagem inicial também pode servir como ponto de partida para o estabelecimento de metas e objetivos de aprendizagem. A definição clara de objetivos educacionais é essencial para orientar o planejamento e a execução das atividades de ensino, garantindo assim a progressão adequada do processo de aprendizagem. A análise dos resultados da sondagem permite ao professor estabelecer metas realistas e mensuráveis, alinhadas às necessidades e expectativas dos alunos.

No contexto da educação no ensino médio, é fundamental adotar abordagens que estimulem a autonomia e a responsabilidade dos alunos em relação ao seu próprio processo de aprendizagem. A abordagem centrada no aluno valoriza a autodireção e o autoconhecimento, promovendo assim um engajamento mais significativo e duradouro dos estudantes. A

sondagem pode ser concebida como uma oportunidade para empoderar os alunos, incentivando-os a assumir um papel ativo na definição de suas metas e na avaliação de seu próprio progresso.

O Novo Ensino Médio, ao propor uma flexibilização curricular e uma maior integração entre teoria e prática, pode apresentar riscos de se alinhar com uma perspectiva de educação mercadológica. Ao priorizar competências e habilidades alinhadas com as demandas do mercado de trabalho, corre-se o risco de reduzir o papel da educação à preparação para o mundo profissional, negligenciando aspectos essenciais da formação humana, como a reflexão crítica, a ética e o desenvolvimento integral do indivíduo. Essa abordagem pode reforçar uma visão utilitarista da educação, em que o valor do conhecimento é medido apenas por sua aplicabilidade imediata no mercado, em detrimento de sua capacidade de promover o pensamento crítico, a criatividade e a cidadania ativa. Assim, é fundamental que as políticas educacionais busquem equilibrar a preparação para o mercado de trabalho com uma formação que valorize o desenvolvimento integral do estudante e sua capacidade de compreender e transformar a realidade social em que está inserido.

Durante a realização da sondagem, é importante garantir um ambiente de aprendizagem inclusivo e acolhedor, que valorize a diversidade de experiências e conhecimentos dos alunos. A promoção da democracia na sala de aula requer o respeito mútuo e a valorização das diferentes perspectivas e vivências dos estudantes, assim, o professor deve criar espaços de diálogo e reflexão que permitam aos alunos expressar suas opiniões e contribuições de forma respeitosa.

Em síntese, a sondagem inicial desempenha um papel crucial no planejamento e desenvolvimento de sequências didáticas eficazes no contexto do ensino médio ao vislumbrar os componentes da base curricular como prioridade. Ao possibilitar a compreensão das necessidades, interesses e habilidades dos alunos, ela orienta a seleção de conteúdos, estratégias e objetivos de aprendizagem mais adequados, contribuindo assim para uma experiência educacional mais significativa para todos os envolvidos.

5.2 Desenvolvimento

Neste contexto, escolheu-se pela interdisciplinaridade entre as disciplinas de sociologia, filosofia, geografia e história, uma vez que o tema perfaz abrangência de tempo, espaço geográfico e das relações sociais mantidas neste espaço.

O presente trabalho propõe o desenvolvimento de recursos educacionais destinados a oferecer suporte tanto para professores quanto para alunos de Sociologia. Este produto inédito

foi desenvolvido pelo mestrando, e seu desenvolvimento foi embasado em uma fundamentação teórica sólida, além de contemplar uma análise crítica de pelo menos uma experiência prática de sua aplicação e seus efeitos junto a professores e/ou alunos. O objetivo é contribuir para que não haja um maior desmonte dos conteúdos básicos do ensino médio e da aprendizagem da Ciências Humanas tão importante para a formação perceptiva dos estudantes. Os recursos a serem desenvolvidos podem incluir jogos didáticos, documentários, imagens, seleções musicais ou até mesmo objetos tangíveis que possam ser utilizados em atividades práticas em sala de aula. A diversidade de formatos visa atender às diferentes necessidades e estilos de aprendizagem dos alunos, tornando o processo de ensino mais dinâmico.

Em síntese, a elaboração de recursos educacionais para o ensino de Sociologia representa uma oportunidade única de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino e para a formação de cidadãos críticos e engajados. Por meio de uma abordagem fundamentada teoricamente e embasada em experiências práticas, espera-se que os recursos desenvolvidos possam promover uma educação mais inclusiva, democrática e transformadora.

6. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Neste momento, o(s) docente(s) responsável(is) trarão a problematização à discussão para os pares e possivelmente para outros funcionários da escola, assim posteriormente com os discentes, realizando a sondagem em relação aos conhecimentos prévios e percepções pré-existentes. Propõe-se a realização de uma roda de conversa com os alunos, no intuito de averiguar múltiplas percepções em caráter integrativo e reflexivo, ou seja, propiciando que os alunos discutam entre si e, ao final, agreguem um senso e um conhecimento comum.

*Figura 1 - Reunião de alinhamento das atividades
e Roda de
Conversa entre Professores e
Apoio Escolar*



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 2 - Reunião dos docentes e as lideranças indígenas



Fonte: Arquivo Pessoal

Desse modo, após a organização das atividades que poderão ser aplicadas, o tema da roda de conversa, os conceitos pertinentes ao tema serão abordados, no intuito de materializar discussões sobre culturas, o combate à intolerância, ao preconceito e ao racismo no Brasil.

No capítulo II, são apresentadas abordagens teóricas relacionadas à diversidade cultural nas Ciências Sociais no ensino médio. A diversidade cultural é um fenômeno complexo e multifacetado, que envolve aspectos como identidade, memória, pertencimento, entre outros já mencionados. Nesse sentido, as Ciências Sociais oferecem um olhar crítico e reflexivo sobre as diferentes manifestações culturais e suas interações no âmbito social.

A sequência didática, abordada nos capítulos III e IV, se apresenta como um recurso pedagógico fundamental para o planejamento e desenvolvimento de atividades educacionais mais articuladas e contextualizadas. A elaboração de uma sequência didática que contemple as temáticas da diversidade étnico-raciais e da cultura contribui não apenas para a construção de conhecimento, mas também para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na sociedade e cada texto e questões abaixo tem esse propósito.

6.1 Primeira aula – Diversidade e Cultura

Consciência Negra e 300 anos de Minas Gerais

**OH! MINAS GERAIS, OH! MINAS GERAIS. SUAS LADEIRAS HISTÓRICAS
TÊM SANGUE DEMAIS. OH! MINAS GERAIS!**

Por Melina Sousa da Rocha

É complicado entender o que é se sentir negra no Estado de Minas Gerais. Desde que me entendi e me reconheci enquanto negra, me inseri em movimentos de negritude e me tornar uma negra em movimento, tenho me questionado acerca da identidade negra nesse estado. De acordo com os dados do IBGE em 2010, 53,5% da população mineira se auto-declara enquanto negra, somando pretos e pardos. No século XVIII, Minas foi o estado com maior número de escravizados explorados pela mineração. Sendo assim, a forma de trabalho dominante na sociedade mineira, foi a de abuso da mão de obra de africanos escravizados que já dominavam sofisticadas técnicas de extração e manipulação desses materiais. Em sua grande maioria os povos denominados bantus (o que hoje estima-se a região de Angola, Congo e Moçambique, conforme distribuição territorial dos colonizadores), os povos Africanos em Minas Gerais também constituíram inúmeros quilombos. Apesar da fama do Quilombo de Palmares e o reconhecimento do povo negro a seu merecido líder, Zumbi, Minas Gerais é onde se registrou o maior número de quilombos no Brasil. Mas não se vê, na maioria dos espaços, e na mídia diversa, a identidade negra mineira.

Os caminhos de exploração de ouro e pedras preciosas, deram origem as chamadas

idades históricas, em todas o que se percebe no ar é o cheiro e as marcas da escravidão e da desumanização negra. A estrada real, que seguia até o Rio de Janeiro e marcava os postos de coleta de impostos sobre a mineração, tornou-se um caminho turístico pra mineiridade que insiste em transformar seu histórico de racismo e exploração em “nosso patrimônio”. Eu os nego! É angustiante testemunhar que pessoas têm estômago para comer em antigas senzalas com correntes amostra, como acontece em Ouro Preto. É nauseante pensar que as pessoas ainda posam pra tirar fotos no pelourinho de Diamantina. Muito, mas muito decepcionante ainda, é perceber que a maioria dos museus de Minas que tratam da questão negra, são museus do escravo e não museus do povo negro. Reconheço o qual [sic] necessário é ainda hoje de falar sobre a escravidão. Mas será que é só isso que temos? Ainda são necessárias tantas imagens e representações do sofrimento de nosso povo? E nossa identidade e orgulho, cadê? Nossa africanidade, onde esconderam?

Quando viajo a outros estados e me apresento como mineira, as pessoas se espantam. Nem imaginam que em Minas Gerais tem negros. O que não é de se assustar quando se percebe que nem quem é natural do estado conseguem perceber que Minas é muito negra. Nas vinhetas televisivas, nas músicas cantadas pela intelectualidade burguesa mineira, nas propagandas do estado de divulgação para o Turismo, existe um fato: É [sic] como se fossemos uma miscelânea de brancos e brancas no estilo Paula Fernandes, enfeitados e adornados com pão de queijo. Mal sabem os amigos de outro estado, que pra gente que tá [sic] no centro da capital, possuir um queijo é quase que um troféu, de tão caro que o produto pode chegar a nós.

A realidade é que os Quilombos em Minas Gerais pedem socorro. Estão sendo engolidos pelas mineradoras, sendo expulsos de seus territórios e tendo sua identidade apagada brutalmente. Na capital, existe uma segregação explícita, onde separam espaços que cabem a negros e brancos. Com a política de branqueamento e higienização reforçada no mandato da atual prefeitura, moradores de favela estão sendo retirados de suas casas e forçados a ir para a região metropolitana, morando em cidades dormitórias, sem qualquer estrutura básica de saúde, transporte e educação.

O processo de formação do estado[sic] sempre estava diretamente ligado aos controles da igreja católica que hoje revezam seus abusos com igrejas evangélicas das mais diversas denominações. O resultado dissolam vários terreiros sendo expulsos de Belo Horizonte e sendo obrigados a se “esconder” ou também a migrar para as áreas metropolitanas.

O mito da democracia racial em nosso estado se junta a tradicional família mineira colonizadora. E essa mistura potencializa o racismo no estado, forjando esse como o melhor

lugar de se morar, mas escondendo o que perversamente se mantém sobre a população negra. A Polícia Mineira, considerada a melhor do Brasil, continua exterminando nossos jovens, a Universidade Federal ainda pertence aos herdeiros da república café com leite. Não é estrada real [sic], é caminho de escravização que marca todas as ladeiras e morros. Oh! Minas Gerais. Suas ladeiras têm sangue demais. Oh! Minas Gerais!

Fonte: <http://blogueirasnegras.org/>

Atividades

- 1 – Qual é a principal crítica apresentada no texto pela autora?
- 2 - Leia o fragmento abaixo:
 “É nauseante pensar que as pessoas ainda posam pra tirar fotos no pelourinho de Diamantina. Muito, mas muito decepcionante ainda, é perceber que a maioria dos museus de Minas que tratam da questão negra, são museus do escravo e não museus do povo negro. Reconheço o qual necessário é ainda hoje de falar sobre a escravidão. Mas será que é só isso que temos?”
 A autora faz uma crítica sobre a redução dos povos negros a somente à temática escrava. Elabore três sugestões ao governo e deputados do seu Estado pedindo o reconhecimento real das contribuições do povo negro para a nossa Sociedade nos diversos setores (cultura, arte, engenharia, ciência, tecnologias...).
- 3 - Qual a “dívida” do Estado de Minas Gerais com os afro-descendentes?
- 4- Quais os problemas enfrentados pelos quilombos mineiros na atualidade?
- 5 - Como ocorre o processo de segregação em Belo Horizonte, apresentado no texto?
- 6 - A autora pergunta: “E nossa identidade e orgulho, cadê? Nossa africanidade, onde esconderam?” Escreva 5 elementos que representem nossa africanidade.
- 7 - Qual a relação entre o título do texto e o Hino do Estado de Minas Gerais?
- 8 - Escreva uma paródia de uma música de sua preferência apresentando os elementos da cultura africana presente em nossa sociedade mineira.

6.2 Segunda aula: Etnocentrismo

O preconceito etnocêntrico

Os índios trabalhavam pesado para cortar o pau-brasil e entregá-lo aos portugueses. Em troca, eram presenteados com pentes, pedaços de vidro colorido e facas. Esse câmbio de produto por produto é chamado de **escambo**.

Em nossa sociedade atual não é muito agradável trabalhar horas a fio cortando árvore e receber um espelhinho de salário. Porque, na nossa sociedade, o espelhinho vale pouco. Mas, para as sociedades indígenas, os espelinhos, colares e facas valiam demais!



Um jovem europeu punk do final do século XX e um índio do Brasil no século XIX. Cada sociedade tem seu modo de criar beleza.



Gravura européia (séc. XVII) mostra uma índia do Amazonas. O olhar europeu etnocêntrico a vê como uma heróina grega antiga: cabelos louros e manto de seda. Como você pode perceber, o etnocentrismo impede a pessoa de enxergar o "outro", o diferente, a riqueza do mundo humano.

Os índios trabalhavam muito em troca de pedaços de vidro colorido. Em compensação, os europeus invadiram terras indígenas, mataram, roubaram, escravizaram, tudo isso para enriquecer. Quem era mais *civilizado*: o que trabalhava em troca de presente ou o que matava e roubava?

Quando consideramos que os valores de nossa cultura, criados por nossa sociedade, são "verdades absolutas" e que todas as outras culturas *diferentes* são "inferiores, bárbaras, atrasadas", nós estamos sendo **etnocêntricos**. Portanto, o etnocentrismo é uma maneira limitada de enxergar a realidade. Os etnocêntricos são limitados porque só dão importância à própria cultura, como se ela fosse a única "verdadeira" e "bonita" de se viver.

Cada sociedade tem a própria maneira de valorizar as coisas. A economia dos índios não pode ser comparada com a nossa. Na sociedade deles não havia comércio, os produtos não tinham preço. Quando o índio dava alguma coisa para outro, como uma canoa, um colar de penas, um pote, ele levava em conta o que o objeto *simbolizava*: a amizade, a vontade de viver em paz, o prazer de proporcionar alegria ao outro. Na nossa sociedade capitalista, é diferente: quase tudo tem um preço, quase tudo pode ser comprado e vendido.



O etnocentrismo foi uma arma para dominar os índios. Os europeus impuseram sua língua, seu modo de vestir, sua religião, sua sociedade. Fizeram de tudo para que os índios sentissem vergonha de sua cultura.

MOURA, M. O. et AL *A atividade orientadora de ensino como unidade entre ensino e aprendizagem*.

In MOURA, M. O. *A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural*. Brasília: Liber-livro, 2010.

Atividades

- 1- Pense e escreva duas perguntas para fazer a respeito da **Palestra – “Respeito a Cultura Indígena”**.
- 2- Segundo o texto os povos indígenas trabalhavam pesado?
- 3- O que é escambo? Explique.
- 4- Existe a aplicação do escambo na nossa sociedade atual?
- 5- A economia dos índios pode ser comparada a nossa? Justifique.

- 6- O que simboliza a troca de objetos entre os povos indígenas? E na nossa sociedade capitalista?
- 7- O que os europeus praticavam para enriquecer?
- 8- De acordo com o texto quem era mais civilizado? Justifique.
- 9- O que é etnocentrismo?
- 10- Exemplifique o etnocentrismo no século XVI.
- 11- Quais foram as ideias etnocêntricas absurdas?
- 12- O etnocentrismo foi uma arma para dominar os povos indígenas? Explique.
- 13- De acordo com a ilustração do texto cada sociedade tem seu modo de criar beleza?
- 14- O que é a PEC 215? Explique.
- 15- Qual é a sua opinião a respeito da polêmica das demarcações? Justifique.

6.3 Terceira Aula: Discussão sobre identidade racial

A discussão sobre a identidade racial e a representatividade na sociedade contemporânea é de extrema relevância, especialmente em contextos onde políticas afirmativas são implementadas para promover a inclusão de grupos historicamente marginalizados, como é o caso das cotas raciais nas universidades brasileiras. Nesse sentido, o tema "Negros de pele clara", abordado a partir das reflexões de pensadoras como Sueli Carneiro, oferece uma oportunidade valiosa para ampliar o entendimento sobre a complexidade das questões raciais e estimular um debate crítico e esclarecedor.

A justificativa para aplicar uma aula sobre esse tema reside na necessidade de desconstruir preconceitos e estereótipos que permeiam a compreensão da identidade racial, especialmente no que diz respeito à concepção tradicional de "negritude". Ao discutir a experiência de pessoas negras de pele clara, Sueli Carneiro e outros estudiosos exploram as nuances e variedades dentro da diáspora africana, evidenciando que a raça não se restringe apenas à pigmentação da pele, mas também está ligada a experiências históricas, sociais e culturais compartilhadas.

Além disso, a abordagem desse tema permite analisar criticamente as políticas de ação afirmativa, como as cotas raciais, e entender como essas medidas podem beneficiar ou negligenciar determinados grupos dentro da população afrodescendente. A presença de "negros de pele clara" entre os beneficiários das cotas suscita questionamentos importantes sobre como as políticas públicas devem considerar a diversidade intra-racial e garantir uma representação mais equitativa das diferentes experiências e realidades vivenciadas pelos afro-brasileiros.

Portanto, a aula proposta visa não apenas expandir o conhecimento sobre as nuances da identidade racial, mas também fomentar uma reflexão crítica sobre as formas como as políticas públicas lidam com a questão da diversidade étnico-racial. Ao entender melhor as complexidades envolvidas na noção de "negritude" e as implicações das políticas de inclusão, os estudantes estarão mais bem preparados.

Vinícius de Jesus Soares

Negros de pele clara

Sueli Carneiro

Vários veículos de imprensa publicaram com destaque fotos dos candidatos selecionados que vão concorrer às vagas para negros da Universidade de Brasília (UnB). Veículos que vêm se posicionando contra essa política percebem, no largo espectro cromático desses alunos, mais uma oportunidade para desqualificar o critério racial que a orienta. [grifo nosso]

Uma das características do racismo é a maneira pela qual ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas, enquanto reserva para os racialmente hegemônicos o privilégio de serem representados em sua diversidade. Assim, para os publicitários, por exemplo, basta enfiar um negro no meio de uma multidão de brancos em um comercial para assegurar suposto respeito e valorização da diversidade étnica e racial e livrar-se de possíveis acusações de exclusão racial das minorias. Um negro ou japonês solitários em uma propaganda povoada de brancos representam o conjunto de suas coletividades. Afinal, negro e japonês são todos iguais, não é?

Branco não. São individualidades, são múltiplos, complexos e assim devem ser representados. Isso é demarcado também no nível fenotípico em que é valorizada a diversidade da branquitude: morenos de cabelos castanhos ou pretos, loiros, ruivos, são diferentes matizes da branquitude que estão perfeitamente incluídos no interior da racialidade branca, mesmo quando apresentam alto grau de morenidade, como ocorre com alguns descendentes de espanhóis, italianos ou portugueses que, nem por isso, deixam de ser considerados ou de se sentirem brancos. A branquitude é, portanto, diversa e multicromática. No entanto, a negritude padece de toda sorte de indagações.

Insisto em contar a forma pela qual foi assegurada, no registro de nascimento de minha filha Luanda, a sua identidade negra. O pai, branco, vai ao cartório, o escrivão preenche o registro e, no campo destinado à cor, escreve: branca. O pai diz ao escrivão que a cor está errada, porque a mãe da criança é negra. O escrivão, resistente, corrige o erro e planta a nova cor: parda. O pai novamente reage e diz que sua filha não é parda. O escrivão irritado pergunta, “Então qual a cor de sua filha”. O pai responde, “Negra”. O escrivão retruca, “Mas ela não puxou nem um pouquinho ao senhor?[sic] É assim que se vão clareando as pessoas no Brasil e o Brasil[sic] . Esse pai, brasileiro naturalizado e de fenótipo ariano, não tem, como branco que de fato é, as dúvidas metafísicas que assombram a racialidade no Brasil, um país percebido

por ele e pela maioria de estrangeiros brancos como de maioria negra. Não fosse a providência e insistência paterna, minha filha pagaria eternamente o mico de, com sua vasta carapinha, ter o registro de branca, como ocorre com filhos de um famoso jogador de futebol negro.

Porém, independentemente da miscigenação de primeiro grau decorrente de casamentos inter- raciais, as famílias negras apresentam grande variedade cromática em seu interior, herança de miscigenações passadas que têm sido historicamente utilizadas para enfraquecer a identidade racial dos negros. Faz-se isso pelo deslocamento da negritude, que oferece aos negros de pele clara as múltiplas classificações de cor que por aqui circulam e que, neste momento, prestam-se à desqualificação da política de cotas. Segundo essa lógica, devemos instituir divisões raciais no interior da maioria das famílias negras com todas as implicações conflituosas que decorrem dessa partição do pertencimento racial. Assim teríamos, por exemplo, em uma situação esdrúxula, a família Pitanga, em que Camila Pitanga (negra de pele clara como sua mãe), e Rocco Pitanga (um dos atores da novela “Da cor do pecado”), embora irmãos e filhos dos mesmos pais seriam, ela e a mãe brancas, e ele e o pai negros. Não é gratuito, pois, que a consciência racial da família Pitanga sempre fez com que Camila recusasse as constantes tentativas de expropriá-la de sua identidade racial e familiar negra.

De igual maneira, importantes lideranças do Movimento Negro Brasileiro, negros de pele clara, através do franco engajamento na questão racial, vêm demarcando a resistência que historicamente tem sido empreendida por parcela desse segmento de nossa gente aos acenos de traição à negritude, que são sempre oferecidos aos mais claros.

Há quase duas décadas, parcela significativa de jovens negros inseridos no Movimento Hip Hop politicamente cunhou para si a autodefinição de pretos e o slogan PPP (Poder para o Povo Preto) em oposição a essas classificações cromáticas que instituem diferenças no interior da negritude, sendo esses jovens, em sua maioria, negros de pele clara como um dos seus principais ídolos e líderes, Mano Brown, dos Racionais MCs. O que esses jovens sabem pela experiência cotidiana é que o policial nunca se engana, sejam eles mais claros ou escuros.

No entanto, as redefinições da identidade racial, que vêm sendo empreendidas pelo avanço da consciência negra e que já são perceptíveis em levantamentos estatísticos, tendem a ser atribuídas apenas a um suposto ou real oportunismo promovido pelas políticas de cotas, fenômeno recente que não explica a totalidade do processo em curso.

A fuga da negritude tem sido a medida da consciência de sua rejeição social e o

desembarque dela sempre foi incentivado e visto com bons olhos pelo conjunto da sociedade. Cada negro claro ou escuro que celebra sua mestiçagem ou suposta morenidade contra a sua identidade negra tem aceitação garantida. O mesmo ocorre com aquele que afirma que o problema é somente de classe e não de raça. Esses são os discursos politicamente corretos de nossa sociedade. São os discursos que o branco brasileiro nos ensinou, gosta de ouvir e que o negro que tem juízo obedece e repete. Mas as coisas estão mudando...

Fonte: <https://www.geledes.org.br/negros-de-pele-clara-por-sueli>. 2004.

Atividade de interpretação: Negros de pele clara

- 1) Qual crítica o autor do texto faz ao publicitário?
- 2) Por que para o autor do texto, a branquitude é diversa e multicromática?
- 3) Em que medida a reflexão do autor se relaciona com as ideias de branquitude presente no Brasil?
- 4) Para o autor, é possível afirmar que independente da variação cromática todos são negros?
- 5) Qual é a visão do autor sobre a ideia de negros de pele clara?

6.4 Quarta aula: Respeito

As religiões de matrizes africanas, como o Candomblé, a Umbanda, o Batuque, entre outras, desempenham um papel fundamental na cultura e na história do Brasil e de diversos outros países ao redor do mundo. No entanto, muitas vezes essas religiões são mal compreendidas, estigmatizadas ou até mesmo marginalizadas pela sociedade em geral. Portanto, a realização de uma aula dedicada a explorar essas tradições religiosas se justifica por várias razões importantes. Abaixo veremos algumas delas.

Promoção do entendimento intercultural: as religiões de matrizes africanas são parte integrante da diversidade cultural do Brasil e de outras nações. Ao compreender essas religiões, os estudantes podem desenvolver uma apreciação mais profunda da pluralidade cultural do país e do mundo, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

Combate ao preconceito e à intolerância religiosa: O desconhecimento sobre as religiões de matrizes africanas frequentemente leva à disseminação de estereótipos negativos e à discriminação contra seus praticantes. Ao fornecer informações precisas e contextuais sobre essas religiões, uma aula dedicada pode ajudar a combater o preconceito

e a promover a tolerância religiosa.

Valorização da história e da contribuição africana: as religiões de matrizes africanas têm suas raízes nas tradições espirituais e culturais dos povos africanos trazidos como escravos para o Brasil durante a época colonial. Estudar essas religiões é reconhecer e valorizar a profunda contribuição da África para a formação da identidade brasileira e mundial.

Exploração da diversidade religiosa: o estudo das religiões de matrizes africanas oferece aos estudantes a oportunidade de explorar a riqueza e a diversidade das expressões religiosas ao redor do mundo. Isso pode ajudar a expandir suas perspectivas e a desenvolver uma compreensão mais ampla e inclusiva das crenças e práticas religiosas.

Vinícius de Jesus Soares

Religiões de Matrizes africanas

As religiões de matrizes africanas são parte da diversidade religiosa do Brasil. Entre algumas dessas manifestações, que têm como referência a cultura trazida pelos africanos durante mais de 300 anos de escravidão, estão catimbó, cabula e principalmente umbanda e candomblé [sic], que se propagaram com mais intensidade pelo Brasil.

Desde sua chegada ao Brasil, os praticantes de religiões de matrizes africanas foram alvo de perseguições por manifestarem a sua fé. Mas ainda hoje, em 2015, os episódios de intolerância religiosa fazem parte do cotidiano. No contexto da Década Internacional de Afrodescendentes (2015-2024), a ONU [sic], destaca essas manifestações brasileiras e de forte ligação com a África.

“Eu costumo dizer que a África e o Brasil se casaram e tiveram dois filhos: candomblé e umbanda. O candomblé é uma religião de matriz africana, a sua origem está na África, sobretudo no sudoeste da África. É uma religião brasileira e que se constituiu não só com essa matriz, mas com o sincretismo a partir da relação com o cristianismo, com cultos e vivências indígenas. A umbanda tem outra forma de sincretizar além dessa construção africanista porque promove outras relações com o misticismo, valores ciganos, kardecistas e hinduístas”, explicou, em entrevista exclusiva ao Centro de Informação da ONU para o Brasil (UNIC Rio), o babalorixá Márcio de Jagun, ressaltando que, para os detratores, tanto os candomblecistas

quanto os umbandistas são chamados de “macumbeiros”.

Apesar da influência africana desde o século XVI, o candomblé e a umbanda se consolidaram na sociedade brasileira nos últimos 200 anos, principalmente no início do século XX, quando o público pôde ter conhecimento das práticas a partir, por exemplo, das pesquisas de Pierre Verger, etnólogo francês e babalawo, que dedicou a maior parte de sua vida ao estudo da diáspora africana e ao comércio de escravos.

Essas práticas religiosas de matrizes africanas também fazem referência à comida, à música, aos tecidos e aos costumes não apenas dos escravos, mas dos colonizadores. Como exemplo deste sincretismo estão a indumentária e as louças que foram acrescentadas ao culto, como referência aos costumes portugueses.

“Após a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República, vimos um movimento eugenista crescer no Brasil. A ideia era embranquecer o país, dar identidade europeia. Então, toda essa cultura afro foi criminalizada: o samba, a capoeira, a prática religiosa... Tudo era estigmatizado”, destaca, em entrevista ao UNIC Rio, o babalawo Ivanir dos Santos, acrescentando que a África está muito presente no seio da história e da construção da religiosidade, mas isso não recebe a importância que deveria.

Fonte: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/13132/10276>

Desafios para mensurar os praticantes

De acordo com o último censo, de 2010, menos de 1% da população brasileira pratica as religiões de matrizes africanas. Mas esse universo não condiz com a realidade, já que ele não expressa a quantidade de pessoas que, juntamente com outras religiões, frequentam os cultos de matriz afro. O documento do IBGE informa que há cerca de 407 mil praticantes da umbanda, 167 mil do candomblé e cerca de 14 mil de outras religiões de matrizes africanas.

“O último censo mostrou a diversificação do campo religioso. O catolicismo, religião hegemônica, vem decrescendo, o que vem abrindo espaço para o crescimento dos neopentecostais. Já os afro-religiosos, representam menos de 1%. O que vários especialistas têm dito, e eu concordo, é que esse número está subestimado. Há que se fazer uma pesquisa mais cuidadosa de maneira a saber como isso pode ser perguntado para chegarmos mais perto da religiosidade brasileira. Antigamente, sabemos que em muitos terreiros, vários cultos eram realizados na igreja católica. Desta forma, deveria ser aceitável na declaração que a pessoa se identificasse com mais de uma religião”, diz a antropóloga Sonia Giacomini.

Fonte: <https://brasil.un.org/pt-br/70342-especial-intoler%C3%A2ncia-contrareligi%C3%B5es-de-matrizes-africanas-no-brasil>

Atividade

- 1) Quais são as principais religiões de matrizes africanas mencionadas no texto, e como elas se estabeleceram no Brasil?
- 2) Qual é o contexto histórico de perseguição e intolerância enfrentado pelos praticantes de religiões de matrizes africanas no Brasil?
- 3) Como o candomblé e a umbanda se diferenciam em termos de sincretismo religioso, segundo o babalorixá Márcio de Jagun?
- 4) Qual foi a contribuição de Pierre Verger para o conhecimento das práticas religiosas afro-brasileiras?
- 5) De que forma as práticas religiosas de matrizes africanas incorporaram elementos culturais dos colonizadores?
- 6) Qual foi o impacto do movimento eugenista no Brasil sobre a cultura afro-brasileira, segundo o babalawo Ivanir dos Santos?
- 7) Por que o número de praticantes das religiões de matrizes africanas pode estar subestimado, conforme a antropóloga Sonia Giacomini?
- 8) Como o censo de 2010 reflete a diversidade religiosa no Brasil, especialmente em relação às religiões de matrizes africanas?
- 9) Qual é a importância da Década Internacional de Afrodescendentes para as religiões de matrizes africanas no Brasil?
- 10) De que maneira o sincretismo religioso contribuiu para a formação do candomblé e da umbanda no Brasil?

6.5 Quinta aula: Preconceito

IMIGRAÇÃO E REFUGIADOS

Instruções: Leia o texto a seguir sobre a guerra na Síria. Depois, reflita sobre as questões propostas.



Em sua mensagem no Dia Mundial do Refugiado, o Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados, Filippo Grandi, prestou homenagem aos refugiados que estão se preparando para ajudar a responder à pandemia, apesar de seu status [sic] muitas vezes precário. “Enquanto lutamos contra a COVID-19, inspiro-me na resiliência que os refugiados demonstraram em superar sua própria crise de deslocamento e desapropriação, a separação de suas casas e famílias e sua determinação em melhorar a própria vida e a de outras pessoas, apesar dessas e de outras dificuldades”, disse.

Enquanto o mundo se prepara para mais um marco trágico no brutal conflito sírio, o ACNUR, Agência da ONU para Refugiados, encoraja a comunidade internacional a redobrar seu generoso apoio para amenizar o contínuo e intenso sofrimento de milhões de civis inocentes no país e região. “A Síria está numa encruzilhada”, disse Filippo Grandi, Alto Comissário da ONU para Refugiados. “A menos que sejam tomadas medidas drásticas para fortalecer a paz e a segurança para a Síria, a situação vai piorar”.

Na Síria, 13,5 milhões de pessoas necessitam de ajuda humanitária; 6,3 milhões são deslocados internos; centenas de milhares fizeram viagens marítimas arriscadas em busca de segurança; quase 3 milhões de sírios menores de 5 anos cresceram sem saber como é viver em um país sem conflitos; e 4,9 milhões – a maioria mulheres e crianças – são refugiados em países vizinhos, colocando as comunidades anfitriãs sob enorme pressão à medida que assumem as consequências sociais, econômicas e políticas. “Em última análise, o conflito da Síria não é sobre números – é sobre as pessoas”, acrescentou Grandi. “Famílias foram devastadas, civis

inocentes foram mortos, casas destruídas, empresas e meios de subsistência destruídos. É um fracasso coletivo”. [...]

Fonte: www.acnur.org/portugues/2017/03/09/guerra-da-siria-entra-no-setimo-ano-e-acnur-alerta-que-o-pais-seencontra-numa-encruzilhada.

Atividade

- 1) Na opinião de vocês, o que Filippo Grandi quis dizer com a frase “ [...] o conflito da Síria não é sobre números – é sobre pessoas”.
- 2) O que vocês acham que é necessário para ajudar essas pessoas em situação de vulnerabilidade? O que é xenofobia?

População de origem asiática é vítima de violência e preconceito na pandemia

Para Lais Miwa Higa, discurso de ódio adotado por lideranças globais e falta de identificação racial estão entre os motivos por trás do aumento do preconceito

A violência e o preconceito contra a população de origem asiática foram acentuados durante a pandemia de covid-19. Segundo relatório divulgado em maio pelo Stop Asian Hate, movimento que denuncia o aumento dos crimes de ódio contra a comunidade, foram 6.603 casos de violência registrados entre março de 2020 e março de 2021. De acordo com o Departamento de Polícia de Nova York, houve aumento de 1.900% nesses incidentes, além das denúncias que não são relatadas.

O discurso de ódio e preconceito adotado por lideranças globais é apontado como um dos motivos por trás desse aumento. Políticos como o ex-presidente dos EUA [sic], Donald Trump, e Jair Bolsonaro utilizaram “vírus chinês” para se referir à covid-19 em diversos momentos e atribuem a culpa da pandemia ao país asiático. “Isso escancarou um racismo que vem desde o início da imigração, esse tipo de discurso abre espaço para a agressão”, comenta Lais Miwa Higa, doutoranda em Antropologia Social na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP [sic].

Segundo Lais, é comum que em tempos de crise haja um aumento de crimes de ódio contra minorias. “Cria-se um inimigo comum e as pessoas acabam jogando esse ódio nos indivíduos”, explica. Isso aconteceu, por exemplo, durante o Estado Novo, quando Getúlio Vargas adotou uma postura contra os japoneses por conta dos conflitos da Segunda Guerra Mundial. E acontece agora, na pandemia.



Segundo Lais Miwa Higa, é comum que em tempos de crise haja um aumento de crimes de ódio contra minorias – Foto: Phức Mã – Pixabay

Estereótipo que generaliza diferentes etnias

Atualmente, esses discursos têm como principal alvo a China, onde o coronavírus foi identificado pela primeira vez, mas a violência atinge toda a população de origem asiática. “As pessoas, em geral, não sabem diferenciar, olhando no rosto da pessoa, se ela é chinesa ou coreana”, afirma Lais. “Acabam todos sendo vítimas desse preconceito”, acrescenta. A pesquisadora ainda comenta que há um estereótipo que generaliza diferentes etnias, como se japoneses e chineses, por exemplo, fossem iguais.

A questão de gênero também tem relação com o racismo. Ainda segundo o levantamento do Stop Asian Hate, cerca de 65% dos casos de violência têm como vítimas as mulheres.

Em seu doutorado, Lais estuda a militância e a identidade asiática. Para a pesquisadora, a percepção de amarelo como raça no Brasil não existe. “As próprias pessoas asiáticas não se viam como amarelas, muitas vezes se entendiam como quase brancas ou até brancas mesmo”, afirma. Ela defende que esse reconhecimento é importante para que o racismo seja nomeado e identificado.

Superar o preconceito

“Nos últimos tempos, teve todo um cuidado de entender o que é raça no Brasil”, comenta Lais. Segundo a pesquisadora, há um movimento entre os coletivos asiáticos de não se fechar somente entre a comunidade asiática e enfatizar a solidariedade antirracista com outros

movimentos. “Essa discussão, estando nas redes, permite que se tire da invisibilidade esse tipo de discriminação que tem raízes históricas, mais de 100 anos no Brasil, por exemplo.”

“É difícil falar que é racismo quando as pessoas ainda não nos percebem como racializadas”, diz. O termo “xenofobia” é frequentemente utilizado, mas, segundo a pesquisadora, não é o mais adequado, já que as vítimas não são somente estrangeiros, mas também brasileiros e brasileiras.

Entre as formas de superar o preconceito, Lais cita o debate e a informação para que essa violência seja nomeada e identificada, pois muita gente ainda entende isso como piada. “O combate contra qualquer tipo de discriminação é educação, pesquisa e diálogo. Salva vidas”, conclui.

Fonte: <https://jornal.usp.br/atualidades/populacao-de-origem-asiatica-e-vitima-de-violencia-e-preconceito-na-pandemia/>

3) Assista ao vídeo de orientação e leia o texto, faça uma redação estabelecendo um paralelo sobre “xenofobia” e depois pesquise o depoimento de alguém que já sofreu xenofobia e escreva esse relato também com fonte para produção do seu texto com o mínimo de 20 linhas.

Existe preconceito no Brasil? Xenofobia é crime tipificado na lei 9.459, de 1997

O Mohamed Ali, refugiado sírio residente no Brasil há três anos, foi hostilizado e agredido verbalmente em Copacabana, região nobre do Rio de Janeiro, onde trabalha vendendo esfihas e doces típicos.

Em vídeo publicado nas redes sociais é possível ver um homem exaltado que grita repetidas vezes “sai do meu País!”, ostentando dois pedaços de madeira nas mãos e ameaçando o refugiado. “O nosso país tá sendo invadido por esses homens”. As agressões duram cerca de um minuto, no qual as ofensas não param: “Vamos expulsar eles! Cadê o Crivella? Cadê o prefeito?”, grita o agressor em vídeo publicado na página do Facebook Mídia Independente Coletiva – MIC.

Ali manifestou-se nos comentários do vídeo.

“Eu, Mohamed, sou este rapaz que foi humilhado. Estou aqui faz três anos. Vim pro Brasil porque eles abriram as portas para todos os refugiados. Todos os meus amigos estão

trabalhando. Estamos trabalhando arduamente. Estou muito sentido porque nunca pensei que isso pudesse acontecer comigo”, afirmou, no comentário que já recebeu 2,2 mil likes.

No Brasil, xenofobia é crime tipificado na lei 9.459, de 1997. Seu primeiro artigo diz: serão punidos, na forma desta lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

“Vim com amor, porque os amigos sempre diziam que o Brasil aceita muito outras culturas e religiões e as pessoas são amáveis e todos os refugiados procuram paz. Não sou terrorista, se eu fosse, eu não estaria aqui, estaria lá lutando como eles fazem”, afirma, agradecendo a todos que o defenderam.

Apesar da fama de “cordial” e de receber bem imigrantes, o aumento das denúncias mostra um lado triste do Brasil. Entre 2014 e 2015, os casos aumentaram 633%, pulando de 45 para 333 registros recebidos pela Secretaria Especial de Direitos Humanos, via plataforma Disque 100. Na Justiça, quase não há registros de denúncias que prosseguiram ou de xenófobos punidos.

Olhando os dados de 2015 mais de perto, vê-se que os principais alvos de preconceito são os refugiados. As principais vítimas são haitianos (26,8%), depois pessoas de origem árabe ou de religião muçulmana (15,45%).

“Tenho muitas esperanças no Brasil. Moro no Brasil e aqui já é minha pátria. Espero que isso não aconteça com mais ninguém, de nenhuma nacionalidade”, afirmou Ali. Na sexta 4, ele voltou a se manifestar nas redes.

“Realmente, agora eu sinto que estou vivendo em família, uma grande família. Quando perdemos o rumo, de repente você acha milhões de pessoas te dando a mão. Isso é uma coisa que enche meu coração de amor por todos. Isso é uma coisa que me dá esperança nesse mundo que ainda tem pessoas, especialmente, brasileiros, muito boas. Quando a chuva cai, você não deve ficar totalmente temeroso, porque a chuva faz com que as flores cresçam. Eu espero paz pra viver”. [grifos nossos]

Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/politica/saia-do-meu-pais-agressao-a-refugiado-no-rio-expoe-a-xenofobia-no-brasil/>

Obs; Se puder assista ao vídeo antes de produzir toda a atividade

Acesse o link de: <https://www.youtube.com/watch?v=MRWnjmHNz3w>

Acesse o link: <https://www.acnur.org/portugues/2020/07/02/sete-refugiados-que-estao-fazendo-a-diferenca-durante-a-pandemia-de-covid-19/>

6.6 Sexta aula: Racismo

História do Movimento Negro

O movimento negro no Brasil surge, ainda de forma precária e clandestina, durante o período escravagista. Grandes personagens se insurgiram contra o sistema e impulsionaram o movimento. Dentre eles, um dos mais conhecidos é Zumbi dos Palmares (líder do Quilombo dos Palmares). Os escravos utilizavam-se da quilombagem (fuga para os quilombos e outros tipos de protestos) e do bandoleirismo (guerrilha contra povoados e viajantes) para rebelar-se contra a escravidão.

Ainda no mesmo período, o Movimento Liberal Abolicionista passa a ganhar força, desenvolvendo a ideia de fim da escravidão e comércio de escravos. Como resultado, foi promulgada em 13 de Maio de 1888 a Lei Áurea, encerrando o longo período escravagista. A população negra inicia então um novo desafio: a luta contra o preconceito e desigualdade social.

Ao final do século XIX e durante uma grande parte do século XX, circulam jornais e revistas voltados aos negros. Os periódicos são fundados por associações dos mais diversos tipos, desde carnavalescas, até literárias. As publicações começam com o intuito de discutir a vida da população negra em geral e promover assuntos interessantes à época.

Porém, esses periódicos acabaram se tornando meios de denúncia de atos praticados contra os negros, das dificuldades desse grupo no período pós-escravagista, da desigualdade social entre negros e brancos e das restrições sofridas em decorrência do preconceito racial. O agrupamento de todas as publicações passou a ser conhecido como Imprensa Negra Paulista. Dentro deste mesmo período, em 1931, é fundada a Frente Negra Brasileira. Esse movimento viria a se transformar em partido político, extinto com os demais na criação do Estado Novo.

Após o Estado Novo, esses grupos começam a se organizar, formando entidades importantes na história pelo direito dos negros, tendo como exemplo a União dos Homens de Cor e o Teatro Experimental do Negro. Já na década de 60, a caminhada dos grupos no Brasil ganha novas influências e referências, como o Movimento dos Direitos Civis nos EUA [sic] e a luta africana contra a segregação racial e libertação de colônias. Destacam-se personalidades como Rosa Parks, Martin Luther King, Nelson Mandela e Abdias Nascimento. Assim como influências advindas do movimento conhecido como “Black is beautiful”[sic].

Alguns anos depois, nas décadas de 70 e 80, vários grupos são formados com o intuito de unir os jovens negros e denunciar o preconceito. Protestos e atos públicos das mais diversas formas passam a ser realizados, chamando a atenção da população e governo para o problema

social – como a manifestação no Teatro Municipal de São Paulo, que resultaria na formação do Movimento Negro Unificado.

A Marcha Zumbi, realizada em Brasília em 1995, contou com a presença de 30 mil pessoas, despertando a necessidade de políticas públicas destinadas aos negros, como forma compensatória e de inclusão nos campos socioeducativos. Com dados alarmantes do IBGE e IPEA [sic], um decreto do governo FHC[sic]. instituiu o Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra. Porém, a instauração de medidas práticas passa a ser realizada só após a Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Correlatadas de Intolerância (Durban, África – 2001). A partir desse momento, o governo brasileiro passa a ter interesse em demonstrar, efetivamente, o cumprimento de resoluções determinadas internacionalmente pelos órgãos de Direitos Humanos.

Desse momento em diante, são criados programas de cotas, iniciativas estaduais e municipais, e em 2003, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR).

O que o movimento negro busca hoje

Após a abolição, os negros passaram a habitar guetos e comunidades, como forma de proteção, e em razão da falta de oportunidades. Entre as reivindicações do movimento hoje em dia está a compensação por todos os anos de trabalho forçado e à falta de inclusão social após esse período; a falta de políticas públicas destinadas a maior presença do negro no mercado de trabalho e nos campos educacionais. Também, a efetiva aplicabilidade das leis que buscam a criminalização do racismo e a plena aceitação e respeito à cultura e herança histórica.

O que diz a lei em relação à igualdade racial?

Iniciando as batalhas jurídicas contra o racismo no Brasil, foi estabelecida a lei 1390/51 (1951), conhecida como “Lei Afonso Arinos”, proibindo qualquer tipo de discriminação racial no país. Sua aplicabilidade não demonstrava qualquer eficácia, visto que as punições não eram aplicadas, mesmo em casos claros de discriminação.

A “Lei Caó”, de 1989, tipificou o crime de racismo no Brasil. Hoje, esse crime é imprescritível e inafiançável no país. Além da “Lei Caó”, há a injúria racial (Art. 150, CP), utilizado nos casos de ofensa à honra pessoal, valendo-se de elementos ligados à cor, raça, etnia, religião ou origem.

No caso da inclusão dos negros no sistema educacional brasileiro, foi criada a Lei

12.711/12, que determina a criação cota de vagas em universidades públicas para a população negra. Para maior presença no campo de trabalho, foi determinada, também, uma cota relacionada a concursos públicos, através da Lei 12.990/14. 20% das vagas oferecidas nos concursos são destinadas aos negros.

Fonte: <https://www.politize.com.br/movimento-negro/>

Atividades

- 1) Segundo o texto, quando iniciou o movimento negro no Brasil?
- 2) De acordo com o texto cite os primeiros movimentos negros no Brasil?
- 3) De acordo com o texto construa uma linha do tempo com os acontecimentos relacionados ao movimento negro no Brasil.
- 4) Com base no texto, cite referências mundiais que influenciaram o movimento negro no Brasil.
- 5) Descreva o movimento negro nas décadas de 70 e 80.
- 6) Faça um esboço sobre a Marcha Zumbi, realizada em Brasília em 1995.
- 7) Aponte as conseqüências da Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Correlatadas de Intolerância (Durban, África – 2001) para o Brasil.
- 8) Identifique no texto as reivindicações do movimento atualmente.
- 9) Identifique os principais pontos das leis criadas com o intuito de atender as reivindicações para igualdade racial no Brasil.

6.7 Sétima aula: Intolerância

Intolerância Religiosa



Kaylane, 11 anos vítima de intolerância religiosa

Muitos casos de intolerância religiosa no Brasil podem ser compreendidos como parte do fenômeno do racismo (racismo religioso), uma vez que, geralmente, são ataques contra religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda. Dados compilados pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa do Rio de Janeiro (CCIR) mostram que mais de 70% de 1.014 casos de ofensas, abusos e atos violentos registrados no Estado entre 2012 e 2015 são contra praticantes dessas religiões.

Divulgado na quinta-feira (21/01/2016), Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, o documento reacende o debate: por que os adeptos da umbanda e do candomblé, e suas variações, ainda são os mais atacados por conta de sua religião? O tema ganhou as páginas dos jornais recentemente, em casos como o da menina Kaylane Campos, atingida por uma pedrada na cabeça em junho do ano passado, aos 11 anos, no bairro da Penha, na Zona Norte do Rio, quando voltava para casa de um culto e trajava vestimentas religiosas candomblecistas. Também em 2015, no mês de novembro, um terreiro de candomblé foi incendiado em Brasília, sem deixar feridos. Na época, a imprensa local já registrara 12 incêndios semelhantes desde o início daquele ano somente no Distrito Federal.

O jornal BBC Brasil ouviu especialistas sobre as razões da hostilidade contra as religiões de origem africana e o que pode ser feito. Para eles, há duas explicações. Por um lado o racismo e a discriminação que remontam à escravidão e que desde o Brasil colônias rotulam tais religiões pelo simples fato de serem de origem africana, e, pelo outro, a ação de movimentos neopentecostais (novos evangélicos) radicais que nos últimos anos teriam se valido de mitos e preconceitos para “demonizar” e insuflar a perseguição a umbandistas e candomblecistas.

Fonte: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_afri ca nas_jp_rm Adaptado.

Atividades

- 1 - Qual é o nome das religiões de matriz africana que se desenvolveram no Brasil?
- 2 - Descreva as características das religiões apontadas pelo babalorixá (dirigente de uma casa religiosa) Márcio de Jagun.
- 3 - A partir de quais estudos de Pierre Verger foi possível conhecer melhor sobre os “dois filhos” de Brasil e África.
- 4 - Qual o reflexo do movimento eugenista sobre a cultura afro-brasileira?
- 5 - Qual a opinião da antropóloga Sonia Giacomini sobre os dados do IBGE,

que indicam baixo contingente populacional como adeptos às religiões afro-brasileiras?

6 - Por que os casos de intolerância religiosa no Brasil podem ser classificados como racismo religioso?

7 - Quais seriam as razões das hostilidades sobre os casos de violência contra os adeptos da Umbanda e Candomblé?

6.8 Oitava aula: Poder e Crime

Sete mitos sobre as cotas raciais

As políticas afirmativas têm muitos opositores, mas será que eles têm razão em suas críticas?

As cotas sociorraciais nas universidades públicas já são uma realidade há pelo menos uma década e ganharam, em 2012, o impulso da Lei de Cotas, que em 2016 reservará 50% das vagas para estudantes negros e oriundos da escola pública.

No entanto, muitos ainda insistem em criticar esse instrumento de inclusão social e reparação de dívidas históricas do país. E nem sempre usando argumentos muito confiáveis. Veja alguns dos mitos sobre as cotas sociais e raciais: [sic].

1. Cotas são inconstitucionais e ferem o princípio da igualdade

Não foi assim que entendeu o STF (Supremo Tribunal Federal). Em 2012, a corte rejeitou por votação unânime uma ação contra o programa de cotas raciais da UnB[sic].. Os ministros entenderam que ações afirmativas, longe de criarem qualquer discriminação, são fatores de correção de desigualdades históricas. Isso porque elas garantem a todos oportunidades de acesso à educação e ao trabalho, o que está previsto na Constituição, cujo texto também confere ao Estado o dever da promoção da igualdade. Ou seja, as cotas não geram desigualdade, elas combatem a desigualdade.

2. Cotas subvertem o princípio da meritocracia

Vestibulares e concursos públicos são apenas uma das formas de selecionar candidatos e não garantem necessariamente a classificação dos mais inteligentes e capazes para as vagas. Prova disso é o bom desempenho dos alunos cotistas em faculdades públicas e privadas, comprovado por diversas pesquisas.

3. Cotas maquiam má qualidade do ensino básico

Os problemas da Educação Básica no país são conhecidos e estão sendo enfrentados. Isso não impede a adoção simultânea de políticas compensatórias para as gerações que sofreram com a baixa qualidade do ensino. Essas políticas são uma forma de quebrar o ciclo de exclusão que impede o pobre e o negro de ascender socialmente.

4. Cotas rebaixam nível acadêmico das universidades

São diversas as pesquisas que revelam desempenho similar ou até superior de alunos cotistas no ensino superior. Na UFMG [sic], por exemplo, que passou a adotar políticas afirmativas em 2013, as notas dos cotistas chegam a ser até 50% superiores aos dos não-cotistas em alguns cursos.

5. Cotas não garantem permanência dos alunos nas universidades

Outro exemplo de mito desmentido pelos fatos. Ao contrário de uma maior evasão, que supostamente seria causada pela falta de qualificação dos alunos, os cotistas têm demonstrado mais perseverança e concluem os cursos tanto ou mais que os demais universitários. Pesquisa da UnB não encontrou diferença significativa entre os dois grupos.

6. Cotas raciais poderiam criar tensões étnicas no país

Os fatos demonstram o contrário. Políticas de inclusão de negros, pardos e indígenas são adotadas em instituições públicas no Brasil há mais de uma década e não há notícia de grandes e numerosos conflitos. Pelo contrário, a inclusão tem sido benéfica para aumentar a diversidade étnica e social nas universidades públicas.

7. Cotas raciais são uma discriminação contra os brancos pobres

A adoção de cotas raciais vem sendo realizada, em grande parte, de forma concomitante com políticas afirmativas de acordo com a renda. Ou seja, não são excludentes. No caso das universidades, os critérios de ingresso para alunos de escola pública são uma prova disso. Mas não se pode negar o grau histórico de exclusão das populações negras, o que demanda uma ação específica.

Fonte: <https://wp.ufpel.edu.br/projetocotas/2016/07/19/conheca-7-mitos-sobre-as-cotas-raciais/>

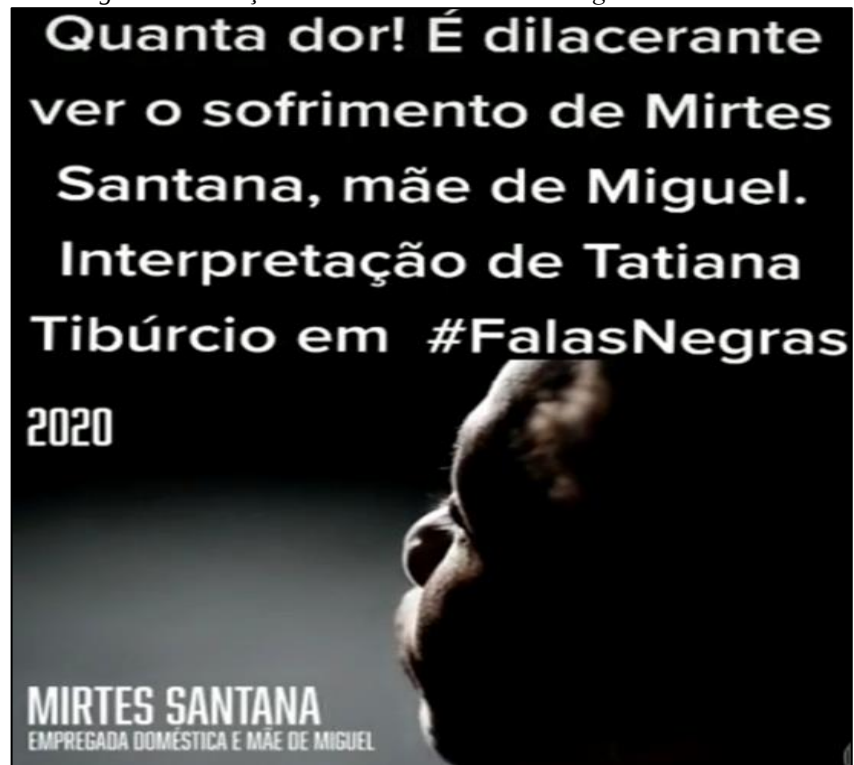
Atividades

- 1) O que determina a Lei de Cotas?
- 2) Explique a afirmativa “as cotas não geram desigualdade, elas combatem a desigualdade”.
- 3) Qual é o objetivo da política de cotas?
- 4) O que o texto diz em relação a meritocracia e ao desempenho dos cotistas?
- 5) Qual é a posição do texto em relação a política de inclusão?
- 6) Em que medida a adoção de cotas raciais esta relacionada com as políticas afirmativas de acordo com a renda?
- 7) Qual é a sua opinião sobre as Cotas raciais?

6.9 Nona aula: Produção e Exibições Audiovisuais

Neste nono momento, a aula será destinada ao conteúdo de contextualização e cultura brasileira. O professor utilizará de recursos multimídia (*notebook*, projetor de imagem e de som) para reproduzir videoaulas (e/ou imagens, jogos interativos, oficinas e recursos didáticos diversos), imbuídos dos conhecimentos adquiridos nos *pari passus* anteriores os discentes e docentes poderão assistir e produzir documentários que demonstram a importância da cultura indígena, afrodescendente e imigrante nipônica na formação social brasileira em perspectivas sociais, políticas e econômicas. Posteriormente, o tema será discutido e correlacionado com as proposições e percepções dos debates pontuados nas aulas anteriores e posteriores.

Figura 3 - Exibição do documentário “Falas Negras” Rede Globo



Fonte: Rede Globo

Figura 4 - Exibição do documentário “Falas da Terra” e Ailton Krenak



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 5 - Análise “Autoimagem Intuição Sintética”



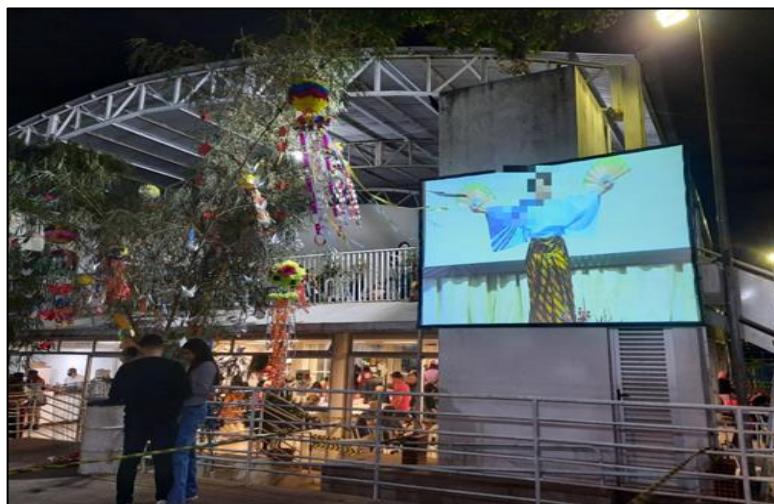
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 6 - Sessão pipoca no auditório com filme “Pantera Negra 2”



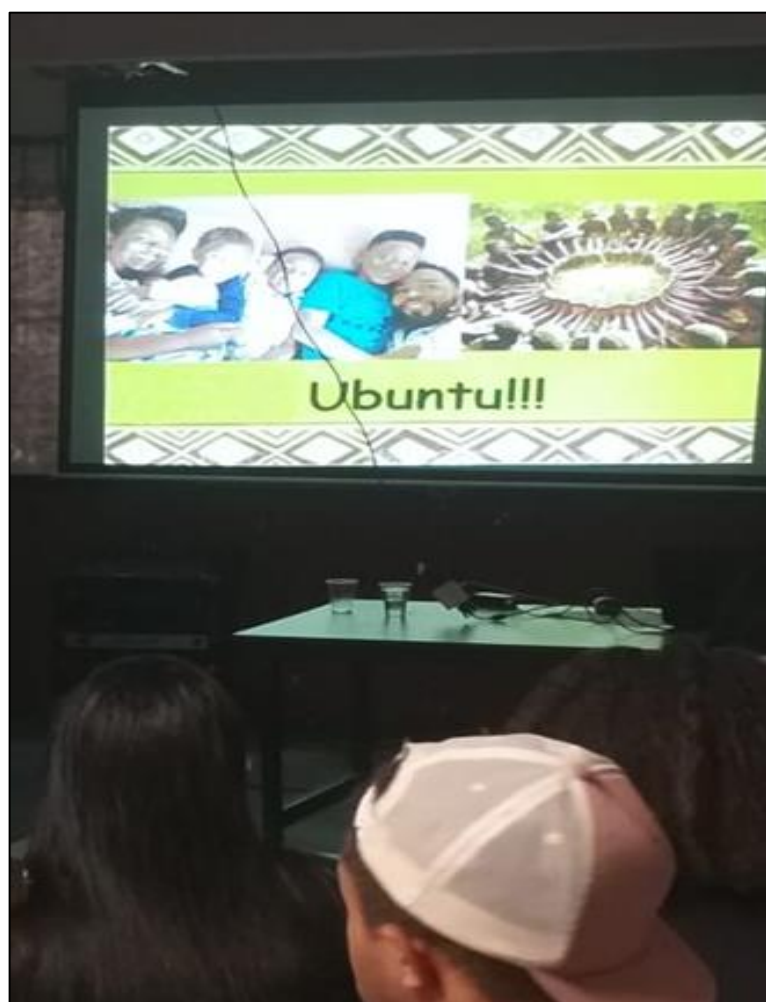
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 7 - Exibição do documentário “Human flow” e Taiko



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 8 - Documentário “Ubuntu” produzido pelos alunos



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 9 - Significação/símbolos “Flecha Pataxó” produzida pelos alunos.



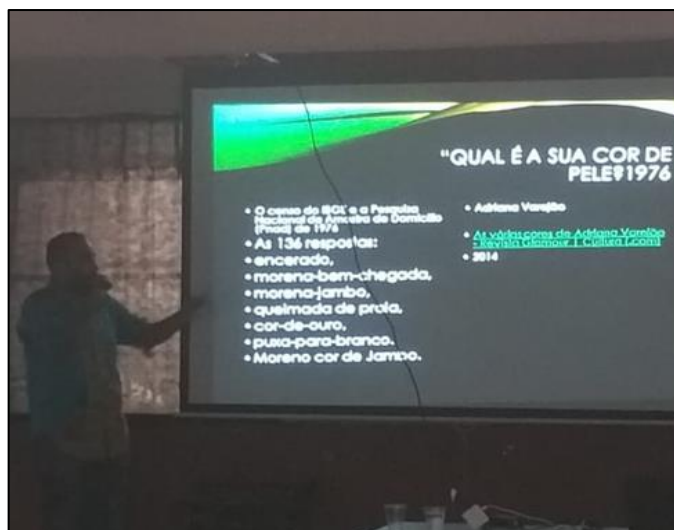
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 10 - Oficina de idiomas e jogos “Japão em Minas” produzida pelos alunos



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 11 - Slides “Qual é minha cor?” Power Point



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 12 - Slides “Qual é minha cor?” Power Point



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 13 - Leituras poéticas e Batalha de rimas produzida pelos alunos.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 14 - Oficina e debate “Capoeira dança ou luta?” produzida pelos alunos.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 15 - Análise e debate “Movimento Racionais?” produzida pelos alunos e mediado pelo professor.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 16 - Foto: Oficina de caricaturas “Auto Retrato” produzida pelos alunos



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 17 - Foto: Juri simulado “Cotas” produzido pelos alunos.



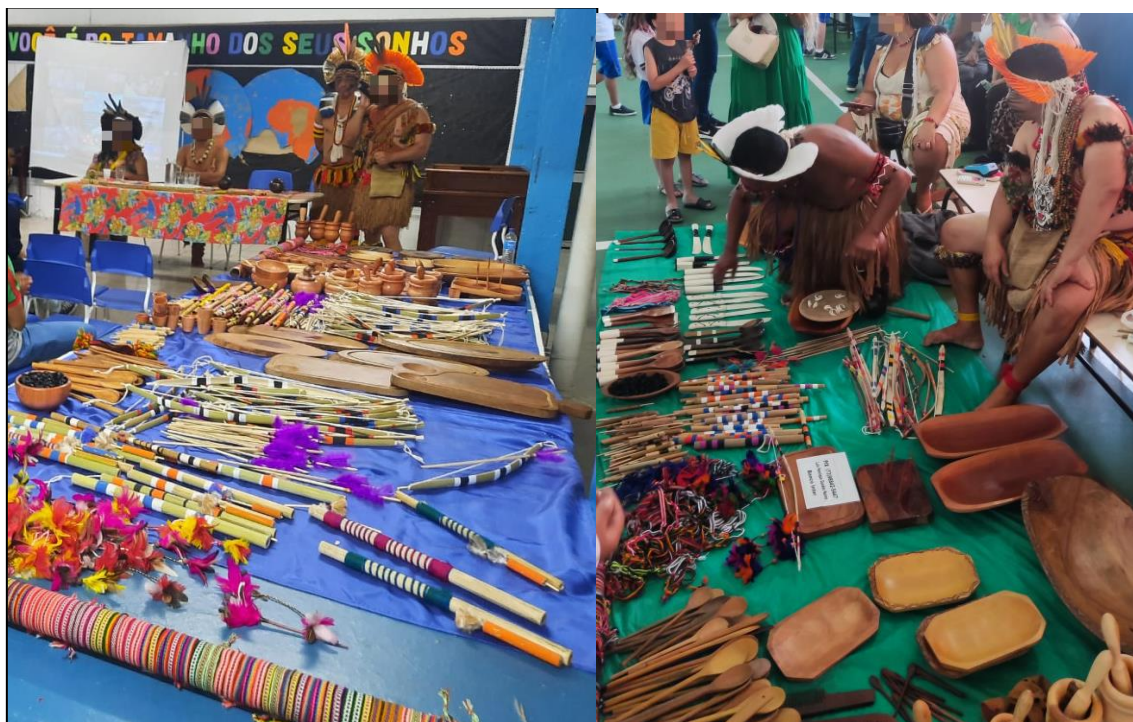
Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 18 - Foto: Juri simulado “Cotas” produzido pelos alunos.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 19 - Exposição de Arte dos Povos indígenas.



Fonte: Arquivo Pessoal

6.10 Décima aula: Divulgação nas redes sociais e na Comunidade

Na décima primeira, décima segunda e décima terceira aulas, serão realizadas produções de fotografias e murais, além da divulgação de folhetos impressos e em redes sociais, em diferentes dias, para toda a comunidade escolar. Poderá ser organizadas três Rodas de Conversa, uma em cada dia, com convidados que abordarão a diversidade e as resistências aos processos de apagamento enfrentados por povos indígenas, afro-brasileiros e povos imigrantes como de origem nipônica ou outros.

As Rodas de Conversa devem ser contextualizadas com interdisciplinaridades distintas e poderá ser aplicadas em conjunto ou não com outros níveis de ensino ou com alteração da temática de imigração, pois devemos levar em conta que outros povos imigrantes estiveram ou estão nas condições de subjugação cultural.

Esses convidados demonstrarão os desafios e as problematizações ainda presentes na sociedade atual devido a questões culturais, étnicas e raciais. O delineamento programático exemplificado está descrito nas imagens abaixo.

Figura 20 - Folder do Festival das Estrelas “Tanabata Matsuri” AMCNB



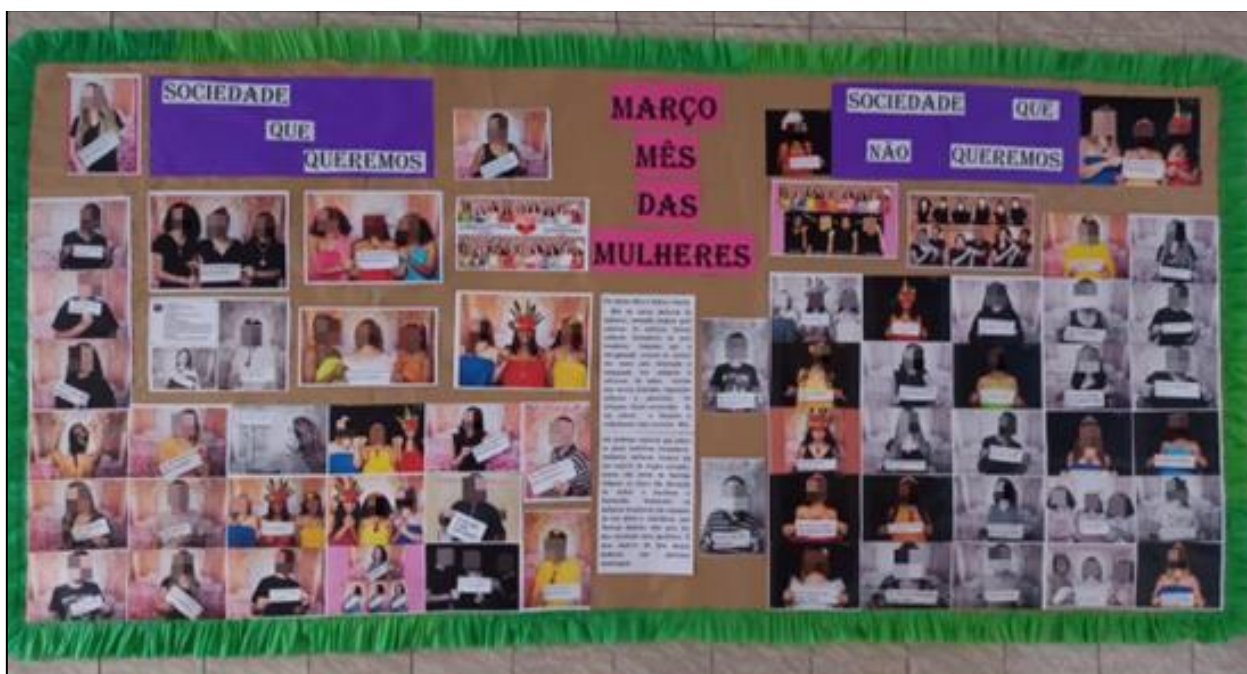
Fonte: AMCNB

Figura 21 - Foto: Ensaio Fotográfico para o Mural



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 22 - Mural de fotografias no hall da escola.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 23 - Mural de fotografias no hall da escola.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 24 - Mural de fotografias no hall da escola



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 25 - Mural de fotografias no hall da escola



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 26 - Mural de fotografias no hall da escola



Fonte: Arquivo Pessoal

6.11 Décima Primeira aula: Primeira Roda de Conversa

Tema: Povos originários e o debate das demarcações

Convidada: Adriana Korã - Líder indígena Kariri Sapuyá, Pesquisadora e Doutoranda em antropologia - BA;

Convidado: Chawã - Líder indígena Pataxó, Artesão e Palestrante - BA.

Convidado: Xohã - Líder indígena Pataxó, Artesão e Palestrante – BA.

Convidado: Txahá - Líder indígena Pataxó, Artesão e Palestrante – BA.

Método: Roda de Conversa.

Duração: 50 minutos.

Figura 27 - Convite para a Primeira Roda de Conversa



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 28 – Foto: Primeira Roda de Conversa



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 29 - Foto: Primeira Roda de Conversa



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 30 - Foto: Primeira Roda de Conversa



Fonte: Arquivo Pessoal.

6.12 Décima Segunda aula: Segunda Roda de Conversa

Tema: Imigrantes, Imigração Japonesa e o Tanabata Matsuri

Convidada: Mayumi Yamamoto Pach – Modelista - SP; Método:

Roda de Conversa, Relato e Festival.

Duração: 1h e 30 minutos.

Figura 31 - Foto: Convite para a Segunda Roda de Conversa



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 32 - Foto: Segunda Roda de Conversa



Fonte: Arquivo Pessoal

6.13 Décima Terceira aula: Terceira Roda de Conversa

Tema: Consciência Negra 50 anos

Convidado: ETIENE EGG – MG

- Graduação em Jornalismo
- Mestrado pela Sorbonne Université de Paris França

Convidado: JANETTE MARA ARCANJO – MG

- Graduação em Letras com ênfase em espanhol
- Representante FIFA na Suíça e no Catar 2015
- Comentarista de Arbitragem na Rede GLOBO

Convidado: KELSEN ANDRÉ M. DOS SANTOS – MG

- Bacharelado e Licenciatura em Filosofia
- Pós-graduação em Filosofia Clínica
- Mestrado em Educação Tecnológica

Método: Roda de Conversa Presencial e Live pelo Google Meet. Duração: 90 minutos.

Figura 33 - Foto: Convite para a Terceira Roda de Conversa.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 34 - Foto: Convite para a Terceira Roda de Conversa.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 35 - Montagem de fotos: Terceira Roda de Conversa.



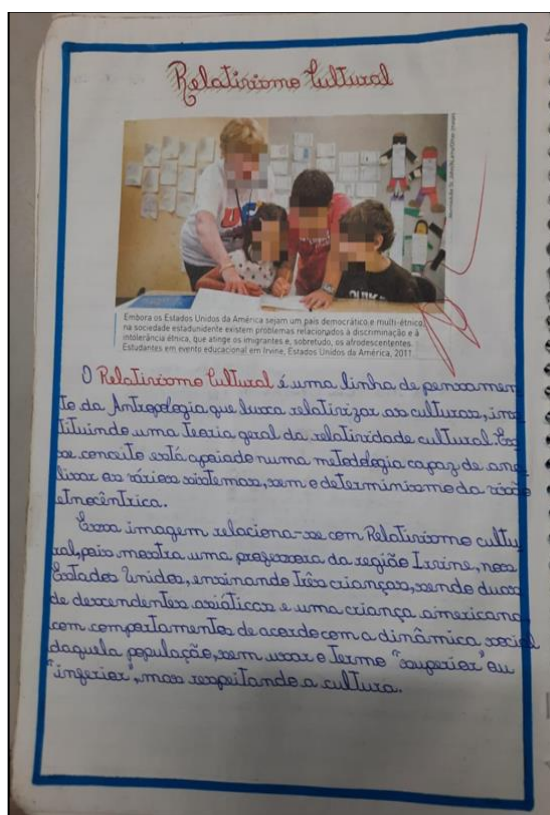
Fonte: Arquivo Pessoal

6.14 Décima Quarta e Quinta aula: Avaliação e Feedbacks de todos envolvidos

Este será o momento de encerramento da sequência didática, onde serão discutidas as questões legais que influenciam o tema, com foco a recente Lei 14.532, de 2023, que tipifica como crime de racismo e injúria racial, com a pena aumentada de um a três anos para de dois a cinco anos de reclusão sendo uma abordagem será com percepções reflexivas integrativas.

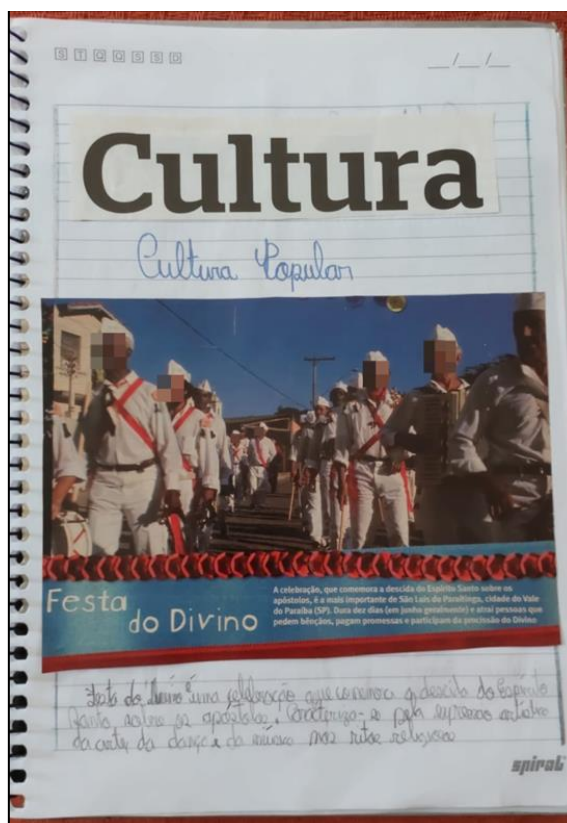
Para a finalização, os discentes serão orientados à realização de uma redação dissertativa argumentativa de no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, cujo tema será de livre escolha, desde que relacionado à sequência de atividades desenvolvidas no transcurso desta proposição. As redações serão avaliadas com caráter somativo e, por fim, conclui-se a sequência didática.

Figura 36 - Produção Textual no caderno



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 37 - Foto: Produção Textual no caderno



Fonte: Arquivo Pessoal

7. FORMAS DE ANÁLISE E RESULTADOS

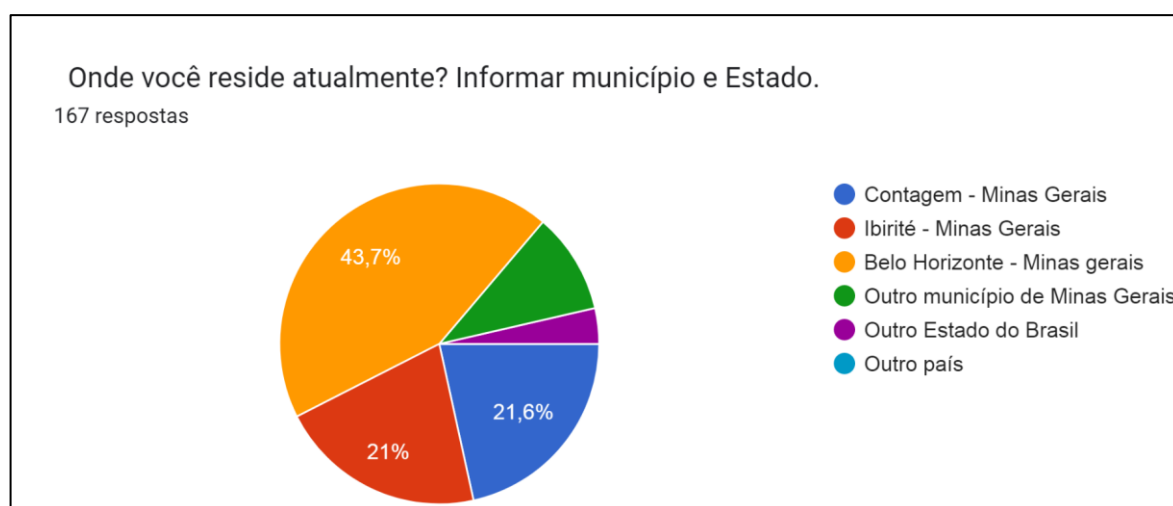
As formas de análise e resultados foram através de uma pesquisa inicial e recolhimentos de depoimentos após aplicação da sequência didática. A pesquisa no método survey propôs inicialmente a explorar questões de identificação cultural e diversidade cultural visou compreender como indivíduos de diferentes origens e contextos sociais constroem suas identidades culturais e acessam diversas formas de expressão cultural. Em um mundo cada vez mais globalizado, as trocas culturais e a convivência com a diversidade tornaram-se aspectos centrais na formação de identidades. Essa investigação buscou analisar os processos pelos quais as pessoas se identificam com certos grupos culturais e como as experiências de acessibilidade a essas culturas influenciam suas percepções e vivências. A pesquisa concentrou-se em examinar as dinâmicas de inclusão e exclusão cultural, as barreiras de acesso às manifestações culturais e os impactos dessas experiências na formação de uma consciência cultural.

Além disso, os resultados esperados da sequência didática proposta foram coerentes e circundaram a abordagem temática realizada concernente ao desenvolvimento das competências e habilidades nos alunos, frente a promoção e difusão de diferentes culturas na comunidade escolar como participantes das atividades programadas. Através de práticas

pedagógicas que resistem ao desmonte supracitado nas páginas anteriores, esperava-se que os educandos ampliassem sua compreensão sobre a diversidade cultural e desenvolvessem habilidades como empatia, pensamento crítico e respeito pelas diferenças. Dessa forma, a pesquisa não apenas visou uma análise teórica das questões culturais, mas também propôs uma aplicação prática que contribuísse para a formação humana.

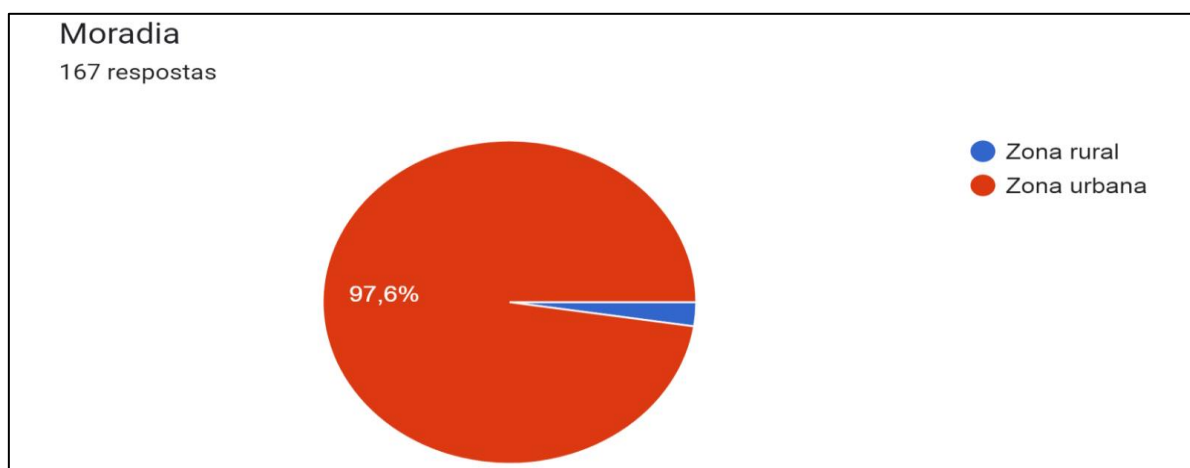
Vejamos a seguir os gráficos representativos das respostas coletadas:

Gráfico 01 - Onde você reside?



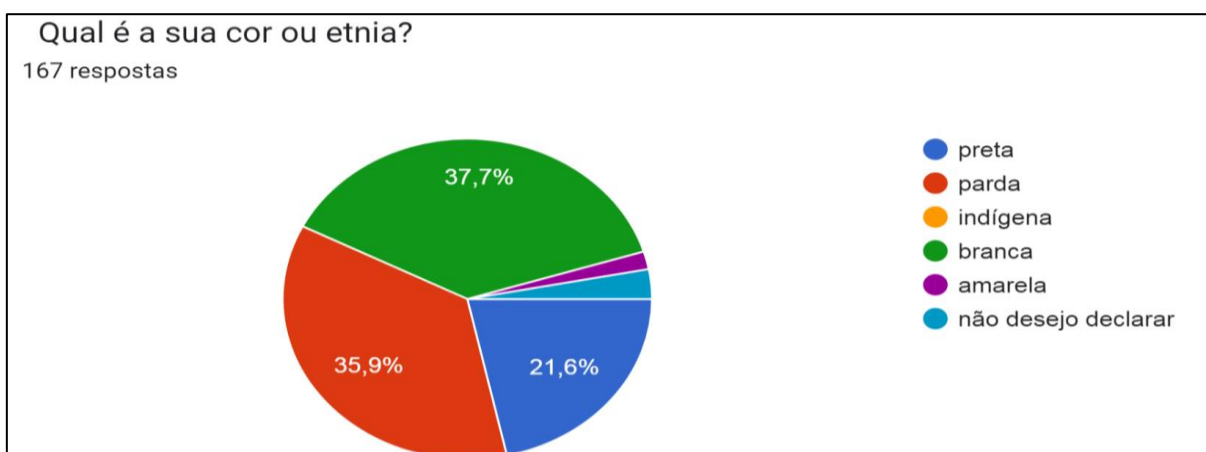
Fonte: Arquivo Pessoal

Gráfico 02 - Moradia



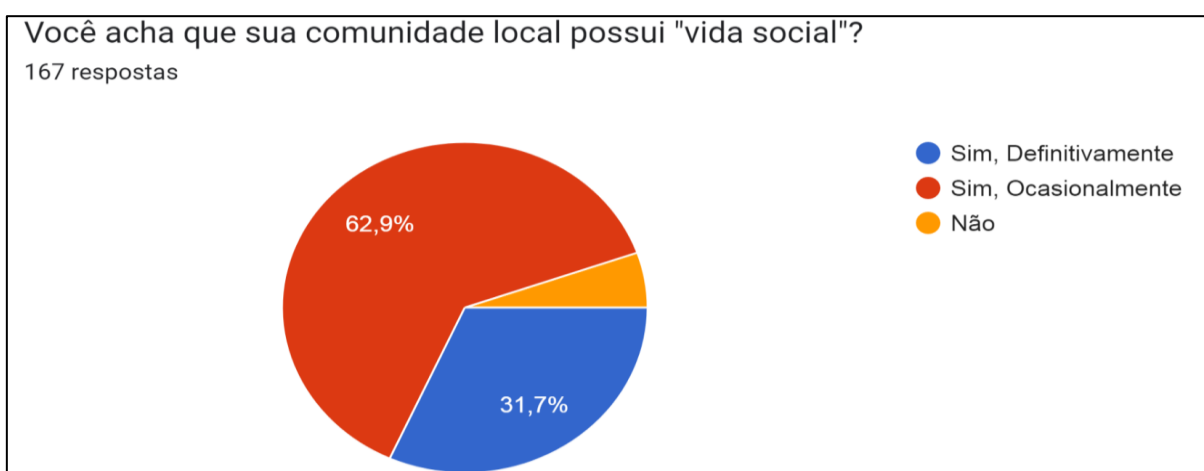
Fonte: Arquivo Pessoal

Gráfico 03 - Qual é a sua cor?



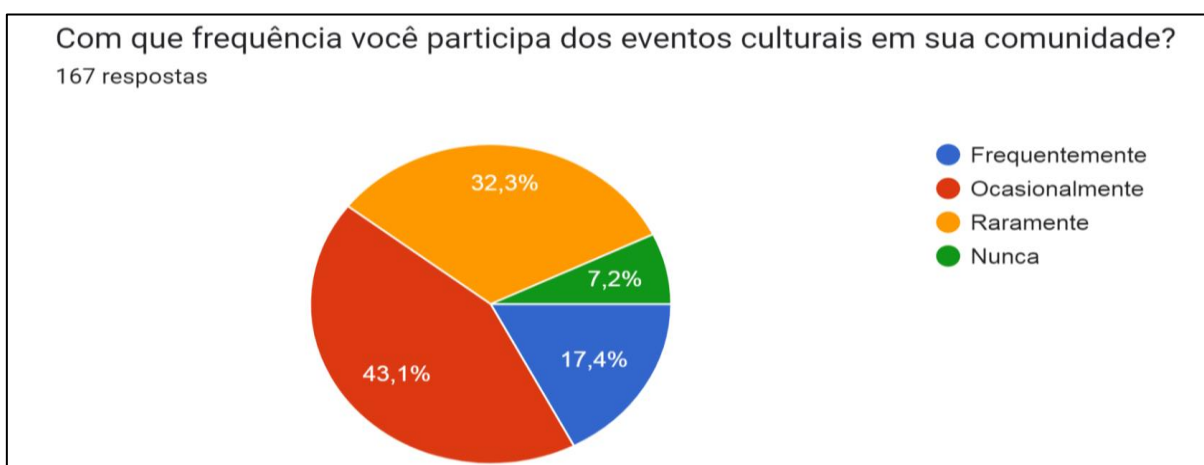
Fonte: Arquivo Pessoal.

Gráfico 04: Você acha que sua Comunidade possui "Vida Social"?



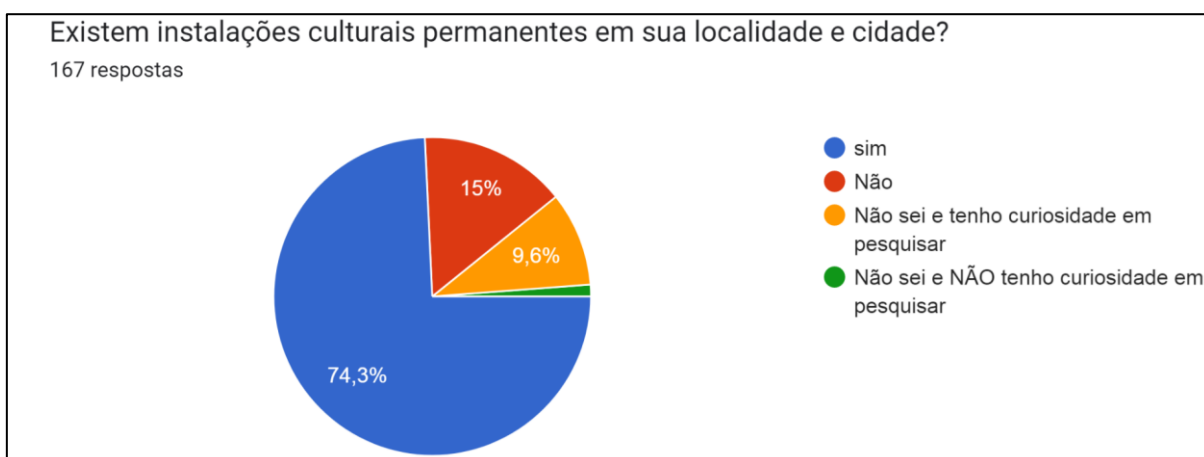
Fonte: Arquivo Pessoal

Gráfico 05 – Com que Frequência você participa dos eventos culturais em sua comunidade?



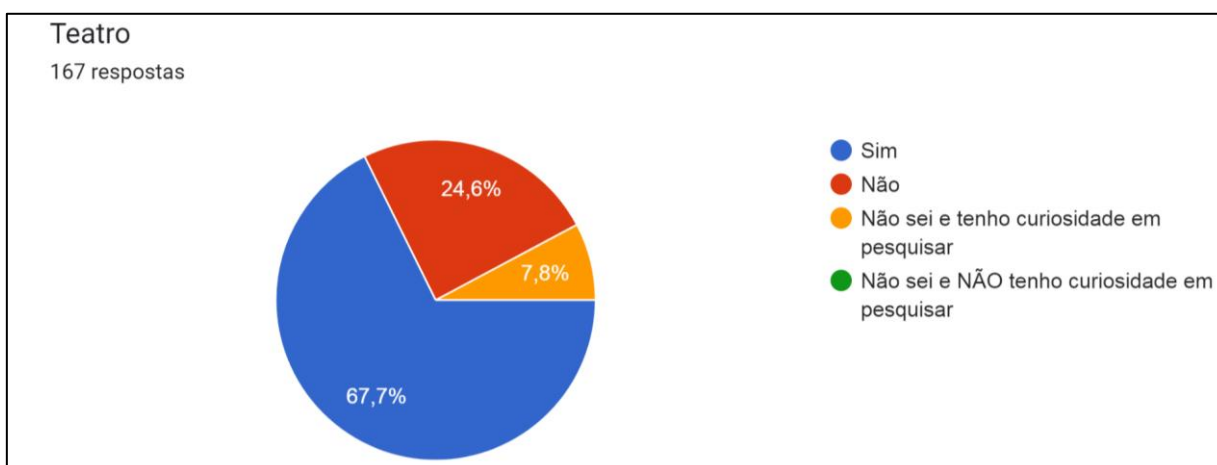
Fonte: Arquivo Pessoal

Gráfico 06 -Existem instalações culturais em sua localidade e cidade?



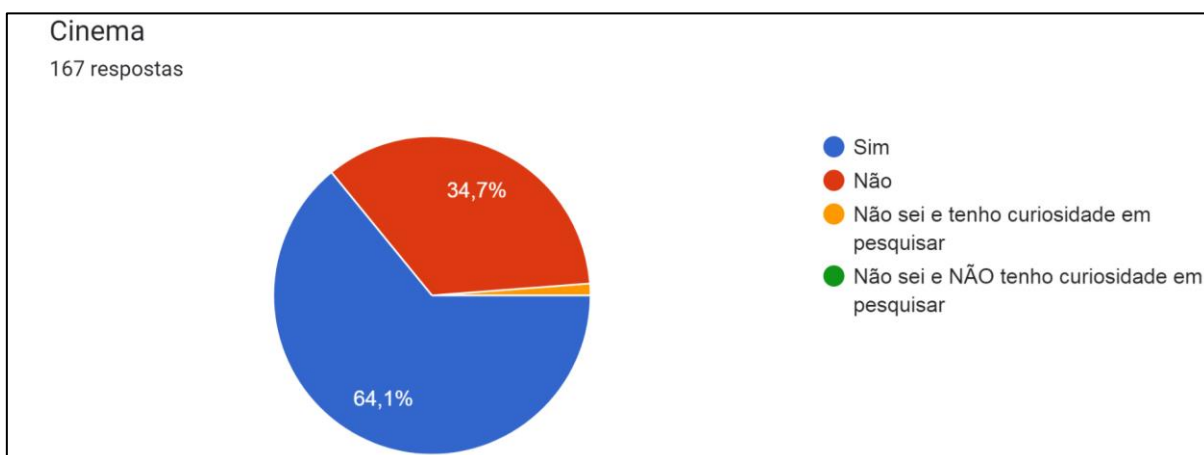
Fonte: Arquivo Pessoal

Gráfico 07 - Teatro



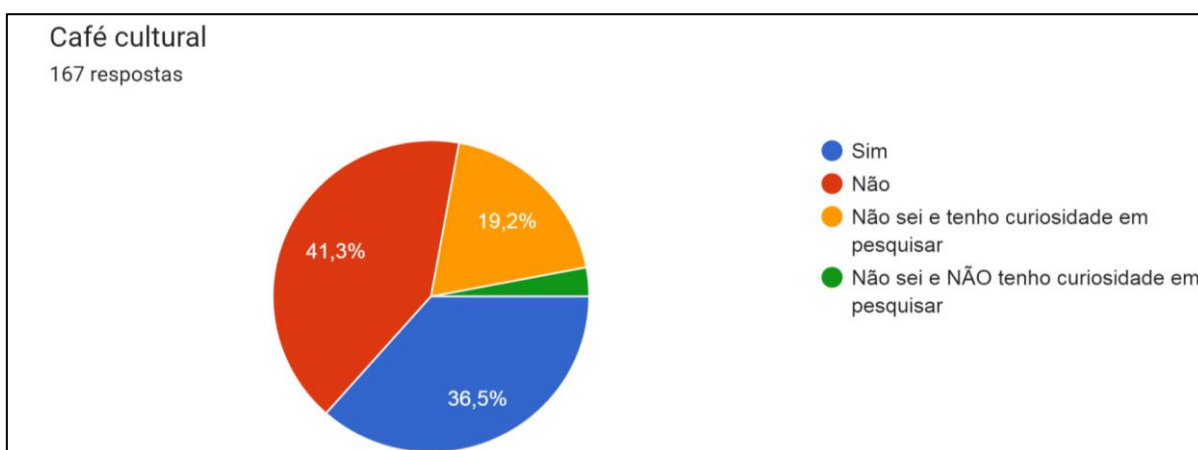
Fonte: Arquivo Pessoal.

Gráfico 08 - Cinema



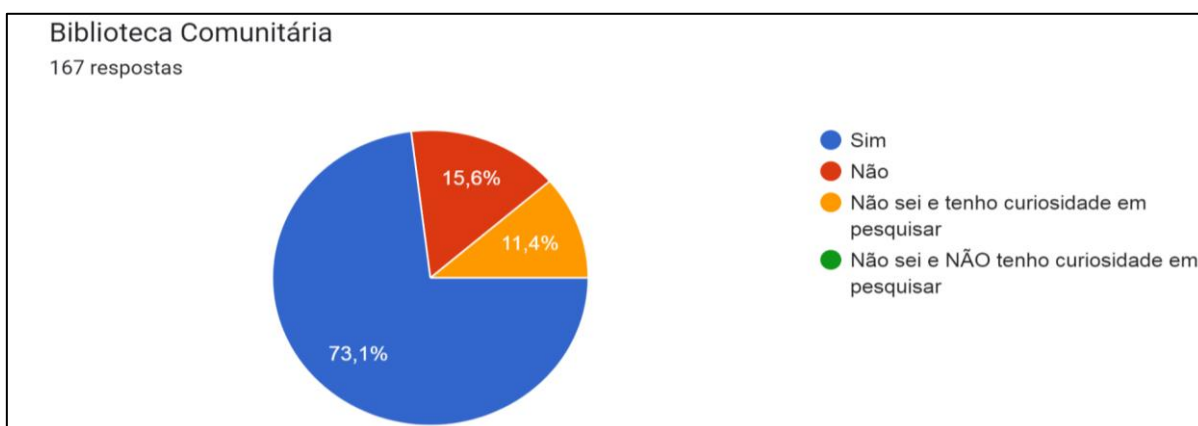
Fonte: Arquivo Pessoal

Gráfico 09 - Café Cultural



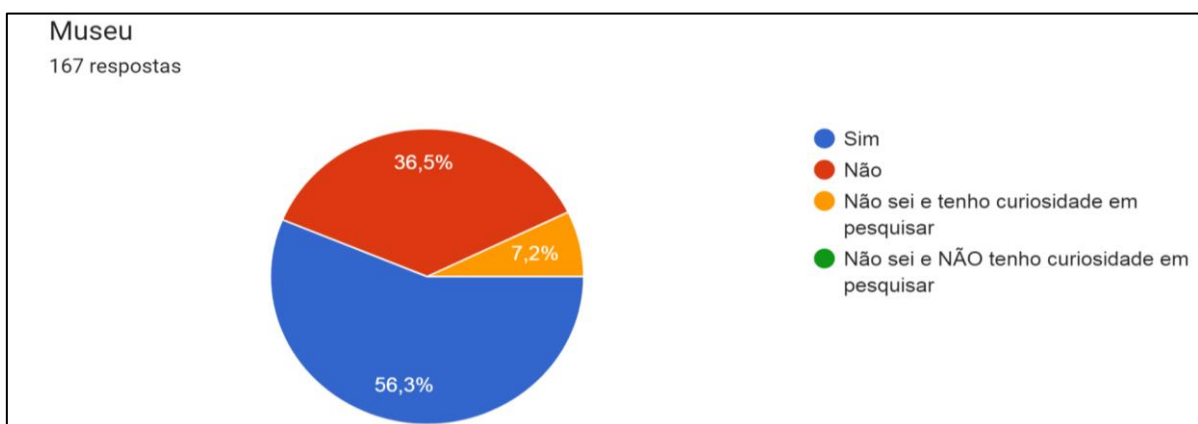
Fonte: Arquivo Pessoal

Gráfico 10 - Biblioteca Comunitária



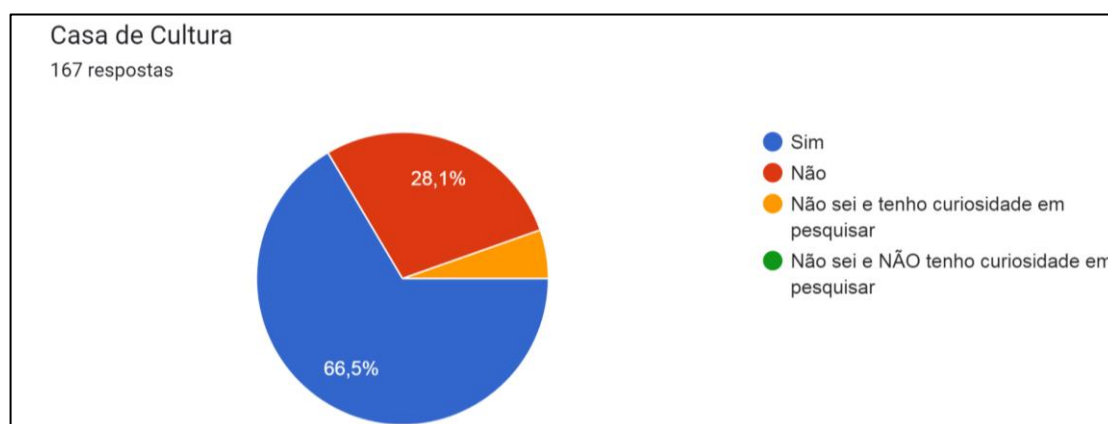
Fonte: Arquivo Pessoal

Gráfico 11 - Museu



Fonte: Arquivo Pessoal

Gráfico 12 - Casa de Cultura



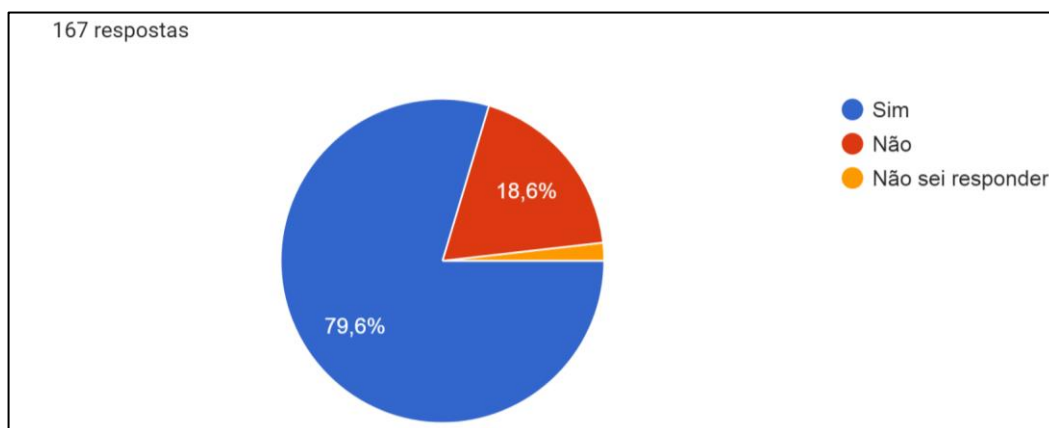
Fonte: Arquivo Pessoal

Gráfico 13 – Diversidade Cultural e Figura 38 - Fotografia: Vini Soares, História e Imagem

Apartir da imagem abaixo como identifica parte da nossa diversidade Étnico racial e um recorte do pensador Juarez Dayrell sobre **Diversidade** na escola. Segundo ele essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturas (etnias, identidades religiosas e valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos. Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social (DAYRELL, 2003, p. 40)

Na sua atual escola ou nas escolas que você estudou havia diversidade cultural?





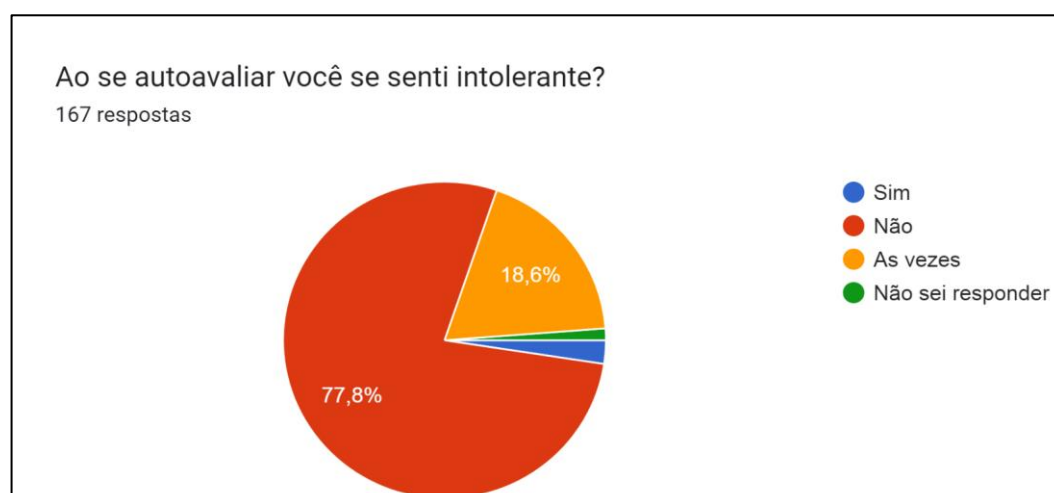
Fonte: Arquivo Pessoal

Gráfico 14 - Você está satisfeito com a promoção da cultura em sua localidade?



Fonte: Arquivo Pessoal.

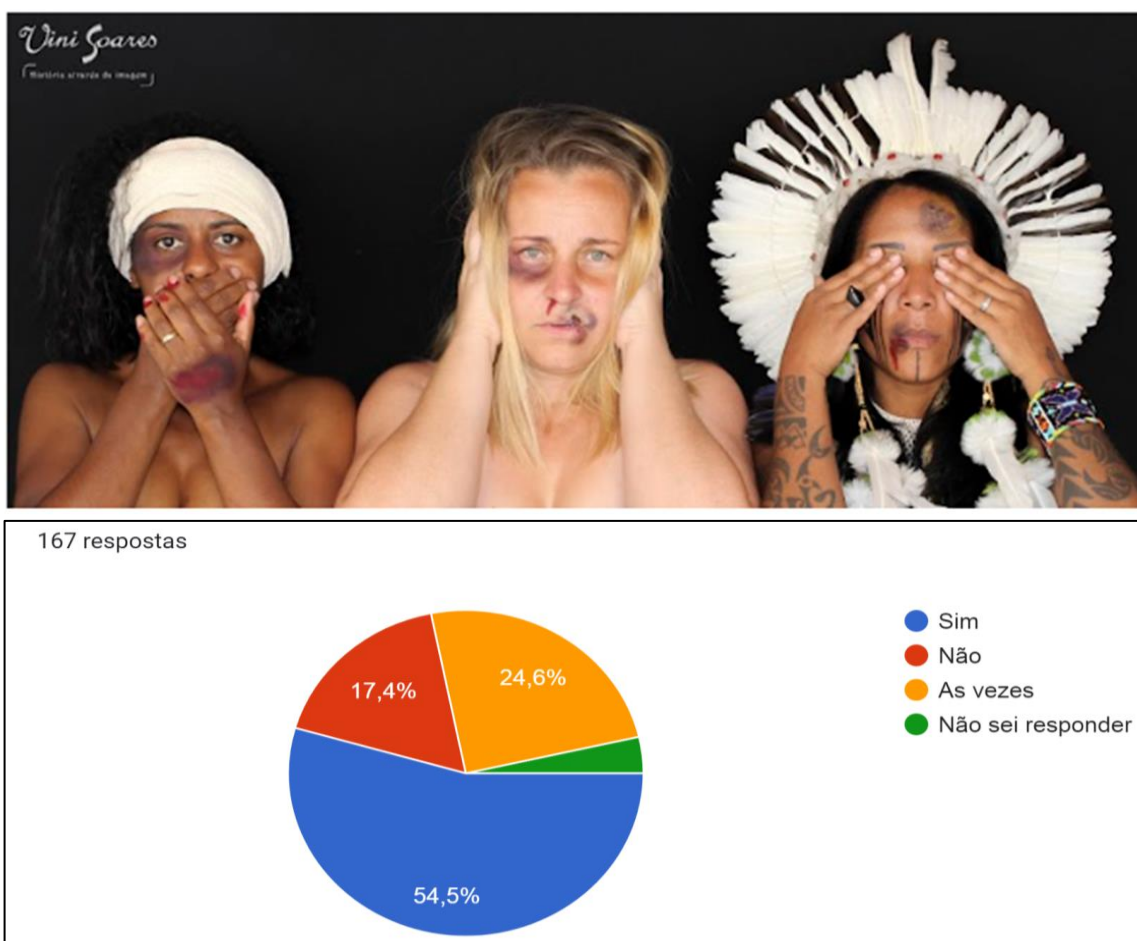
Gráfico 15 - Ao se autoavaliar você se sente intolerante?



Fonte: Arquivo Pessoal

Gráfico 16 - Você conhece alguém intolerante? e Figura 39 - Fotografia: Vini Soares História e Imagem.

Apartir da imagem abaixo e o trecho do artigo de Carlos Ortega UFMG. Segundo * dados divulgados na UNESCO e FENAJ em 2022, o Brasil é um dos 10 países que mais agride e matam comunicadores no mundo. Você conhece ou convive com alguém intolerante?



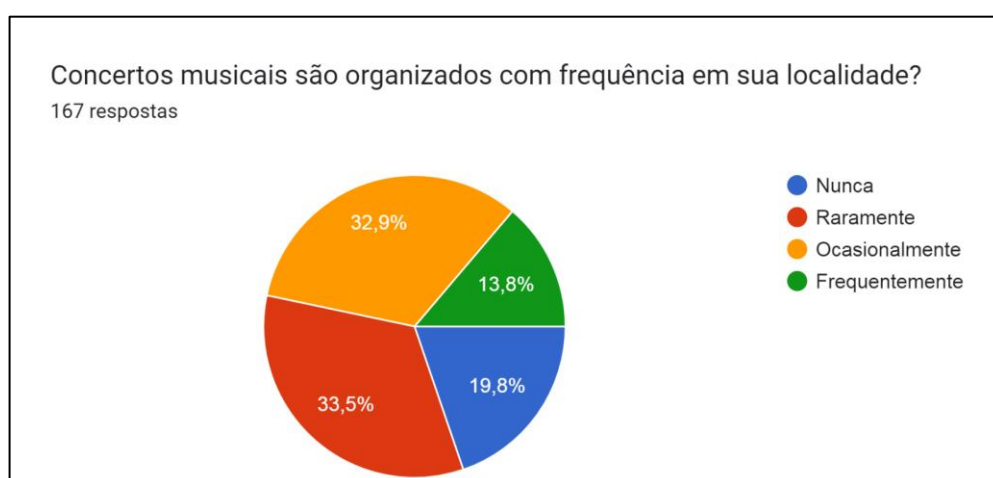
Fonte: Arquivo Pessoal

Gráfico 17 - Quem organiza a maioria dos eventos culturais em sua localidade ?



Fonte: Arquivo Pessoal

Gráfico 18 – Concertos Musicais são organizados com frequência em sua localidade?



Fonte: Arquivo Pessoal

Gráfico 19 - Existem muitos restaurantes em sua localidade



Fonte: Arquivo Pessoal

Gráfico 20 - Existem opções para a prática de esportes em sua localidade?



Fonte: Arquivo Pessoal

Gráfico 21 – Existem praças, caminhos e trilhas bem conservadas em sua localidade?



Fonte: Arquivo Pessoal.

O método survey inicialmente buscou identificar as lacunas existentes na implementação do Novo Ensino Médio já mencionado e ainda explorar maneiras de incentivar atividades culturais nas comunidades escolares com foco nas ideias e propostas dos participantes sobre como fortalecer a cultura local e tornar essas atividades mais acessíveis e inclusivas. A pergunta central e final que orientou este estudo é: "**Como você melhoraria ou encorajaria as atividades culturais em sua comunidade ou nas que você permeia?**".

A seguir, apresento algumas das respostas coletadas, que revelam sugestões inovadoras e reflexões valiosas dos participantes sobre a promoção de uma vida cultural

vibrante e participativa e ao mesmo tempo demonstra em algumas respostas a falta de conhecimento ou espaço para promover o debate e ações em suas comunidades.

“Através da pesquisa e luta.”

“Procuraria patrocínio ou parceria.”

“Apesar de perceber várias alternativas culturais e a diversidade presente nelas ainda há aqueles que são excluídos dessas oportunidades. Considero importante fortalecer uma rede de diálogo e ação que envolva movimentos sociais e representantes governamentais para pensar ampliação de acessos. Além disso, precisamos avançar na escuta de quem ainda é invisibilizado.”

“Por meio de organização de coletivos populares e disputa para ocupar espaços públicos, conselhos municipais e editais.”

“Através da parceria: comunidade, instituições e gestão pública com projetos que envolvessem principalmente os jovens.”

“As atividades culturais deveriam acontecer de maneira descentralizada, como forma de convite, para as pessoas conhecerem e ocuparem os espaços destinados aos eventos culturais.”

“Inicialmente é necessário, pensar que as atividades culturais promovem a inclusão de forma a alcançar um melhor resultado, nesse sentido, e pensando na educação que liberta, que promove conhecimento, que agrega, liberta e transforma, produzindo consciência crítica, analítica e reflexiva, encorajaria a realização de peças teatrais, exibição de filmes, musicais, contação de histórias, dentro e fora das escolas, nas comunidades, igrejas, praças, parques, de forma a potencializar o acesso à cultura, a aprendizagem, fomentando que existem outras formas de pensar, agir, ser, ou seja, exemplificando que outras visões de vida, mundo, sociedade, são possíveis, desconstruindo rótulos, convicções, etc., desta maneira, exercitando a diversidade a tolerância, o acolhimento do que é diferente.”

“Melhoraria colocando teatros, mais museus, praças de caminhada, lazer e outros.”

“Através de maior engajamento às atividades culturais, buscando maior adesão das pessoas.”

“Por meio de fomento aos projetos existentes.”

“Divulgação, incentivos e financiamentos.”

“Faria uma maior divulgação nas escolas ,instituições privadas e públicas.”

“Através de repasses de recursos para os fazedores de cultura. Estimulo a participação e formação de público através de uma agenda permanente de atividades culturais dentro das Escolas.”

“Promovendo a abertura das quadras de escolas nos finais de semana.”

“As atividades esportivas e culturais desenvolvidas na região em que resido são promovidas pelo setor privado, na maioria dos casos. Aquelas promovidas por ONG'S ou pelo setor público destinam-se a públicos de vilas e favelas; de modo que excluem a participação da classe média-baixa. A consequência deste formato extremado assumido pelas atividades culturais é que as crianças e jovens inseridos nesta faixa da classe média têm pouca oportunidade de interagir com as demais.”

“Diversas atividades culturais.”

“Tivesse mais divulgações, e mais eventos.”

“Fazendo uma pesquisa de satisfação com os moradores.”

“Ofertar cursos e abrir editais de fomento.”

“Que a prefeitura promova nas escolas em esquema de rodízio, uma vez por ano. Cinema e teatro. Indo nas escolas. Produções maiores nos shoppings.”

“Acrescentando instalações culturais em áreas mais afastadas do centro da minha cidade.”

“Melhorando a divulgação dos eventos culturais.”

“Solicitando ao responsável pela comunidade maior investimento em cultura, exemplo reforma do teatro.”

“Convidando as pessoas e mostrando a elas a importância de ocupar os espaços públicos.”

“Com atividade para a juventude.”

“Não sei, sinceramente.”

“Com a participação em editais de cultura, promoção em perfis digitais, escolas, praças municipais...”

“Ocupação das escolas nos finais de semana pela comunidade e voluntários para prática de dança, teatro, concertos musicais, capoeira e outros.”

“Não encorajo.”

“A partir do diálogo com espaços locais com certa capilaridade, como Igrejas, Bares e Praças Públicas. Além disso, buscaria com a comunidade escolar local a construção e elaboração de projetos voltados para o público externo.”

“Melhorando a divulgação.”

“Minha localidade é rica em cultura, mas a comunidade em sua maioria tem vergonha e não sabe valorizar. O primeiro passo acredito que seja o resgate.”

“No bairro em que moro existe um acampamento cigano, e outras etnias. Promover apresentações dessa diversidade cultural promoveria a conscientização e respeito a diversidade cultural e etnias.”

“Sugestão a gestão pública que fizessem um teatro um cinema, um pequeno museu com história da cidade, locais adequados para os cidadãos praticarem atividade física e esporte.”

“Cobrar do poder público mais investimentos no esporte.”

“Eu promoveria muitas atividades no teatro municipal, festivais de teatro, de música e outros. Promoveria as bandinhas de música, os corais e jograis nas localidades. E promoveria o turismo conjugado ao esporte na Serra de Minas e trilhas. E promoveria a estruturação de uma casa de cultura, de valorização do cinema, cine clubes, produção de vídeos curtos e até longas e muito mais que isto.”

“Pesquisas entre os participantes da comunidade afim de ver qual é de maior interesse geral.”

“Primeiro preciso conhecer melhor os espaços culturais depois tentar participar de algum”

“Cultura e lazer gratuito.”

“Através do incentivo do poder público.”

“Maior envolvimento dos órgãos públicos e comunidade e ofertar transporte público nos finais de semanas e feriados, pois muitas famílias não saem por ficarem mais de 3 horas esperando ônibus e após 19h tem bairros que não tem ônibus.”

“Criando um canal para receber sugestões dos cidadãos.”

“Com mais divulgações, se acontece eventos, quase ninguém sabe ou só sabe porque mora perto do local, mas Contagem é muito grande e quase não existe divulgação

sobre os eventos culturais que tem aqui (se é que tem). ”

“Eventos culturais em bairros mais periféricos.”

“Trazendo para mais próximo das comunidades carentes para todos terem acesso.”

“Obrigada por permitir esse espaço para me expressar. Adoraria que houvesse feiras de artesanato mineiro, indígena e afro-brasileiro. Temos a feirinha do Eldorado, mas tenho visto os artesanatos diminuïrem, abrindo espaço para roupas comuns. Poderia haver feiras culturais, temáticas, com teatro de rua, oficina pra crianças, etc. Sinto falta principalmente de resgate cultural mineiro. Nossa cultura é muito rica, e tem se perdido rápido. Faz anos que não vejo um congado, folia de Reis, festa junina na praça pública (não de escolas ou igrejas). Amo festas juninas. Seria tão legal um Festival de música mineira. Minas tem história ligada a todas as cores de pele, etnias, crenças religiosas, folclore, comida típica, superstições, roça, natureza, cidades históricas e um jeitinho especial de falar com sotaque cativante... tanta coisa que nem dá pra falar tudo aqui. Desejo sucesso pra esse projeto, e fica a sugestão de trabalhar a diversidade cultural vinculada à Minas Gerais.”

“Através de captação de recursos criando ONG honesta.”

“Com mais apoio do poder público e do financiamento privado.”

“Acho que com campanhas sobre conscientização nas escolas, postos de saúde entre outros.”

“Cinema de curta metragem, ofertas de práticas esportivas e práticas socioculturais, teatro e sim concerto musical.”

“Incentivando jovens a participar ativamente de eventos culturais.”

“Criaria espaços públicos destinados a atividades culturais.”

“Com projetos sociais de orquestra, corais, teatro para as diversas faixas de idade.”

“Um diálogo maior entre as esferas do poder público com a comunidade. Redução da burocracia e apoio para realização de ações culturais nascidas de membros da comunidade.”

“Participando, dando engajamento, propagando informações e agenda, trabalhando os temas também nas Escolas!”

“Abriria os espaços que a comunidade já possui (PUC- Minas), com todos os seus eventos culturais e divulgaria em locais públicos.”

“Com divulgando através de WhatsApp, mídia em geral.”

“Trazer atividades culturais em uma comunidade definitivamente não é uma tarefa fácil, mas existem sim maneiras de torná-las realidade. Atualmente nos ambientes em que convivo, que são majoritariamente educacionais (escola e faculdade) e com muitos jovens, acredito que realizar extracurriculares na instituição escolar como uma atividade cultural é um meio bastante viável. Por exemplo, poderíamos desenvolver programas educacionais que promovam a apreciação e a participação entre diferentes culturas, como fazer oficinas de arte, aulas de música, cursos de escrita criativa e palestras sobre história local. Eu considero que engajar crianças e jovens nessas atividades desde cedo ajuda a criar uma base sólida para o futuro. Outra possível sugestão é promover Festivais culturais (pode ser no ambiente escolar ou não), pois eles são uma ótima maneira de reunir a comunidade e celebrar a diversidade cultural. Esses eventos podem incluir performances musicais, danças tradicionais, exposições de arte, culinária local e atividades interativas.”

“Festivais culturais também podem atrair turistas e impulsionar a economia local.”

“Promoveria os eventos nas comunidades/bairros afastados do centro de Belo Horizonte, com valores acessíveis e com equipes de seguranças preparadas para atender todo o público sem o pré-julgamento.”

“Promoveria encontros de recital.”

“Buscando participar dos eventos promovidos próximos a minha localidade.”

“Maior abrangência de eventos culturais que não fossem só voltados para uma parcela mínima da comunidade.”

“Divulgando os eventos em vários meios de comunicação.”

“Acredito que primeiro passo para manter a nossa cultura viva é investir, acreditar, consumir a cultura local e prestigiar as apresentações da cidade.”

“Conscientização sobre a importância do conhecimento sobre as diversidades cultural, o que faz parte da nossa cultura com muita frequência.”

“A melhor forma e através da divulgação, formações para atender a comunidade. Informando e conscientizando a comunidade da importância do assunto.”

“Desenvolvendo estímulos através das escolas.”

“Através de mais divulgação sobre os eventos que são promovidos na cidade.”

“Através de organização em associações em parceria com o poder público.”

“Incentivando a prática de esportes e eventos culturais.”

“Com a promoção de eventos culturais.”

“Sim, encorajaria mais investimentos na área cultural.”

“Por políticas públicas.”

“Com aulas de dança e esportes gratuitas.”

“As atividades culturais que fui estavam bem organizadas, então não melhoraria nada.”

“Traria um cinema, um museu e faria mais eventos culturais.”

“Com maior investimento e interesse do governo municipal.”

“Iria analisar que o ambiente cultural da minha cidade é estimulado pela prefeitura, assim, esta promove fomentos culturais por meio de editais para ofertar trabalhos para os profissionais da região.”

“Conhecendo mais as culturas em gerais, compartilhando o conhecimento e criando redes e incentivos para as atividades atinjam a comunidade num todo.”

“Levando informação e conhecimento para as pessoas.”

“Ajudando na divulgação, convidando amigos e familiares.”

“Criando centro cultural.”

“Sou professora e, com certeza, encorajaria as atividades culturais em minha localidade de convivência, considerando que as crianças, discentes, vem com carga cultural procedida por pais ou cuidadores, que muitas vezes, erroneamente permitem quem passem pequenas atitudes que indicam comportamentos comuns. A escola, tem como obrigação: social, cultural, educacional, através de eventos culturais, tragam a luz do entendimento para esses pequenos, que serão os futuros agentes dessa sociedade!”

“Participando e apoiando financeiramente.”

“Investimento público.”

“Esclarecendo as pessoas da importância dessas atividades na vida dela.”

“Uma das formas de encorajar é fazer-se presente, divulgando e valorizando os eventos.”

“Mais transparência nos editais, que uma parte específica da verba da cultura fosse destinada unicamente para as instituições culturais, que os processos seletivos não fossem pautados em preferências políticas partidárias, que as instituições verdadeiramente culturais fossem contempladas e não como é atualmente onde não existe nenhum critério que separe os grupos e indivíduos, onde cultura e entretenimento são nivelados igualmente por baixo, mais agilidade nos processos, mais espaço para apresentação, mais divulgação e mais pessoas capacitadas a trabalhar com cultura. Que haja separação entre esportes e cultura em nosso município.”

“Divulgando os eventos culturais propostos.”

“Divulgando melhor e aprimorando os espaços disponíveis”

“Começaria divulgando as atividades culturais existentes, principalmente e sobretudo as atividades gratuitas ou de valores acessíveis para as comunidades carentes.”

A análise das respostas à pergunta "Como você melhoraria ou encorajaria as atividades culturais em sua comunidade ou nas que você permeia?" revela uma diversidade de perspectivas e sugestões, refletindo a complexidade das questões culturais nas comunidades escolares.

Uma das principais preocupações expressas é a exclusão de certos grupos das atividades culturais disponíveis. Vários respondentes mencionaram a necessidade de fortalecer uma rede de diálogo e ação, envolvendo movimentos sociais e representantes governamentais, para ampliar o acesso à cultura. Eles ressaltaram a importância de ouvir as vozes daqueles que são frequentemente invisibilizados, garantindo que todas as camadas da sociedade, incluindo classes sociais menos favorecidas, tenham acesso às oportunidades culturais. Como argumenta Florestan Fernandes em *A integração do negro na sociedade de classes*, "a superação do preconceito e da discriminação racial não se dá automaticamente, mas exige uma intervenção sistemática e permanente, no sentido de uma verdadeira revolução cultural" (FERNANDES, 1978). Isso nos mostra a necessidade de ações concretas e contínuas para incluir grupos marginalizados e sem acesso às políticas públicas eficazes.

Outro ponto destacado foi a importância da educação como meio de promover a inclusão e a diversidade cultural. Uma das respostas sugeriu o uso de atividades como peças teatrais, exibições de filmes, musicais e contação de histórias, tanto dentro quanto fora das escolas, como uma forma de conscientizar as pessoas sobre diferentes formas de pensar e viver. Esse enfoque na educação cultural visa desenvolver uma consciência crítica e reflexiva, exercitando a tolerância e o acolhimento do diverso.

Além disso, algumas respostas apontaram para a disparidade na oferta de atividades culturais, muitas vezes promovidas pelo setor privado ou por Organizações Não Governamentais, ONGs, e entidades públicas. No entanto, essas atividades frequentemente se destinam a públicos específicos, excluindo, por exemplo, a classe média-baixa. Isso limita as oportunidades de interação entre diferentes grupos sociais, prejudicando a coesão social e a compreensão da diversidade cultural.

A ideia de fortalecer a presença de atividades culturais em espaços públicos, como igrejas, bares e praças, também foi mencionada. A colaboração com a comunidade escolar local para elaborar projetos voltados para o público externo foi sugerida como uma forma eficaz de promover a cultura e a participação comunitária.

Nas propostas para aumentar a infraestrutura cultural também foram abordadas sugestões como a criação de uma casa de cultura, cineclubes, e a promoção de eventos no teatro municipal refletem a necessidade de espaços dedicados à valorização e à produção cultural. Além disso, a promoção de festivais e atividades culturais, como bandinhas de música, corais e eventos de turismo ecológico, como trilhas nas serras de Minas Gerais, foram apontados de maneira positiva.

Um problema recorrente mencionado foi a falta de transporte público eficiente nos fins de semana e feriados, o que impede muitas famílias de participarem das atividades culturais. A ampla divulgação de eventos culturais também foi destacada como necessária, visto que muitos não têm conhecimento das atividades disponíveis, limitando a participação. Por fim, uma resposta ressaltou a importância de resgatar e valorizar a cultura local, especialmente no que diz respeito às tradições mineiras. A criação de feiras culturais, oficinas para crianças e eventos temáticos foram sugeridos como formas de celebrar a rica herança cultural de Minas Gerais, envolvendo etnias, crenças religiosas e tradições folclóricas.

Em conclusão, as respostas revelam um desejo comum de tornar a cultura mais acessível e inclusiva, superando barreiras socioeconômicas e geográficas. As sugestões variam desde desenvolvimento estruturais e logísticas até iniciativas educacionais e de divulgação, todas com o objetivo de promover a diversidade cultural e fortalecer o tecido social das comunidades.

Ao analisarmos as respostas, podemos afirmar que surge uma crítica pertinente no contexto atual do sistema educacional: a recente reforma do Ensino Médio, que tem priorizado disciplinas voltadas para o mundo do trabalho em detrimento das ciências humanas. Esse modelo reduz o espaço dedicado às atividades culturais e à formação crítica, limitando a capacidade das escolas de oferecer uma Educação Básica que valorize a diversidade cultural e

fomente o pensamento crítico. O novo enfoque, ao enfatizar habilidades diretamente relacionadas ao mercado de trabalho, pode contribuir para a desvalorização da cultura como parte fundamental do desenvolvimento pessoal e social dos estudantes. Em um cenário onde a educação deveria ser um meio de promover uma consciência de classe, a redução do espaço para as atividades culturais nas escolas representa um retrocesso na construção social desses indivíduos.

Reconhecer que a diversidade étnico-racial presentes em diversos contextos é o primeiro passo para abordar os preconceitos e problemas de maneira eficaz. A educação desempenha um papel crucial ao oferecer um espaço para a discussão crítica e a conscientização sobre a diversidade cultural e as injustiças históricas que ainda afetam muitos grupos. Juarez Dayrell, em "A escola como espaço sócio-cultural" (2007), argumenta que "construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social" * citação com mais 3 linhas recuado à 4 cm e espaçamento simples(DAYRELL, 2007). Através da educação, podemos capacitar os indivíduos para serem agentes de mudança.

Os depoimentos que se seguem foram baseados nos tópicos abaixo, ilustrando as experiências e percepções de diferentes indivíduos em relação às questões de diversidade, preconceito e discriminação. Esses relatos fornecem uma visão ampla e diversificada sobre como a diversidade étnico-racial se manifestam e sobre a necessidade urgente de promover políticas públicas que vão atender quem realmente precisa.

- Diferenciar os conceitos de cultura e diversidade ou raça e etnia etc.
- Compreender as dimensões e os impactos sociais da luta dos povos indígenas, negros e imigrantes advindos do Japão.
- Perceber a emergente necessidade do combate à intolerância, ao preconceito e ao racismo.
- Propiciar uma formação cultural e humanizada, ao discente.
- Entender que as adversidades étnico-raciais estão presentes em diversas ambiências de convívio e interação social.
- Compreender que preconceito e discriminação é crime

“Minha função na escola hoje é gestão, estou na direção da escola, mas sou inicialmente professora de biologia da Fundação de Ensino de Contagem. Você pede para eu conceituar a diversidade. Eu sou bióloga, Vinícius, e o que eu entendo por diversidade são as diferenças que interligadas produzem a vida. A cultura, eu também entendo as culturas como algo bem relacionado com isso, porque culturas são ações, ações que vão produzindo o mundo. Ser humano, a gente tem diversidades de produções de mundo que produzem o que a gente tem aí no planeta. Infelizmente, eu não tenho como não comentar isso, a gente tem um poder hegemônico que tende a esconder as diversidades. Então, tentam diminuir a potência das diversas possibilidades de construção de mundo. Então, o conceito de diversidade, para mim, das diferentes culturas está relacionado com isso, está relacionado com as produções de mundo que somos capazes de fazer e que, como eu disse hoje, infelizmente elas estão... sendo massacradas. Então, elas furam o muro para continuar existindo, mas com muita luta. Nossa, pergunta três aqui. Compreender as dimensões e impactos sociais da luta dos povos indígenas, negros e imigrantes no... Difícil de responder, assim. Muita coisa aqui, não é? Acho que qualquer... qualquer grupo, qualquer coletivo que não se encaixe naquilo que o hegemônico tenta impor, precisa lutar para sobreviver. Então, eu entendo que você traz aqui grupos, que são grupos para que continuem existindo. Então, a vida precisa ser luta no mundo que vivemos. Eu, quando me encontro com pessoas que são indígenas e acompanhando um pouco de longe, porque eu vivo na cidade, sou super urbana, a luta dos povos indígenas, eu vou compreendendo que as lutas dos povos indígenas são lutas para que a gente continue existindo enquanto ser vivente no planeta. Porque a gente vive em um sistema que está em colapso, que está destruindo a humanidade. E quem consegue ter a saída para que a gente continue existindo são os povos indígenas. Então, o impacto da luta dos povos indígenas é o impacto sobre a vida no planeta, sobre a continuidade das nossas existências. A luta dos povos negros é também de continuidade das nossas existências. Eu conheço muito pouco das culturas africanas, porque fui educada aqui e estudei Biologia. Limite meu! Mas do pouco que eu conheço das lutas dos povos negros aqui no Brasil, e em alguns outros países que foram colonizados, essas lutas são lutas também pela sobrevivência no nosso planeta, especialmente no âmbito de produção de um novo sistema. Por quê? Porque são lutas que, o tempo todo, discutem a questão do racismo. E a imposição do racismo no mundo é... que mantém o sistema capitalista existente. E com relação aos imigrantes adivindos do Japão, eu também, de novo, vou pensar no capitalismo e vou pensar na exploração. Temos aqui conjuntos de trabalhadores extremamente explorados. E as lutas desses imigrantes por condições de vida também, de novo, vão de encontro à possibilidade de produção de novos sistemas. Entendo que como há uma diversidade entre indígenas, negros e imigrantes japoneses, não são todos que pensam nisso em suas lutas e que lutam coletivamente assim. Mas a existência deles e a existência enquanto seres que... conseguem, de alguma forma, continuar se expressando culturalmente são a resistência que precisamos para que a gente possa produzir algo novo no mundo, compreende quais dimensões, as dimensões da vida como um todo, compreende a dimensão do trabalho, a gente pensar o que é trabalho na humanidade, compreende a dimensão da gente pensar formatos, formatos organizacionais e estruturais da sociedade, então nos aproximar, entender, aprender com as pessoas que estão envolvidas nessa luta, são formas de a gente... se modificar e conseguir produzir algo melhor. Bom, acho que é um pouco que isso, assim. Como que eu percebo a emergente necessidade do combate à intolerância, ao preconceito e ao racismo?... Esse é um nó essencial para que a gente continue existindo. O projeto fascista, ele é um projeto que leva à nossa extinção. Eu não consigo ver um outro futuro além desse. Mesmo que eles continuem existindo e se perpetuando por algumas gerações, eles levarão à extinção da humanidade. Então, é uma necessidade vital. É assim que eu percebo. Falei um pouco disso nas outras questões também. Com relação aos projetos que propiciam essa formação cultural e humanizada que você traz em todos os territórios nos quais você vive, aí, Vinícius, você é a própria resistência. Você faz parte disso, faz parte dessa função de vida, de possibilidade de vida para que a gente produza algo melhor. E você consegue, nos seus projetos, trazer disso, trazendo essas diferentes temáticas, trazendo pessoas para que os estudantes possam escutar e

possam conhecer algo além do que é hegemônico. É grandioso, né? É grandioso para a produção de uma nova sociedade. e essencial, se a gente quer continuar existindo. Bom, como que eu entendo as adversidades étnico-raciais que estão presentes em diversas ambiências de convívio e interação social? Eu entendo como perverso, como atrocidade. Sinto com muita tristeza a existência dessas adversidades. Mas é isso, né? É o mundo que a gente está hoje e por isso é tão necessário lutar durante toda a vida. Como que eu compreendo o preconceito e a discriminação? Que eles são crime? São crimes contra a humanidade. São crimes contra a vida e contra a diversidade de vidas no planeta. Porque eu entendo muito o que estamos entrelaçados. Então, quando qualquer um produz algo de ruim, de mau ou outro, o que está sendo destruído é todo esse conjunto, todo esse conjunto entrelaçado, no final das contas, está perdendo potência de vida. Acho que é um pouco que isso, assim. Bom, meu jeitinho de falar.”

Depoimento 02: Estudante 01

“Sou estudante do terceiro ano do Ensino Médio. Para mim, a diversidade cultural está ligada a todas as possibilidades de pensar e agir diferentemente do que foi imposto como padrão durante o encontro de diferentes grupos culturais. São os aspectos e os traços coloridos com uma cor diferente, mas que devem ser aceitos igualmente com respeito. Sobre as dimensões e os impactos sociais da luta dos povos indígenas, negros e imigrantes advindos do Japão, eu penso que é uma análise entre problemas sociais graves estabelecidos pelo tratamento inadequado da sociedade a povos inseridos nela, que foram desprezados e ridicularizados por outros, se tratando de séculos de história. Isso gerou cicatrizes, muitas não fechadas ainda. Lutar é sinal de restauração e busca de igualdade, equilíbrio, retomar o que é seu por direito. Sobre a necessidade do combate à intolerância, ao preconceito e ao racismo, eu percebo que é sim necessário. É desanimador assistir casos de intolerância, racismo e preconceito a alheios, principalmente viver com a própria pele. A necessidade de combatê-los é eliminar de vez qualquer indício, mesmo que mínimo, desses problemas. As pessoas têm aprendido a tratar o racismo, por exemplo, com leveza, de forma recreativa. Não é normal. Vejo amigos e colegas inconscientemente dizendo palavras facilmente análogas ao racismo, mas com tom de brincadeira. Esse é o perigo. Quando brincarem com as pessoas erradas, irão ferir muito mais que apenas suas identidades individuais. Atacarão uma cultura pertencente a um povo maior, contribuindo para rebaixá-los. Na internet, o conteúdo ruim aumenta exponencialmente devido à facilidade de divulgar informações para qualquer um, sem filtros suficientes para lidar com disfarces embutidos em mensagens, sem a capacidade de... de punir adequadamente a quem comete. Parece funcionar somente quando gera extrema alarde, mas o problema precisa parar enquanto pequeno. Portanto, sim, é preciso continuar a combater a intolerância racial, religiosa e cultural. Sobre os projetos, você apresentar ao aluno de forma direta os diferentes grupos sociais que convivem quase no mesmo espaço abre portas para aprimorar capacidades interpessoais de nós, do corpo discente, além de reconhecermos amigavelmente, com empatia, as suas diferenças e necessidades. Participei da edição Tanabata Matsuri, proposta pela Associação Mineira de Cultura Nipo-brasileira de 2023, no bairro Nova Cachoeirinha, em Belo Horizonte. E digo, com um pouco de experiência obtida, que foi incrível sentir pessoalmente uma cultura diferente da minha, diferente em praticamente todos os aspectos, a maneira de falar, vestir, comer e cantar. Obrigado. Bem, entender as adversidades étnico-raciais presentes nos diferentes ambientes sociais é algo extremamente necessário. Infelizmente, está presente até mesmo dentro das casas esses problemas, quando pais e mães educam seus filhos inconscientemente em padrões racistas. Nas escolas, as oportunidades antes dadas a pessoas indígenas, negras e asiáticas eram menores. Hoje, há e tem surgido mais porque foram levantadas políticas públicas como formas de combater a desigualdade. No trabalho, você consegue visualizar virtualmente dados divulgados publicamente, através do IBGE ou no Guia Brasileiro de Ocupações do Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho. Socialmente, muitas pessoas excluem aquelas de padrões diferentes, também sem perceber. Bem, compreender que tudo isso é crime é também necessário. Além de crime, é desumano praticar. Tratar as

peessoas com diferentes olhares, modos, é até compreensível desde que haja respeito entre as partes e nos argumentos utilizados. Mas tratar de forma não saudável, sem qualquer respeito, agredindo o que a pessoa é, faz ou pensa, não pode ser considerado correto e deve ser corrigido de imediato, que, infelizmente, na maior parte dos casos, é somente expectativa. Provavelmente há pessoas comentando esses erros não sendo colocadas em julgamento, porque falta conscientização ao redor delas e faltam... pessoas para reconhecerem e denunciarem, por exemplo.”

Depoimento 03: Estudante 02

“Sou estudante e estarei aqui respondendo algumas questões pedidas pelo Vinícius. Você sabe conceituar a diversidade nas diferentes culturas? Bom, para essa questão devemos entender que cada cultura tem aspectos únicos que asseguram uma identificação diversa das outras. Uma determinada região terá uma determinada vestimenta, uma determinada culinária, um determinado jeito de agir. Cada região tem sua cultura e quando isso se junta, forma essa diversidade cultural. Onde no Brasil, por exemplo, temos várias culturas diferentes, como a do Nordeste, a do Sudeste, a do Sul, a do Norte, o Centro-Oeste, são várias culturas com aspectos diferentes e únicos que nos trazem essa identificação única mesmo. Próxima questão, compreende as dimensões e os impactos sociais da luta dos povos indígenas, negros e imigrantes advindos do Japão? Devemos ressaltar que a luta dos povos indígenas, negros e esses imigrantes é complexa e vem se arrastando há várias décadas e séculos, o que torna difícil a vida dessas pessoas, como a aceitação por exemplo da sociedade em relação a essas pessoas, o que gera preconceito no caso do racismo. A gente vê aí várias notícias de injúrias acontecendo a todo momento. Essa é uma luta que vem se arrastando há muito tempo e que parece não ter fim. E isso traz diversos impactos, como eu comentei alguns. Fora que isso vai desgastando essas pessoas é a forma que a mente da pessoa fica psicologicamente falando, fora quando não acontece é a agressão física, fora que essas pessoas devem ter uma vida digna assim como as outras pessoas são humanos da mesma maneira e é o que não vem acontecendo pessoas é... perdendo emprego, vaga de emprego por causa disso. A próxima questão percebemos a emergente necessidade do combate, a intolerância ao preconceito e ao racismo? Seguindo a linha que eu dei na resposta anterior, eu vou dar segmento porque está diretamente relacionado. Os problemas que eu citei são o que motiva o fim da intolerância, do preconceito. Essa emergente necessidade que pede aí na questão é justamente isso. As pessoas estão tendo falta dignidade perante a sociedade e isso vai abalando a pessoa, a pessoa vai sobrecarregando. A pessoa não consegue viver de forma livre, entre aspas, não consegue. E isso também afeta a população que não se enquadra nos perfis de pessoas que mais sofrem preconceito, porque ao invés de os órgãos governamentais, por exemplo, estarem discutindo situações mais relevantes no que se diz respeito à evolução do país, e pelo contrário, tem que voltar em assuntos que já deveriam ter recebido um ponto final, como o racismo, a intolerância e esses tipos de preconceito. Próxima questão. Projetos como esse propiciam uma formação cultural e humanizada. Acredito que esses projetos servem pelo conhecimento das pessoas, para ter... esse contato direto em que você vê o mundo dos olhos daquela cultura, é uma visão diferente da que a pessoa acostuma-se a ter. Então isso também relaciona com a questão anterior sobre o combate às intolerâncias, às discriminações, porque os alunos, eles vendo isso com esses olhos daquelas pessoas, eles podem entender o outro lado e ver como que aquela parte da sociedade enxerga o outro e para ela se colocar mesmo no lugar do outro e ver se realmente é justo aquela julgamento. Para mim esse é o maior benefício desse tipo de evento, fora a questão do conhecimento que a pessoa vai estar ali tendo um contato direto, como eu comentei, com uma cultura diferente, conhecer realmente os seus aspectos únicos que diferenciam dos demais. Vamos para a próxima questão. Entende que as adversidades étnico-raciais estão presentes em diversas ambiências de convívio e interação social? Acredito que sim, principalmente por conta dessa questão de imigrantes, como o caso dos imigrantes advindos do Japão. A gente também tem caso de diversas pessoas até milhares de pessoas no Brasil que vem de vários outros países e na escola por exemplo a gente pode ter... o contato com

algumas pessoas como os haitianos, são poucas convivências, mas que conseguiram ter uma vida normal digamos assim no Brasil com acesso à educação com acesso à saúde ao lazer e algumas dessas pessoas a gente pode encontrar na escola são casos diversos. Temos contato com essas pessoas, e poucos que tem esse acesso a diferentes culturas, mas a gente teve esse contato sim e o trabalho também pode acontecer de uma pessoa de outro país ter uma oportunidade aqui no Brasil e trabalhadores da mesma empresa que são brasileiros, podem ter esse contato também, assim como em outros casos. Bom, agora vamos falar aqui da última questão. Compreende que preconceito e discriminação são crime? Bom, esse é um ponto extremamente importante de ressaltar, porque ao decorrer dessa minha fala, eu venho falando sobre malefícios trazidos dessas atitudes ruins da sociedade. E o fato de se tornar um crime, no caso do racismo, por exemplo, que se tornou algo institucional e está presente no livro de leis, em 1989, isso traz um alerta para as pessoas que ainda assim não conseguem enxergar os malefícios desses atos. Então, além de ser crime, eu compreendo isso e várias pessoas recebem isso como lei, justamente como uma prevenção após elas não conseguirem ter essa visão de que é errado. É uma forma para que a pessoa, para não receber uma punição, que é advinda da lei, pelo menos assim ela pare com isso. Finalizo aqui a minha participação. Muito obrigado!”

Depoimento 04: Estudante 03

“Sou estudante e sobre o conceito de diversidade cultural, ela se refere-se à variedade de culturas existentes no mundo, cada uma com seus próprios valores, tradições, crenças e comportamentos. Também, a diversidade pode ser relacionada aos aspectos como linguagem, religião e gastronomia. E a valorização da diversidade cultural é fundamental para promover o respeito mútuo e convecção a parceria entre dois grupos sociais, entre vários grupos sociais. Em relação à luta dos povos indígenas, negros e imigrantes japoneses, na minha opinião, os povos indígenas lutam pela preservação de suas terras e cultura, e nisso, na luta deles, eles enfrentam vários desafios, como o desmatamento e a exploração de recursos naturais deles e o tanta, como dizemos assim, querendo calar a cultura deles. A população negra, eles buscam igualdade de direitos e combate ao racismo para valorizar sua cultura e sua contribuição histórica. E os imigrantes japoneses, eles enfrentam acho que os desafios de se adaptar ao país e a discriminação também. É isso. Em relação ao combate à intolerância, combater esses preconceitos são essenciais para fazer a sociedade se tornar mais igual e justa. E também acho que devem conscientizar, desde criança, da educação, desde... sim, desde que as pessoas entram na escola, elas deveriam ser conscientizadas na educação para erradicar as atitudes e promover uma inclusão e respeito às diferenças desde novos, para a criança não crescer com aqueles adultos preconceituosos. Em relação à formação cultural e humanizada dos discentes, eu não tenho muito conhecimento, mas o pouco que eu tenho é que eles tem contato com matérias que abordam as diversidades culturais para combater o preconceito. Os professores de humanas optam por uma formação mais ampla e humanizada para desenvolver as competências como empatia, respeito às diferenças e compreensão de diversas realidades sociais, como as classes, raças e escolhas das pessoas. Questão 6, as diversidades éticas e raciais em ambientes de convívio e interação social. Eu acho que elas estão presentes em vários contextos, como nas escolas, por exemplo, locais de trabalho e até em locais públicos. E também tem os locais de ambiente digital, porque esses preconceitos podem se modificar de forma explícita, como discriminação direta ou uma forma mais implícita. Por exemplo, como pequenas agressões e desigualdade. E eu acho também que a conscientização é importante para combater essas adversidades mesmo na sociedade. A última pergunta que fala sobre o preconceito e a discriminação ser crime, sim, inclusive eu tava até pesquisando esses dias sobre a lei, se eu não me engano, ela fala alguma coisa sobre que as pessoas que não tratam a outra tipo com igualdade, tem preconceito com a outra por ser de raça ou de cor diferente, elas sim sofrem, e até responde legalmente. A constituição brasileira defende a igualdade de todas as raças, cores, etc. Então qualquer caso de discriminação é bom denunciar e aumentar o registro desses casos e quem sabe aumentar a punição também. E também é essencial

para garantir os direitos humanos das pessoas e a justiça. ”

Depoimento 05: Professora de Sociologia

“Sou professora de Sociologia e História e a diversidade cultural é um conjunto distinto de culturas onde a tradição de um povo é transmitida de geração em geração e onde está representada também com elementos como a dança, a língua, os valores, a religião, a dança, a culinária, dentre outros. Compreendo, sim, as dimensões e os impactos sociais, culturais para os povos indígenas, para o negro, onde nós temos os imigrantes que vieram do Japão, eles não sofrem tanto quanto os povos indígenas, quanto o negro, mas a nossa cultura vai além disso, e nós temos que lutar cada dia e mostrar que os nossos laços estão no nosso dia-a-dia, na culinária, na música, e as pessoas precisam estudar, conhecer mais um pouco sobre as questões culturais do nosso Brasil, do nosso mundo. Percebo, sim, a necessidade do combate a essa intolerância, principalmente a intolerância religiosa, ao preconceito, ao racismo, onde as pessoas têm um outro olhar sobre o negro. Elas não olham o lado positivo do negro, que são as questões culturais. E, mais uma vez, essas questões culturais estão no nosso dia a dia. É importante realizar trabalhos na escola para que os alunos possam refletir sobre a importância cultural no nosso Brasil. Sim, o projeto é importantíssimo para o conhecimento do aluno, o crescimento dele, onde uma vez que ele aprende, ele nunca mais vai esquecer, e como esse projeto também tem a prática, isso é muito importante, faz toda a diferença para o aluno, o aluno poder praticar, vivenciar aquele momento. Isso é muito importante. Sim, a diversidade étnica, racial, ela está, sim, em diversos ambientes, principalmente na nossa cultura, está enraizada a nossa cultura na dança, na comida, a feijoada mesmo, ela vem de origem africana e muitas pessoas não sabem, não conhecem. Por isso que é importante o conhecimento, de culturas, né? Eu conheci outras culturas. Sim, preconceito e discriminação são crimes, hoje se tem leis que amparam todo tipo de preconceito e nós, na sociedade, nós temos que respeitar toda a diversidade que existe na nossa sociedade.”

Depoimento 06: Professora PEB1 Anos Iniciais e Especialista em Educação

“Sou Professora PEB1 Anos Iniciais Especialista em Educação Básica-Supervisão pedagógica. A diversidade significa que cada povo tem um idioma diferente, formas distintas de organizar-se, política e economicamente, tem tradições, crenças religiosas diferentes inclusive dentro do mesmo povo. O impacto da luta vem ganhando dimensões maiores nos últimos anos. Pois, até pouco tempo, leis existentes não eram mencionadas, colocadas em prática. As atrocidades passavam despercebidas, porque estes povos continuavam invisibilizados perante os grandes centros populacionais. Agora, são vistas e ouvidas, mesmo que pouco em relação ao que deveriam. Por estarmos sendo vistos, por começarmos ter mais consciência do nosso pertencimento e não aceitar as agressões advindas do preconceito, racismo intolerância, discriminação tornou mais doloroso que o corte na carne. Projetos como estes elucidam e formam cidadãos com consciência de si. Indivíduo que conhece, valoriza, respeita e se apropria da cultura do seu grupo de origem e dos demais torna-se resiliente, maduro emocionalmente e convicto dos seus objetivos. Enfim, a legislação foi modificada e passou criminalizar os agressores. Sinto, por ainda depender de testemunhas e provar a agressão que muitas vezes acontecem de forma dúbia devido a malícia de quem teve intenção em cometer. Porém, foi avanço conquistado por luta e combate diário de alguns.”

Depoimento 07: Professor de Língua Portuguesa

“Sou professor de Língua Portuguesa. Saudações pessoais! Então vamos lá. Com

relação à questão 2, eu penso que diversidade é o convívio respeitoso entre as pessoas de diversas culturas, bem como suas crenças e modo de viver, ou seja, a necessidade de uma harmonia, evitar um ataque destrutivo, óbvio que sempre o debate de ideias vai existir, mas aquele ataque destrutivo, eu acho que ele não entra na diversidade, tudo aquilo que falta com respeito não deve prosseguir. Com relação ao que tange à questão 3, eu compreendo os impactos sociais relativos desses povos, uma vez que essas lutas têm promovido para melhor na vida das gerações atuais. Então isso tem trazido inclusão social, tem gerado acesso à fonte de renda, acesso aos meios culturais, ao lazer, então tudo aquilo que soma para que a pessoa viva e não apenas sobreviva. Sobre a questão 4, eu percebo a necessidade de lutar contra as intolerâncias e preconceito ao racismo, visto que esse combate é o que torna os povos minoritários humanos frente ao sistema político socioeconômico vigente, ou seja, se não fossem essas lutas, esses povos continuariam invisíveis aos olhos da sociedade atual. Com referência à questão 5, ela é um pouco mais longa, mas vamos lá. É perceptível sim a eficiência e a importância do projeto e vou citar um exemplo. Por exemplo, antes da palestra lá na escola, nós fizemos uma atividade temática envolvendo os alunos sobre a temática dos povos indígenas, as diversidades que eles enfrentam, a importância que eles têm no nosso país como povos originários, nos ensinando a lidar com as florestas de forma harmônica e a respeitar a Mãe Natureza. Nós fizemos uma atividade temática e conversamos com os alunos sobre as mudanças em algumas nomenclaturas também, principalmente sobre o termo índio, que tem um tom pejorativo e que o termo atual e mais adequado é indígena ou povos indígenas. Ocorre que um pouco antes da palestra, faltando alguns minutinhos, um aluno viu um indígena palestrante e esse indígena palestrante estava utilizando um aparelho celular. O aluno, com aquele jeito um pouco mais atrevido, chegou à próximo a ele e pergunta. se ele realmente era indígena. Então esse palestrante afirmou que sim, ele conversou algumas coisas com um aluno na língua materna do indígena e o palestrante também abordou essa temática durante a palestra. Ele pegou o exemplo desse rapazinho e por que as vezes poderia ser a dúvida de outros alunos, de outros discentes que estavam ali presentes também. Posteriormente, em sala de aula, nós reforçamos ao aluno que os povos indígenas contribuíram também para o desenvolvimento tecnológico e que eles têm todo o direito de usufruir desses recursos tecnológicos e que o fato deles usarem tecnologia não anula os seus conhecimentos e costumes tradicionais, ou seja, eles coexistem, eles vivem numa relação simbiótica, o tradicionalismo e a tecnologia e ele explicou isso para o aluno que logo agradeceu e falou que faz sentido. Nós até citamos exemplos dos conhecimentos sobre a natureza, sobre a descoberta de alimentos, sobre a descoberta de remédios. Muita da nossa medicina e da nossa farmácia deve muito aos povos indígenas, então ele falou que o que nós falamos fez sentido para ele e ele agradeceu. No que concerne à questão 6, eu entendo que as adversidades étnico-raciais estão presentes nos diversos setores da sociedade, principalmente quando se refere à distribuição de renda, acesso à educação de qualidade e também de culturas construtivas. A gente tem uma dificuldade aqui no Brasil de incluir os povos minoritários nas culturas, e aqui eu não me refiro só... Ah, eles produzem música. Não é só isso, eles estão participando dos torneios, dos projetos, eles têm visibilidade. E que essa inclusão também traga renda, não é só jogar lá e pronto. Isso tem que trazer impactos construtivos para esses povos que estão participando. No tocante à questão 7, eu compreendo sim que preconceito e discriminação são crimes, e até ressalto também que recentemente, era uma coisa que me revoltava muito, nós víamos vários crimes de racismo pela mídia aberta, e muitas vezes o criminoso saía rindo, porque pagava fiança e tal, e era classificado como injúria racial. E eu sempre me questioneei, falei assim, não faz sentido ter uma lei falando que discriminação... e ao mesmo tempo você tem nessa lei uma brecha, classificando o crime de racismo como injúria e o criminoso paga uma cesta básica ou três salários mínimos para uma instituição de caridade e tem a liberdade dele e responde o processo em liberdade. A gente sabe que muitas vezes não deu nada em relação aos danos que ele causou na pessoa que sofreu a discriminação. Então, eu acho que foi uma grande vitória a lei equiparar injúria ao crime de racismo, ou seja, não tem como a pessoa ficar impune. Essa é a minha opinião, agradeço a todos aí.”

Depoimento 08: Professora de Artes e Palestrante

“Sou professora há 24 anos, tanto na Rede Estadual como na Rede Municipal de Contagem. Tenho o prazer de participar com o professor Vinícius das Rodas de Conversa durante alguns anos, onde essa temática eu considero de suma importância. Sei conceituar a diversidade cultural, mesmo sabendo que ela é ampla, múltipla e dinâmica. Entender as dimensões dos impactos sociais da luta dos povos, principalmente indígenas e negros, são essenciais para a compreensão da formação da nossa cultura. Sei também que o combate à intolerância e preconceitos é a única maneira que temos conscientizar, esclarecer pessoas e promover uma transformação efetiva com igualdade de direitos para todos, principalmente no reduto escolar, onde estamos em contato com pessoas em fase de formação, para que o convívio das mesmas dentro e fora desse ambiente se dê de forma ética e consciente. Avanços significativos ocorreram após anos de luta e mobilizações e uma delas é ser o racismo considerado como crime.”

Depoimento 09: Apoio Escolar

“Tive o privilégio de trabalhar como apoio ao educando que é um trabalho realizado com crianças da inclusão nas escolas municipais. Atualmente estou trabalhando na função como psicóloga na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social. Com experiência, alguns anos em ambiente escolar, percebo ser pertinente tratarmos de assuntos sobre a diversidade nas diferentes culturas, no qual valorizar as pessoas com diferentes origens culturais traz uma certa forma de respeitar suas diferenças e conseguindo interagir esses povos valorizando cada forma das suas expressões culturais de uma determinada região, de uma determinada musicalidade, de uma cultura, de uma diferente forma. De uma forma geral e, de certa forma, traz grandes valores para esses povos. Percebo que tratar desse assunto no ambiente educacional se torna uma força transformadora. Eu falo que é capaz de unir pessoas de diferentes origens em busca de um mundo muito mais harmonioso. E precisamos de mais conscientização no geral, mais sensibilização, mais campanhas de conscientização sobre as questões raciais, não só as raciais, mas também das diversidades culturais, tanto nos meios de comunicação, espaço público e principalmente no ambiente educacional, no qual nós trabalhamos diariamente. Eu falo que se criarmos crianças que tenham mais conhecimento e se forem estimuladas de uma forma de refletir, será uma forma de combater o próprio preconceito. Eu já trabalhei desde cedo essa conscientização com crianças e o espaço que eu vejo que é bem propício é o espaço educacional, onde que vem a formação de ideias. Eu falo que é uma luta constante. Nós não podemos desistir. É um desafio todos os dias, mas não é impossível. Falo que hoje nós conseguimos alcançar muitos voos em relação a isso, em relação ao preconceito, à discriminação, que é um crime, mas infelizmente tem casos que a lei não se cumpre. Nós não podemos perder a fé e que nós possamos estar lutando diariamente, combatendo qualquer tipo de preconceito, na esperança de um futuro melhor, de dias melhores, cada um respeitando as suas diferenças.”

Depoimento 10: Mãe de uma aluna egressa do Ensino Médio

“Sou Professora 1º ano do 1º ciclo de alfabetização e estou Professora de Geografia/História/ Diversidade Cultural e Relações Étnico Raciais. A minha filha atualmente faz cursinho para o Enem, ela foi aprovada no curso de Farmácia na UFMG, mas quer tentar o curso de Medicina e destaca temas como o Racismo Estrutural dos estudos de Silvio de Almeida como uma das possíveis questões do Enem 2024. A Diversidade Cultural refere-se a diferentes formas de crenças, costumes, valores e organização de grupos em sociedade. A necessidade de combate a intolerância, ao preconceito e ao racismo se faz cada vez mais necessária. Políticas públicas vem buscando através de leis como é o caso da lei 10.639 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no

currículo oficial da Rede de Ensino e obrigatoriedade da temática " História e Cultura Afro-brasileira". A inclusão do estudo dos "Povos Originários" no currículo escolar contribui para uma educação antirracista. Em todas as disciplinas, é possível e necessário atualizar o currículo para que o tema seja trabalhado. Ex: No dia do trabalhador, explorar onde estão povos indígenas no mercado de trabalho, em arte mostrar que em na avenida Amazonas em Belo Horizonte, é possível apreciar o maior mural urbano do mundo pintado por uma indígena (Daiara Tukano). A apresentação da caixa de lápis cor de pele e o trabalho da artista Adriana Varejão (Obra Polvo), explora a diversidade racial e contribui para identificação e autoconhecimento. Trabalhar obras literárias de escritores negros e indígenas, tirando o protagonista eurocêntrico das bibliotecas, muito contribuem para o letramento racial. A Lei 14.532/2023 equipara injúria racial ao crime de racismo. A pena é de dois a cinco anos de reclusão, além de multa, não cabendo mais fiança e o crime é imprescritível."

Os depoimentos e o survey presentes no capítulo V compartilham a mesma finalidade de coletar informações e retornos para analisar os resultados e impactos da sequência didática proposta. Enquanto os depoimentos fornecem relatos pessoais e individuais sobre a experiência dos estudantes, professores, direção, palestrantes, Apoio Escolar, Especialista em Educação, pais e responsáveis pelos alunos, o survey possibilita uma coleta mais ampla de dados e percepções através de questionários estruturados.

Ambos os instrumentos são essenciais para a análise criteriosa dos resultados obtidos a partir das atividades propostas, permitindo uma abordagem mais objetiva na avaliação do processo de ensino e aprendizagem. Através dessa análise, é possível identificar pontos fortes e áreas de melhoria nas práticas pedagógicas adotadas, contribuindo para o constante aprimoramento do trabalho docente.

Além disso, a análise dos resultados dos depoimentos e do survey também possibilitou uma maior conscientização e valorização da diversidade cultural e étnico-racial entre os estudantes. Ao compreender as percepções e experiências dos alunos, os professores de humanas e outros podem adaptar suas abordagens para garantir um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e acolhedor.

Portanto, a combinação de depoimentos e surveys no processo de análise dos resultados da sequência didática fortalece a avaliação do impacto das atividades e promove uma educação humanizada em relação à diversidade cultural e étnico-racial.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese de mestrado propôs-se a refletir sobre a integração de práticas pedagógicas relevantes no contexto do Novo Ensino Médio, com um foco particular na relevância do

currículo para a vida dos estudantes. A expectativa é que a pesquisa contribua significativamente para a construção de um modelo educacional que não apenas atenda às demandas do mercado de trabalho, mas que também ofereça um currículo verdadeiramente significativo, enriquecedor e transformador para os alunos. O objetivo primordial é mapear perspectivas pedagógicas que possam ser implementadas na sala de aula e fomentar uma interação cultural vibrante e inclusiva dentro da comunidade escolar.

O percurso metodológico delineado foi desenvolvido em estreita colaboração com meu orientador na Universidade, garantindo que a pesquisa esteja fundamentada nas teorias educacionais e práticas pedagógicas eficazes. No entanto, reconhecemos que a aplicação prática dessas teorias e práticas deve estar alinhada com as realidades e necessidades específicas da escola em que serão implementadas. Portanto, o diálogo contínuo com a comunidade escolar é essencial para ajustar e adaptar as estratégias pedagógicas às condições e demandas locais.

A implementação das disciplinas, que teve início em 2022, trouxe à tona uma série de necessidades e desafios que precisam ser abordados para garantir a eficácia do Novo Ensino Médio. Este projeto, que é de interesse direto da Unidade de Ensino, tem o potencial de contribuir de maneira significativa para o aprimoramento das práticas de ensino em Sociologia e para a ampliação da presença das Ciências Sociais no currículo do Ensino Médio. A integração das Ciências Sociais não é apenas uma questão de fortalecer o conteúdo educacional, mas também de garantir que os alunos desenvolvam uma compreensão crítica e reflexiva sobre o mundo em que vivem.

Nos tempos atuais, a defesa das Ciências Sociais no currículo escolar pode ser vista como uma questão de sobrevivência para a própria ciência. Em um cenário onde a educação está cada vez mais orientada para a formação de competências voltadas para o mercado de trabalho, é imperativo reafirmar a importância das Ciências Sociais como um campo fundamental para a formação de cidadãos críticos e engajados. Como Paulo Freire enfatiza em "Pedagogia do Oprimido", "a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa" (FREIRE, 1970). Assim, a inclusão das Ciências Sociais no Novo Ensino Médio deve ser acompanhada de uma responsabilização social que envolva a participação ativa de diversos atores, incluindo a comunidade escolar e a Universidade. Essa abordagem colaborativa não apenas reforça o papel das Ciências Sociais na educação, mas também promove um posicionamento ético-político.

O aprimoramento das práticas de ensino em Sociologia e dos conteúdos curriculares

relacionados às Ciências Sociais deve ser encarado como um passo crucial para garantir que os estudantes recebam uma educação que os prepare não apenas para o mercado de trabalho, mas para o exercício pleno da humanidade. A capacidade de refletir criticamente sobre questões sociais, culturais e políticas é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade democrática e participativa. Assim, o projeto não apenas busca melhorar o ensino das Ciências Sociais, mas também contribuir para a formação de indivíduos capazes de engajar-se de maneira a se ter consciência de classe.

Enfim, as considerações finais desta pesquisa reforçam a necessidade de uma integração efetiva das Ciências Sociais no Novo Ensino Médio, destacando a importância de um currículo que seja verdadeiramente significativo para os estudantes e que fomente o aprendizado válido e diversificado. A realização dessa sequência didática é, portanto, um compromisso com a construção de um sistema educacional que valorize a ciência e a reflexão crítica, promovendo um futuro onde todos os indivíduos tenham a oportunidade de contribuir para realmente uma base coletiva.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS, ACNUR. **Guerra na Síria entra no sétimo ano e ACNUR alerta que o país se encontra “numa encruzilhada”**. Disponível em: <www.acnur.org/portugues/2017/03/09/guerra-da-siria-entra-no-setimo-ano-e-acnur-alerta-que-o-pais-seencontra-numa-encruzilhada>. Acesso em: 01 ago. 2024.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra - Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2020.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Estado, direito e análise materialista do Racismo**. In: KASHIURA JUNIOR, Celso Naoto; AKAMINE JUNIOR, Oswaldo; DE MELO, Tarso (orgs). Para a crítica do Direito: Reflexões sobre teorias e práticas jurídicas. São Paulo: Outras Expressões; Dobra universitário, 2015. P.747-767.

BBC NEWS BRASIL. **Intolerância Religiosa**. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africa_nas_jp_rm>. Acesso 28 mar. 2024 .

BOURDIEU, P. **“O Poder Simbólico”**. Rio de Janeiro: Berrand Brasil, 1989.
BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL, **Lei 12.288/10. Estatuto da Igualdade Racial**. Brasília, DF: Presidência da República, 2010.

BRASIL. **Lei no 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, 2017.

BRASIL. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. **Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Brasília: Planalto, 2003. sp. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 30 jul. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997**. Brasília: Planalto, 1997. sp. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9459.htm#:~:text=ou%20proced%C3%Aancia%>

2 Onacional.%22-,%22Art.,a%20tr%C3%AAs%20anos%20e%20multa.> Acesso em: 30 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio: Ciências Humanas e suas tecnologias**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEMTEC, 2006.

CANCLINI, Nestor G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CARNEIRO, Sueli. **Negros de Pele Clara**. 2004. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/negros-de-pele-clara-por-sueli-carneiro/>>. Acesso em 15 abr. 2024.

CARTA CAPITAL. **“Sai do meu país!”: agressão a refugiado expõe a xenofobia no Brasil...**. 2017. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/saia-do-meu-pais-agressao-a-refugiado-no-rio-expoe-a-xenofobia-no-brasil/>. Acesso em 01 jun. De 2024.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação, Campinas, SP, n. 24, p. 40–52, 2003

DAYRELL, J., CARRANO, P.R. **Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo**. Paper. Sem data.

DAYRELL, J., CARRANO, P., MAIA, C. L., (organizadores). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2014.

EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. São Paulo: Unesp, 2005. 1º Capítulo- Versões de Cultura.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1978, v. 1.

FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1977.

FOUCAULT, M. . **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 51. ed. Paz e Terra, 2018.

FREITAS, Isaurora Cláudia Martins de; LIMA FILHO, Irapuan Peixoto; LIMA, Rogerio Mendes de. ***Juventudes, escolarização e ensino de sociologia: desigualdades e diversidades.*** In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA, 6., 6-8 jul. 2019.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Vol. 1 e 2. [1ª ed. 1933]. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olimpo Editora, 1954.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal**. 28. ed. Global Editora, 2014.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**, volume 2. Os intelectuais. O princípio educativo. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HIGA, Lais Miwa. **População de Origem Asiática é Vítima de Violência e Preconceito na Pandemia**. Disponível em: < <https://jornal.usp.br/atualidades/populacao-de-origem-asiatica-e-vitima-de-violencia-e-preconceito-na-pandemia/>>. Acesso em 02 de jul. 2024.

HOBSBAWM, E. J., 1917- **A era dos impérios** / Eric J. Hobsbawm, tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo; revisão técnica Maria Célia Paoli. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2018, p.07**.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2021. Coordenação de População e Indicadores Sociais**. - Rio de Janeiro: IBGE, 2021. (Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, n.44).

JONHNSON, G, Allan. que, no **“Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica”** (1997).

LIBÂNEO, Antônio Carlos. **Didática**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

LIMA FILHO, I. P.. **Culturas Juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos**.

Revista de Ciências Sociais (UFC), v. 45, p. 103-118, 2014. Disponível em: Acesso em 05 de fev. 2023.

MACHADO, I. J. R.; AMORIM, H.; BARROS, C. R. **Sociologia hoje**. 2.ed. São Paulo: Editora Ática, 2016.

MACHADO, Vitor; TOTTI, Marcelo Augusto. **Do debate acerca da implantação da disciplina de Sociologia no currículo escolar no interior do 1º Congresso Brasileiro de Sociologia aos desafios atuais**. p.6.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

MARTINEZ, Elizabeth. **É possível não ser racista numa sociedade racista? : Uma proposta de sequência didática para o ensino de sociologia**. Marília: UNESP, p. 48 – 50, 2023.

MENDONÇA, S. G. L. **A Crise de Sentidos e Significados na Escola: a contribuição do olhar sociológico**. Cadernos Cedes, Campinas, v. 31, n. 85, p. 341-357, 2011.

Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. **Portaria nº 096, de 18 de julho de 2013**.

MOURA, M. O. et AL **A atividade orientadora de ensino como unidade entre ensino e aprendizagem**. In MOURA, M. O. A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural. Brasília: Liber-livro, 2010.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade étnica e etnia**. Cadernos Pnesb, Niterói, 2000, n. 5, p. 17-34.

MUNANGA, K. (2014). "A história dos povos afro-brasileiros." In: **O Quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista**. Vozes. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. Cadernos Pagu (42), Campinas, 2014. p. 201-248. Disponível em: . Acesso em: jun. 2022.

NAÇÕES UNIDAS. ESPECIAL: **A intolerância contra as religiões de matrizes africanas no Brasil**. Disponível em < <https://brasil.un.org/pt-br/70342-especial-intoler%C3%A2ncia-contra-religi%C3%B5es-de-matrizes-africanas-no-brasil> >. Acesso em 19/05/2024.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Petrópolis: Vozes, 1978.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

POLITIZE. **Movimento negro: história, conquistas e polêmicas!**. 2019. Disponível em < <https://www.politize.com.br/movimento-negro/>> Acesso em 12 abr. 2024.

PORTAL MIE. **Tanabata: O Festival das Estrelas - Um conto do Sol Nascente**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=cVxhIMT9Wa8>>. Acesso em 25 jul. 2024.

REDE GLOBO. **Falas Negras**. 2021. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/10059932/>>. Acesso em 02 mar. 2024.

REDE GLOBO. **Falas da Terra**. 2024. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/12521042/>>. Acesso em 13 jul. 2024.

RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural**. Editora Companhia das Letras, 1982.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Editora Record, 1993.

SAID, E. (1978). ***Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente***. Companhia de Bolso.

SANTOS, D. J. S. *et al.* **Raça versus etnia**. Dental Press J. Orthod, v. 15, n. 3, p. 121-124, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dpjo/a/cpSn3rmDvrkMNTHj7bsPxgh/?lang=pt> Acesso em: 30 jul. 2022.

SANTOS, Wéllia Pimentel. **História, Cultura e Intolerância Acerca das Religiões de Matrizes Africanas no Brasil**. 2019. Disponível em < <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/13132/10276>>. Acesso em 20 mai. 2024.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. **Currículo Referência de Minas Gerais**. 2024. p. 253 e p.254. Disponível em < <https://acervodenoticias.educacao.mg.gov.br/images/documentos/Curr%C3%ADculo%20Refer%C3%AAncia%20do%20Ensino%20M%C3%A9dio.pdf>>. Acesso em 01/08/2024.

SILVA, AFRÂNIO *et al.* **Sociologia em movimento**. 2013. 1ª ed. São Paulo: Ed. Moderna.

SHIBUYA, Kuniyoshi. **O que é ser nikkei no Brasil?** São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2006.

TAMARO, Rodrigo. **População de origem asiática é vítima de violência e preconceito na pandemia**. 2021. Disponível em < <https://jornal.usp.br/atualidades/populacao-de-origem-asiatica-e-vitima-de-violencia-e-preconceito-na-pandemia/>>. Acesso em: 01 de jul. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Conheça 7 mitos sobre as cotas raciais**. Disponível em < <https://wp.ufpel.edu.br/projetocotas/2016/07/19/conheca-7-mitos-sobre-as-cotas-raciais/>>. Acesso em 02 fev. 2024.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. **Tema: Ensino de Sociologia como conquista: dez anos de resistências**. Anais, Florianópolis: UFSC, 2019. p. 270-288.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1967. **A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais**. Tradução de Gabriel Cohn. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **Conceitos sociológicos fundamentais**. Lisboa: Edições 70, 2007.

ZABALA, Antoni. **A prática Educativa. Como ensinar**. Tradução: Ernani da F. Da F. Rosa. Porto alegre. Artmed. 1998.

ZABALA, Antoni. **As sequências didáticas e as sequências de conteúdo**. In: Zabala, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**, 1998, p. 53-87. Tradução: Ernani da F. Da F. Rosa. Porto alegre. Artmed. 1998.

10. ANEXO

Figura 3 – Primeira roda de conversa



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 4 - Foto: Festa da Família “Família Tradicional Brasileira?”



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 5 - Foto: Festival Tanabata Matsuri



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 6 - Foto: Festival Tanabata Matsuri



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 7 - Foto: Festival Tanabata Matsuri



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 8 - Foto: Festival Tanabata Matsuri



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 9 - Festival Tanabata Matsuri



Fonte: Arquivo Pessoal

*Figura 10 -Foto: Visita técnica ao Museu da Inconfidência,
Casa dos Contos e Debate do texto 1 “Oh Minas Gerais*



Fonte: Arquivo Pessoal

*Figura 11 - Foto Visita técnica ao Museu da Inconfidência,
Casa dos Contos e Debate do texto 1 “Oh Minas Gerais*



Fonte: Arquivo Pessoal.

*Figura 12 - Foto: Visita técnica ao Museu da
Inconfidência e Debate do texto*



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 13 - Foto: Visita técnica

CCBB debate do texto 1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 14 - Foto: Visita técnica e Debate do texto 1 “Oh Minas Gerais



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 15 - Foto: Visita técnica ao Museu da Inconfidência e Debate do texto 1 “Oh Minas Gerais



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 16 - Foto: Visita técnica Casa dos Contos e Debate do texto 1 “Oh Minas Gerais



Fonte: Arquivo Pessoal

*Figura 17 - Foto: Visita técnica a Senzala na Casa dos Contos
e Debate do texto 1 “Oh Minas Gerais”*



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 18 - Foto: Dinâmica musical de perguntas e respostas do texto 6 com os discentes



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 19 - Foto: Dinâmica musical de perguntas e respostas do texto 6 com os docentes



Foto: Arquivo Pessoal

Figura 20 - Montagem de fotos: Terceira Roda de Conversa



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 21 - Montagem de fotos: Terceira Roda



Fonte: Arquivo Pessoal

*Figura 22 - Montagem de fotos:
Terceira Roda*



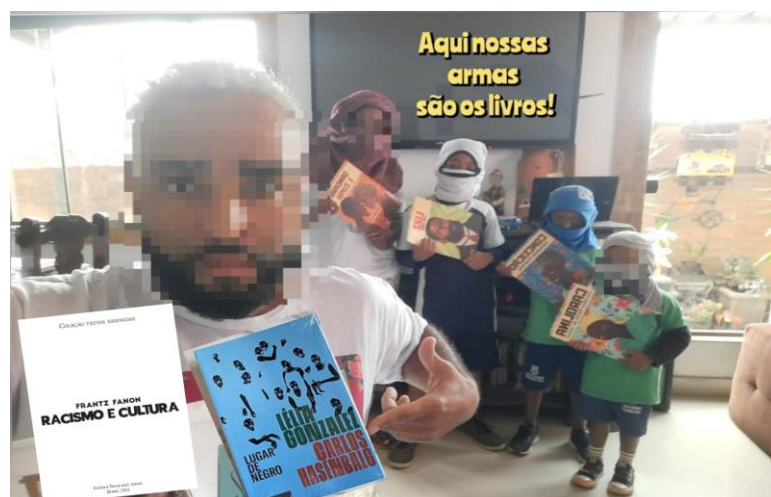
Fonte: Arquivo Pessoal.

*Figura 23 - Montagem de fotos:
Terceira Roda*



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 24 - Foto: Cartaz Provocativo para problematização



Fonte: Arquivo Pessoal